

Estudos Diagnósticos na Formação de Professores

1ª Edição

Organizadores

Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes

Fábio José da Costa Alves

Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Programa de Pós-Graduação em Educação

Organizadores

Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes
Fábio José da Costa Alves

Autores

Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes; Bianca Campos Valente; Bianca Suelen Pantoja Nascimento; Cira Naia Campos Barbosa; Elyane Cristine Ferreira Mota; Fábio José da Costa Alves; Hadassa Queiroz de Souza Damasceno; Iranildo da Silva Oliveira.

Capa: Ângela Karenine Saraiva Alves

Capa

Ângela Karenine Saraiva Alves

Comitê Científico

Acylena Coelho Costa (UEPA)	Gustavo Nogueira Dias (ETRB)
Benedito Fialho Machado (SEDUC & SEMED)	Iran Abreu Mendes (UFPA)
Cinthia Cunha Maradei Pereira (UEPA)	Ivanilde Apoluceno de Oliveira (UEPA)
Claudianny Amorim Noronha (UFRN)	João Cláudio Brandemberg Quaresma (UFPA)
Dennys Leite Maia (UFRN)	José Messildo Viana Nunes (UFPA)
Ducival Carvalho Pereira (UEPA)	Marcos Monteiro Diniz (UFPA)
Eliza Souza da Silva (UEPA)	Maria de Lourdes Silva Santos (UEPA)
Fábio José da Costa Alves (UEPA)	Miguel Chaquiam (UEPA)
Francisco Hermes Santos da Silva (UFPA)	Natanael Freitas Cabral (UEPA)
Glaudianny Amorim Noronha (UNAMA)	Pedro Franco de Sá (UEPA)

FERNANDES, Ana Paula Cunha dos Santos e ALVES, Fábio José da Costa. Estudos Diagnósticos na Formação de Professores. Centro de Ciências Sociais e Educação – UEPA, 2021.

ISBN: 978-65-00-28104-0

Educação; Formação de professores; Formação inicial; Tecnologias na educação.

SUMÁRIO

O USO DE JOGOS VIRTUAIS NO PROCESSO DE LETRAMENTO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAS: A FORMAÇÃO INICIAL COMO IMPORTANTE CAMINHO PARA O PREPARO	5
O ALPHA DE CRONBACH EM UMA PESQUISA SOBRE O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA CONTAGEM	32
O ALUNO SURDO E O CURSO DE LETRAS-LIBRAS EM UMA UNIVERSIDADE DA REGIÃO NORTE	60
O USO DAS TECNOLOGIAS DO DIA-A-DIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS	87
A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS	113
INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES	149

APRESENTAÇÃO

O livro 'Estudos Diagnóstico na Formação de Professores', Organizado pela professora Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes e pelo Professor Fábio José da Costa Alves, é constituído por um conjunto de levantamentos feitos por discentes do Programa de Pós-Graduação em Educação, no nível de mestrado, da Universidade do Estado do Pará, que buscaram levantar informações junto a professores em formação por essa Universidade, discutindo temas importantes na futura prática profissional desses professores em formação.

O livro traz vários levantamentos abordando diversos temas como o uso de jogos virtuais no processo de letramento na aprendizagem dos anos iniciais a partir da formação inicial dos Professores, a importância do Alpha de Cronbach na análise de pesquisas, o aluno surdo e o curso de letras-libras, além do uso de tecnologias no dia a dia na formação de professores da educação Infantil e dos anos iniciais e por último o livro apresenta um levantamento da educação de jovens e adultos no contexto das redes sociais.

Levantamento sobre o uso de jogos virtuais no processo de letramento nos anos iniciais se deu devido a popularização que vem ocorrendo desses tipos de aplicativos e a grande importância que tem no processo de aprendizagem, e devido ainda não estar sendo muito usado nas nossas salas de aula nos anos iniciais, fazendo que as salas de aulas se distanciem as realidades que o aluno vive em casa, com relação a tecnologias.

O levantamento sobre o aluno surdo e o curso de letras libras, traz questionamentos de como vem ocorrendo o processo de ensino-aprendizagem dos alunos surdos no ensino superior, considerando o curso de letras-libras de uma universidade pública.

Levantamento sobre o uso de tecnologia no dia a dia na formação de professores de educação iniciais propiciar reflexões da formação de professores no curso de pedagogia no que diz respeito ao uso de tecnologia no dia a dia e se os alunos se sentem preparados para usá-los em sala de aula em sua atividade profissional.

Por último levantamento e sobre educação de jovens e adultos no contexto das redes sociais que foi realizado com discente do sétimo semestre do curso de pedagogia buscando revelar sobre ensino, aprendizagem e avaliação sobre o uso das redes sociais como facilitador pedagógico na EJA

O livro constitui um excelente material para compreender como esses temas estão sendo tratados atualmente na formação dos novos professores da Educação Básica e em especial das células iniciais, destacando os avanços que já houveram bem como as apresenta as necessidades que são necessárias no processo formativo, para termos bons professores na educação básica.

O USO DE JOGOS VIRTUAIS NO PROCESSO DE LETRAMENTO DA APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS: A FORMAÇÃO INICIAL COMO IMPORTANTE CAMINHO PARA O PREPARO

Bianca Suelen Pantoja Nascimento
Fábio José da Costa Alves
Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes

RESUMO

Este artigo buscou discorrer acerca da discussão entre alfabetização e letramento no processo de ensino-aprendizagem, bem como as diferenciações e contribuições dessas práticas escolares. Teve como objetivo enaltecer a importância do uso de jogos virtuais pelos alunos das séries iniciais, como uma ferramenta pedagógica que possibilita o desenvolvimento da aprendizagem. Para tanto, partiu-se do viés da formação inicial dos graduandos de Pedagogia de uma universidade pública, em que coube analisar, a partir das disciplinas no decorrer do curso, se as aulas ministradas contemplavam o uso de jogos virtuais para que os estudantes saibam lecionar nos anos iniciais e melhorar sua prática pedagógica quanto ao letramento da língua materna e matemática. A análise e coleta dos dados foi realizado pela aplicação de questionários na turma do sétimo semestre, a partir da confiabilidade do resultado, por meio do coeficiente de correlação Alfa de Cronbach. Os resultados mostram que, embora se tenha o entendimento acerca da importância dos jogos lúdicos no planejamento, quando se volta para o uso de jogos virtuais, ainda existe pouca ênfase para essa questão como um importante aliado na formação e na aprendizagem de qualidade.

PALAVRAS-CHAVE: Letramento; Jogos Virtuais; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

O processo de aquisição da leitura e da escrita para a construção de uma aprendizagem de forma satisfatória aos discentes dos anos iniciais, requer uma prática pedagógica diferenciada, principalmente para os alunos que apresentam dificuldades de aprendizagem, considerando que cada aluno tem seu próprio tempo ou ritmo no ato do seu aprender, portanto, oferecer outras possibilidades a eles, torna-se fundamental, vislumbrando uma aprendizagem mais prazerosa, por meio de recursos pedagógicos inovadores. É importante frisar a contribuição dos jogos virtuais nos anos iniciais como uma prática que buscará facilitar o desenvolvimento dos conteúdos e aflorar as habilidades dos educandos.

Para isso, buscou-se analisar como está ocorrendo a formação inicial dos estudantes de Pedagogia do sétimo semestre, em que foi possível perceber por meio da aplicação de questionários, como esses estudantes estão sendo preparados para utilizar ferramentas pedagógicas e inovadoras nos anos iniciais. Sendo assim, a formação inicial é um importante caminho no que diz respeito preparar esses futuros professores da educação básica. Nesse intuito, é necessário que o professor possa adentrar no universo de seus alunos, sabendo quais ferramentas esses alunos têm utilizado no seu dia a dia, para que através dessas informações, os professores possam incorporar novas tecnologias no seu cotidiano escolar, com aulas adaptadas e dinâmicas. Em outros casos, se a escola já apresenta esses recursos e o acesso já é uma realidade com salas de informática, disponibilidade de equipamentos

como computador, internet, etc. Todo esse aparato pode ser aproveitado e é um meio para que se possa apresentar uma nova prática de letramento.

O letramento e a alfabetização e suas diferentes abordagens de intervenção

Compreendendo que a linguagem também é um processo dinâmico, no Brasil a discussão sobre letramento teve seu marco inicial em meados dos anos de 1990. Por conseguinte, a repercussão sobre letramento consistiu em uma nova concepção ao tratar a aquisição da leitura e da escrita. Sendo assim, para além da alfabetização, o conceito de letramento configura-se em uma perspectiva mais aprofundada no processo de ensino-aprendizagem. Por esse viés, a alfabetização é mais limitada, enquanto que o letramento busca fazer do conhecimento uma apreensão mais crítica da realidade. Nessa perspectiva, o saber e a realidade estão interligados, pois ambos unidos, irão provocar muitas mudanças.

Kleiman (1995), conceitua o letramento como uma vertente que tem como intuito colaborar com as situações dos sujeitos que estão à margem da sociedade, portanto, busca equiparar os interesses teóricos com interesses sociais e desta forma, os sujeitos marginalizados que não dominam a escrita tenham a oportunidade de transformar a sua realidade social.

[...] o conceito de letramento começou a ser usado nos meios acadêmicos numa tentativa de separar os estudos sobre o 'impacto social da escrita' dos estudos sobre a alfabetização, cujas conotações escolares destacam as competências individuais no uso e na prática da escrita (KLEIMAN, 1995, p. 15).

A autora mostra que o letramento é um processo mais abrangente do que a alfabetização. Outra perspectiva de acordo com Tfouni (1995), acerca do entendimento sobre letramento, esse consiste em "focalizar os aspectos sócio históricos da aquisição de um sistema escrito por uma sociedade." (TFOUNI, 1995, p.20).

Compreendendo que o processo de letramento é um modo de problematizar formas de dominação nas relações de mundo, portanto, uma vertente que pode ser mais afinada no contexto educacional, esta por sua vez, apresenta uma singularidade. Por isso, é importante reiterar sua essência.

Podemos definir hoje o letramento como um conjunto de práticas sociais que usam a escrita, enquanto sistema simbólico e enquanto tecnologia, em contextos específicos, para objetivos específicos [...]. As práticas específicas da escola, que forneciam o parâmetro de prática social segundo a qual o letramento era definido, e segundo a qual os sujeitos eram classificados ao longo da dicotomia alfabetizado ou não alfabetizado, passam a ser, em função dessa definição, apenas um tipo de prática – de fato, dominante – que desenvolve alguns tipos de habilidades, mas não outros, e que determina uma forma de utilizar o conhecimento sobre a escrita. (KLEIMAN, 1995, p. 19).

Ao aprofundar os muitos conceitos segundo diversos autores, é perceptível que há diferenças quanto as diferenciações entre alfabetização e letramento. Enquanto uma busca

apenas a aquisição e memorização de palavras, o outro tende a realizar uma leitura crítica de mundo na complexidade das relações históricas, que resultará em transformação.

Entendendo essas definições, há outro fator importante nesse processo, a qual são as práticas de letramento, trazidas também em conceituações. Para Street (2003) “práticas de letramento são os modelos por nós utilizados para produzir significado em atividades baseadas na leitura e na escrita, e tais modelos são culturalmente determinados.” (STREET, 2003)

Sob esse ângulo, entende-se que são apresentados modelos aos sujeitos do processo educativo, logo entendemos que se culturalmente estamos inseridos na sociedade da informação e da tecnologia, podemos então, englobá-la nos processos de ensino e de aprendizagem, para que nesta abordagem os sujeitos sejam incluídos. Não obstante, outro fator é que os sujeitos marginalizados, também façam parte do processo e passem a integrar seus saberes com criticidade e autonomia.

Nessa perspectiva, a formação dos professores, ao mesmo tempo em que promove a integração das diferentes perspectivas de letramento e suas práticas, precisa estar aliado com o uso de recursos pedagógicos, que opere como instrumento de intervenção e solução de conflitos nas situações de aprendizagem.

Subjacente a essa compreensão ampliada e enriquecida de interpretação da realidade, embora não possam nem devam ignorar a existência de realidades desiguais, mas que se possa priorizar a formação dos educadores para que estejam preparados para lidar com o letramento da língua materna e matemática, bem para com os desafios de proporcionar às discentes aulas atrativas e dinâmicas, com o objetivo de minimizar as dificuldades recorrentes no cotidiano escolar.

Ainda sobre as diferenciações entre letramento e alfabetização temos a concepção do material intitulado Pró-letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem (BRASIL, 2007, p. 11)

Letramento é pois, o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever, bem como o resultado da ação de usar essas habilidades em práticas sociais, é o estado ou condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da língua escrita e de ter-se inserido num mundo organizado diferentemente: a cultura escrita. Como são muito variados os usos sociais da escrita e as competências a eles associadas (de ler um bilhete simples a escrever um romance), é frequente levar em consideração níveis de letramento (dos mais elementares aos mais complexos). Tendo em vista as diferentes funções (para se distrair, para se informar e se posicionar, por exemplo) e as formas pelas quais as pessoas têm acesso à língua escrita – com ampla autonomia, com ajuda do professor ou da professora, ou mesmo por meio de alguém que escreve, por exemplo, cartas ditadas por analfabetos (BATALHA, 2011, apud BRASIL, 2007, p. 11).

Batalha (2011) afirma que é um equívoco dissociar letramento e alfabetização, nesse viés, substituí-los ou dispensar um é uma consequência. Todavia, de acordo com o

Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem (2007, p. 13), o desafio maior é o de conciliar esses dois processos “assegurando aos alunos a apropriação do sistema alfabético-ortográfico e condições possibilitadoras do uso da língua nas práticas sociais de leitura e escrita.”

Entende-se assim alfabetização como o processo específico e indispensável de apropriação do sistema de escrita, a conquista dos princípios alfabético e ortográfico que possibilita ao aluno ler e escrever com autonomia. E, entende-se letramento como o processo de inserção e participação na cultura escrita. Trata-se de um processo que tem início quando a criança começa a conviver com as diferentes manifestações da escrita na sociedade (placas, rótulos, embalagens comerciais, revistas, etc.) e se prolonga por toda a vida, com a crescente possibilidade de participação nas práticas sociais que envolvem a língua escrita (leitura e redação de contratos, de livros científicos, de obras literárias, por exemplo). (BATALHA, 2011, p. 6)

A luz dessas premissas, ocorre que a formação inicial necessita também cada vez mais propiciar esse diálogo para que os futuros professores tenham base em sua prática diária e no trato com a aprendizagem significativa sobre como “alfabetizar letrando” conforme o documento frisado.

Tratando também do letramento matemático como parte desse diálogo, uma das razões também das dificuldades de aprendizagem pela maioria dos educandos, sobretudo, quanto aos desafios de lecionar a disciplina de Matemática nos anos iniciais, é que se faz primordial essa discussão. Machado (2003) assim conceitua:

[...] podemos explicitar nosso entendimento para "letramento matemático" como expressão da categoria que estamos a interpretar, como: um processo do sujeito que chega ao estudo da Matemática, visando aos conhecimentos e habilidades acerca dos sistemas notacionais da sua língua natural e da Matemática, aos conhecimentos conceituais e das operações, a adaptar-se ao raciocínio lógico abstrativo e dedutivo, com o auxílio e por meio das práticas notacionais, como de perceber a Matemática na escrita convencionalizada com notabilidade para ser estudada, compreendida e construída com a aptidão desenvolvida para a sua leitura e para a sua escrita. (Machado, 2003, p.135)

O autor explicita a importância de elementos “notacionais”, em que se possa perceber a Matemática nas diversas contextualizações, por isso enfatiza a leitura e a escrita como bases na construção de raciocínios lógicos. No entanto, mesmo que Machado não expresse em sua definição de letramento matemático a relação desse conceito com a realidade social para que os alunos inter-relacionem no meio ao qual necessite certa criticidade, esse fazer pode ser compreendido quando frisa a interpretação.

Todavia, interpretar é a ação que mais carece de ser analisada e aperfeiçoada ao longo do tempo. A interpretação como um desafio em que os alunos obtenham essa habilidade e nessa proposta desenvolver o letramento matemático para os fins de autonomia e desenvolvimento.

O uso de jogos pedagógicos como recurso inovador no processo de ensino-aprendizagem

Ao reportar as ideias sobre a utilização de jogos enquanto ferramenta pedagógica, faz-se referência para a prática lúdica na educação, pois a própria palavra significa, jogo ou diversão que deriva do termo latino 'ludus'. Huizinga (2010) ressalta que jogo e lúdico estão interligados e nessa mesma perspectiva, frisa que o domínio lúdico se relaciona com o jogo.

Quem poderia negar que todos estes conceitos - desafio, perigo, competição etc. - estão muito próximos do domínio lúdico? Jogo e perigo, risco, sorte, temeridade - em todos estes casos trata-se do mesmo campo de ação, em que alguma coisa está em 'jogo'. (HUIZINGA, 2010, p. 05)

Nota-se que os conceitos e exemplos abstratos sobre o lúdico, pairam sobre a palavra jogo. De acordo com Guerreiro (2015), tem-se uma dificuldade de definição quanto ao que é jogo, considerando suas múltiplas características, sendo necessário atrelá-lo ao ensino, especificamente o ensino baseado em jogos. Desse modo, ressalta que fazer utilização de jogos no ensino tem a ver com motivação, mas não se restringe somente a isso.

Moita (2007), diz que os jogos podem atuar na produção de saberes, bem como no desenvolvimento de atividades cognitivas e que, portanto, a interação entre jogadores pode oferecer soluções de problemas e ressignificação acerca da capacidade de conduzir o comportamento e atitudes no ato de aprender.

Outra característica do jogo na visão de Prensky (2001), o jogo oportuniza mais que motivação, o desenvolvimento da aprendizagem, o ganho de criatividade, envolvimento grupal, logo também a interação entre os sujeitos.

Guerreiro (2015) aponta para a importância dos jogos digitais educativos e ressalta que essa é uma das atividades mais presentes nos lares dos alunos. Nesse estudo, o autor utilizou o termo jogos digitais como sendo sinônimos para os termos jogos eletrônicos, games e videogames, pois essas definições possuem o elemento digital em sua concepção.

Não obstante, afirma que desenvolver jogos digitais é algo trabalhoso, o autor reitera e demonstra em sua fala

"não é uma tarefa tão simples quanto pensávamos inicialmente. Ela envolve conhecimentos da psicologia, da engenharia, da comunicação e de muitas outras áreas." (GUERREIRO, 2015, p. 24)

Esse estudo evidencia que tem crescido as pesquisas voltadas para a utilização de jogos digitais, e por sua vez cresce o percentual sobre o total de alunos que utilizam o computador e a internet para jogar jogos educativos. Ao estudar o comportamento dos filhos sobre o uso de jogos em casa, surge o interesse de adequar os jogos digitais com fins educativos e sob esse aspecto que visasse analisar as dimensões lúdico e didático pedagógica.

Percebemos que muitos pesquisadores já estão se preocupando com os rumos da educação na qual os jogos eletrônicos fazem parte. Já percebemos uma movimentação acelerada de trabalhos que envolvem a utilização de jogos eletrônicos

no Ensino, mas, no entanto, pouco sabemos sobre quais dimensões considerar no seu processo de criação. (GUERREIRO, 2015, p.31)

A aprendizagem baseada em jogos é uma tentativa de superar os obstáculos na educação, neste sentido os jogos utilizados como tecnologias mediadoras da relação ensino-aprendizagem, os quais, podem se estruturados para introduzir novos conceitos e também é essencial observar para que os jogos alcancem fins educativos por meio de um plano de ação que norteie as atividades das aulas, com planejamentos, de forma a explorar todo o seu potencial, propiciando as discussões acerca de sua finalidade, fazendo a relação com os conteúdos escolares.

Santos (2000), chama a atenção sobre a aplicabilidade dos jogos pedagógicos no ambiente escolar, a partir da necessidade de um planejamento com objetivos precisos e posteriormente a avaliação dessa ação.

Em síntese, jamais pense em usar jogos pedagógicos sem rigoroso e cuidadoso planejamento marcado por etapas muito nítidas e que efetivamente acompanhem o progresso dos alunos, e jamais avalie sua qualidade de professor pela quantidade de jogos que emprega, mas sim pela qualidade dos jogos que se preocupou em pesquisar e selecionar. (SANTOS, 2000, p.39)

Os jogos virtuais interativos e o letramento da matemática

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) O significado da matemática para o aluno resulta das conexões que ele estabelece entre ela e as demais disciplinas, entre ela e o seu cotidiano e das conexões que ele estabelece entre os diferentes temas matemáticos” (BRASIL, 1998, p. 20)

Para Falkemback (2012) os jogos educacionais computadorizados são softwares que apresentam conteúdos e atividades práticas com objetivos educacionais baseados no lazer e na diversão e se colocando na aprendizagem matemática o jogo interativo é uma boa proposta que visa diversificar o ensino e nesse processo a escola é a principal incentivadora, no que tange essa efetivação.

A escola deve enfatizar o jogo, as situações-problemas, os desafios e conflitos. Essas práticas devem ser frequentes nas salas de aula, pois, por meio do jogo, a criança sente uma razão intrínseca para exercitar sua inteligência e capacidade. As crianças podem reforçar conteúdos vistos em aula de uma maneira atraente e gratificante. O jogo na perspectiva construtivista constitui-se como um recurso pedagógico de inestimável valor [...] além de propiciar o desenvolvimento cognitivo. (FALKEMBACK, 2012, p. 27)

Os jogos virtuais interativos que são desenvolvidos em computadores oportunizam aos discentes uma afinidade maior com a disciplina, uma vez que essa ainda é considerada a que oferece mais desafios para sua compreensão.

Oliveira (2007), reitera que é possível extrair dos jogos espontâneos noções matemáticas vivenciadas durante a ação do jogo. Sobre isso cumpre frisar que a interação

com diversos jogos tende a influenciar os educandos ao gosto pela disciplina de matemática com dinamismo e criatividade, fazendo com que a relação com o conteúdo ocorra de modo prazeroso e aprendizagem não se torne um fardo.

O letramento da língua materna, por meio de jogos interativos também se tornará um ato reflexivo e crítico e o uso de tecnologias tornará a educação sistematizada e pensada para o ato de interpretar o mundo, as palavras e os textos, aumentando o potencial criativo dos alunos.

Abordagem quantitativa: uma análise para compreender o uso de jogos virtuais

Nas análises de Gatti (2004), a autora traz à tona uma preocupação acerca de dados quantitativos quanto a consistência das análises, ou seja, pela falta de bases sólidas que estruturam fundamentações para uma leitura crítica e contextualizada de determinados dados. No que tange ao contexto atual, percebe-se que essas preocupações ainda são recorrentes, visto que, ainda se torna necessário ampliar a discussão de dados quantitativos de uma pesquisa, em que se busque o domínio das técnicas pois “a quantificação abrange um conjunto de procedimentos, técnicas e algoritmos destinados a auxiliar o pesquisador e extrair de seus dados subsídios para responder à (s) pergunta (s) que o mesmo estabeleceu como objetivos do seu trabalho.” (FALCÃO; RÉGNIER, 2000, p. 232 apud GATTI, 2004, p. 14)

Deste modo, cumpriu-se trazer para estas análises a confiabilidade para medir com o uso de questionários, calculados através do Alfa de Cronbach que é “um coeficiente de correlação quadrado que mede a homogeneidade das perguntas por meio da média de todas as correlações entre os itens para ver o que de fato parecem.” (ALVES; FERNANDES; SILVA, 2018, p. 10)

Sendo assim, para esta metodologia foram aplicados questionários que visou verificar em uma turma de sétimo semestre do curso de Pedagogia, como as disciplinas do curso contribuíram para a formação dos estudantes para lecionar o letramento da língua materna e matemática nos anos iniciais com o uso de jogos virtuais, em que foram divididos por categorias de ensino, aprendizagem e avaliação e foram analisados por blocos. Após a coleta dos dados foi realizado o cálculo para medir a confiabilidade, resultando em 0,94 % isso quer dizer que os dados são confiáveis para esta análise.

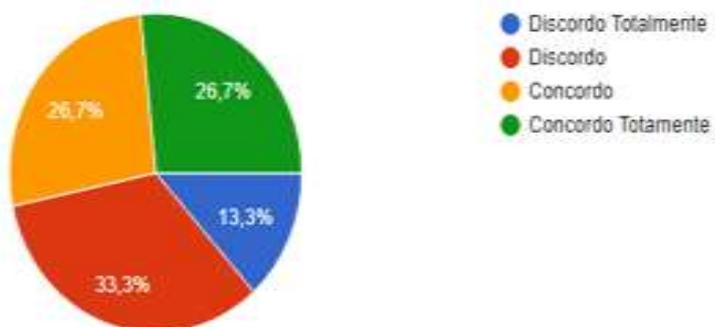
O bloco I considerou as questões envolvendo a importância do uso de jogos virtuais como um meio facilitador para os tipos de letramentos discutidos neste estudo no ensino. Percebemos que as respostas obtidas pelos estudantes perpassaram os quatro níveis de afirmações sobre concordar ou discordar, atentando se os discentes foram contemplados pelas disciplinas e conteúdos nesse viés de aprendizagem quanto à sua formação. Ao discordarem das proposições postas nos dois primeiros quadrados, consideramos que as

disciplinas ao longo do curso não demonstram plenamente a utilização voltada para prática de jogos virtuais, embora as aulas sobre tecnologias voltem-se para essa ação, apenas no determinado período em que foram ofertadas e conseqüentemente sensibilizou para as dificuldades e necessidades dessa prática.

Ensino- bloco I:

As disciplinas do curso de pedagogia contribuem para o letramento (língua materna em matemática) por meio de jogos de virtuais nos anos iniciais.

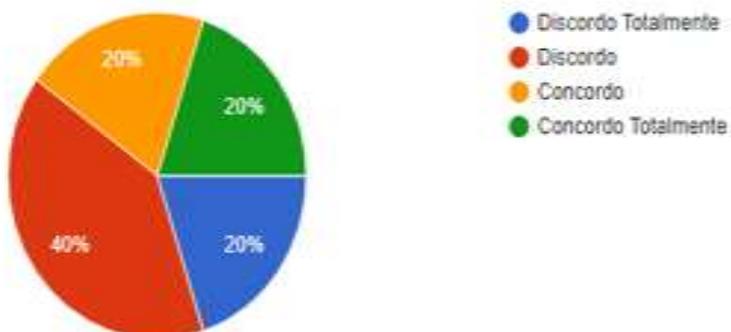
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os conteúdos das disciplinas do curso de pedagogia favorecem o letramento (língua materna e matemática) por meio de jogos virtuais nos anos iniciais.

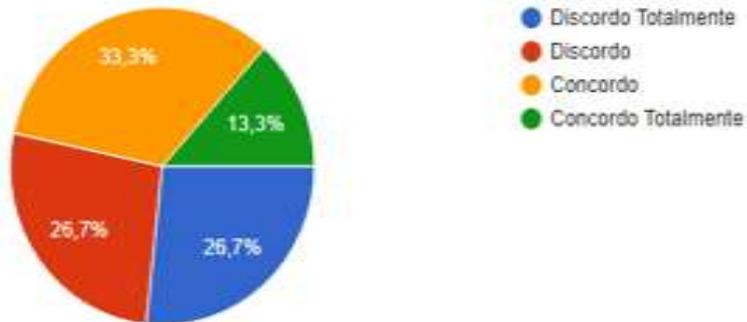
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

As aulas sobre tecnologias envolvem o uso de jogos virtuais no processo de ensino e aprendizagem nos anos iniciais

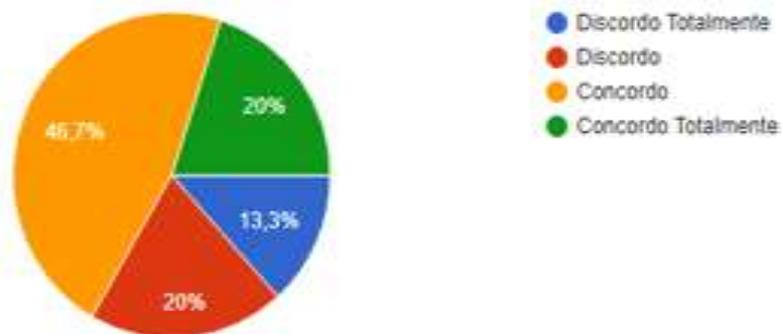
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Uso de jogos virtuais pelos professores do curso de pedagogia constituem um recurso didático que sensibilize o discente para as dificuldades no ensino nos anos iniciais.

15 respostas



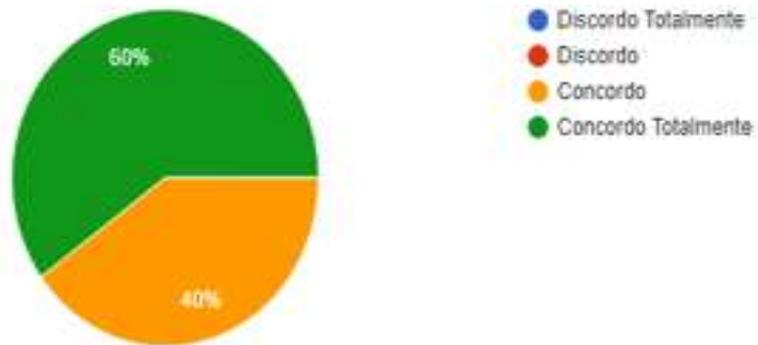
FONTE: Elaborado pelo autor

No bloco II, é consenso que o uso de jogos potencializa as aprendizagens, o que fica evidente é que no segundo quadrado é que durante as disciplinas existe pouca concentração para o ensino sobre esse uso e a maior porcentagem concentra-se em discordar totalmente sobre o ensino de aplicativos e sua criação no que tange sua aplicação nos anos iniciais, tornando-se uma ausência esse tipo de ferramenta.

Bloco II

O uso de jogos virtuais como instrumento didático, pode potencializar o letramento (língua materna e matemática) nos anos iniciais.

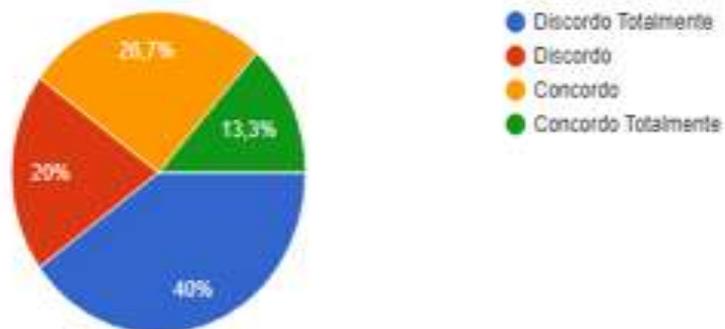
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

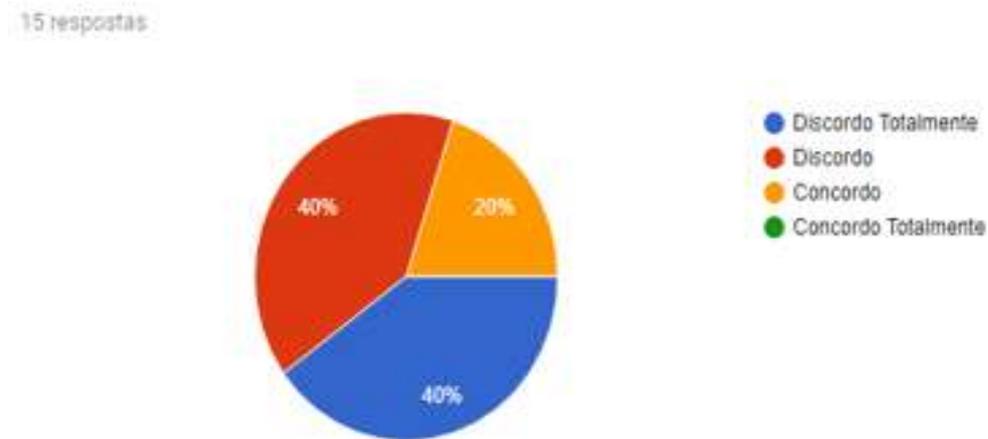
No curso de pedagogia existem momentos nas disciplinas para ensinar o uso de jogos virtuais nos anos iniciais.

15 respostas



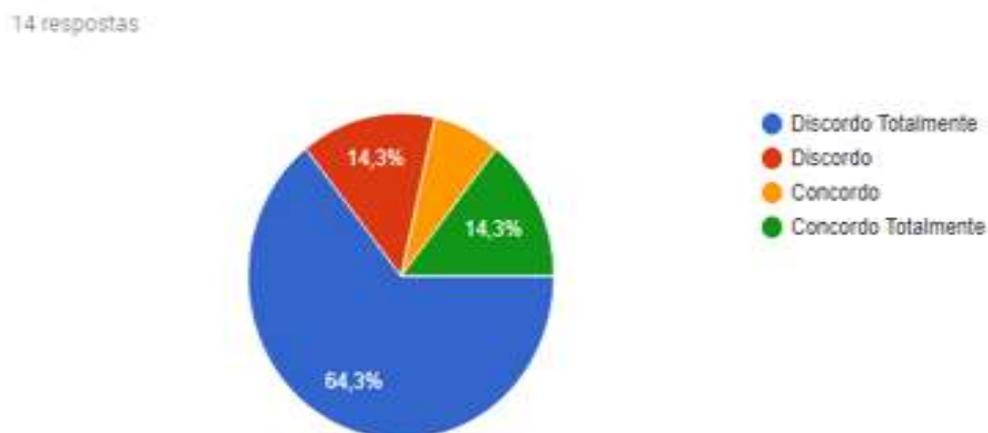
FONTE: Elaborado pelo autor

No curso de pedagogia os professores ensinam o letramento da língua materna por meio de aplicativos



FONTE: Elaborado pelo autor

Os professores da UEPA ensinam os alunos a desenvolver aplicativos que podem ser trabalhados nos anos iniciais.



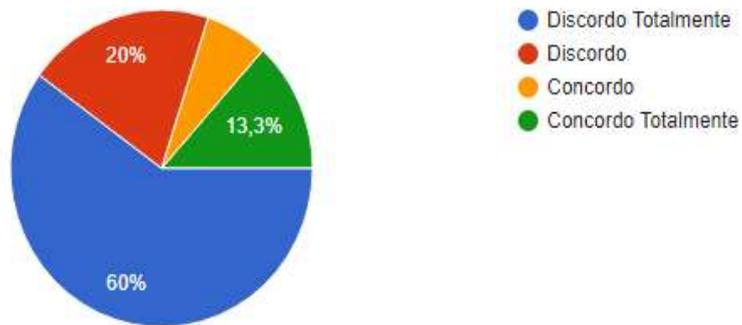
FONTE: Elaborado pelo autor

O bloco III evidencia que a utilização de jogos como instrumento de aprendizagem é algo que é contemplado como um recurso facilitador durante o curso, contudo, o jogo, especificamente na perspectiva virtual ou em plataformas, não é uma ferramenta debatida continuamente, por isso uma parcela discorda totalmente de que as aulas debatidas ao longo do curso são desenvolvidas com o uso de jogos virtuais.

Bloco III

No curso de pedagogia os professores ensinam letramento da matemática por meio de aplicativo nos anos iniciais.

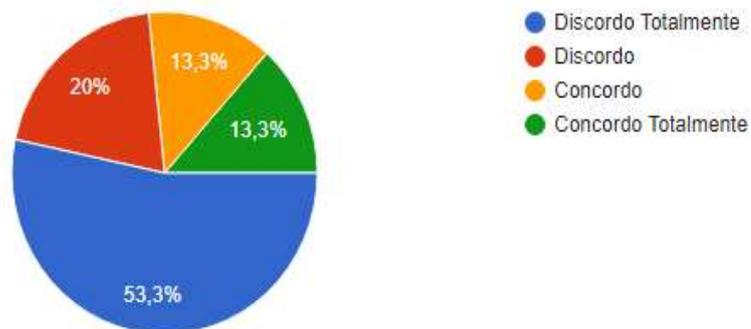
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os discentes aprendem metodologias para fazer uso de jogos virtuais como ferramenta didática nos anos iniciais.

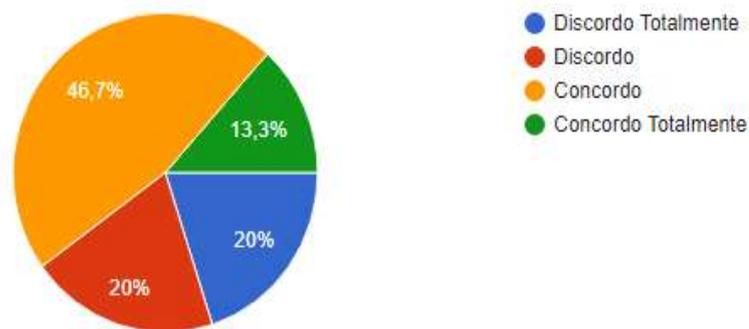
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

As aulas no curso de pedagogia contemplam o uso de jogos como instrumento de aprendizagem.

15 respostas



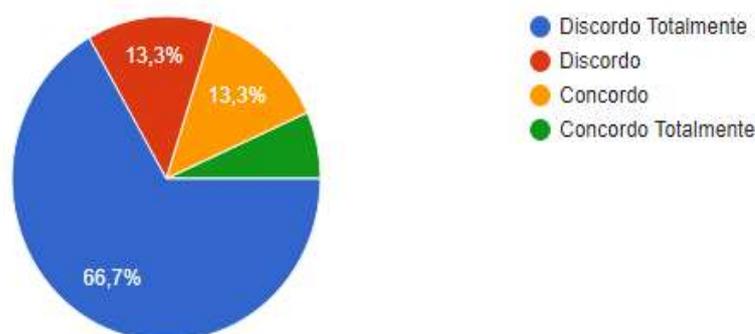
FONTE: Elaborado pelo autor

As perguntas que fecham os questionários quanto à categoria de ensino que seguem no bloco IV, mostram que o uso de jogos virtuais para o letramento não é frisado e utilizado como um recurso que deve ser constantemente usado pelos professores como planejamento nos anos iniciais e diminuindo as experiências ao lidar com essas ferramentas, bem como o preparo para o ato de planejar e manusear, mesmo sabendo que o seu uso permite o desenvolvimento das aprendizagens dos alunos nos anos iniciais.

Bloco IV

As aulas no curso de pedagogia são desenvolvidas com o uso de jogos virtuais.

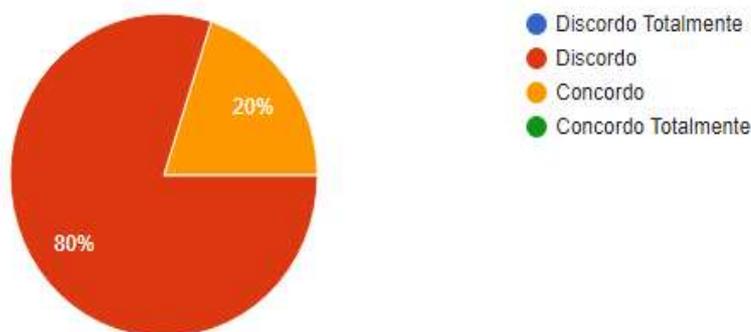
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Uso de jogos virtuais para lecionar nos anos iniciais é utilizado como recurso de planejamento pelos discentes da graduação.

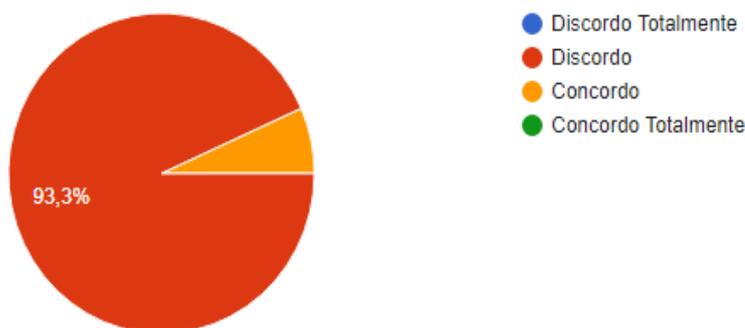
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

O letramento da língua materna e matemática é desenvolvido por meio de jogos virtuais para que os alunos da graduação ensino nos anos iniciais.

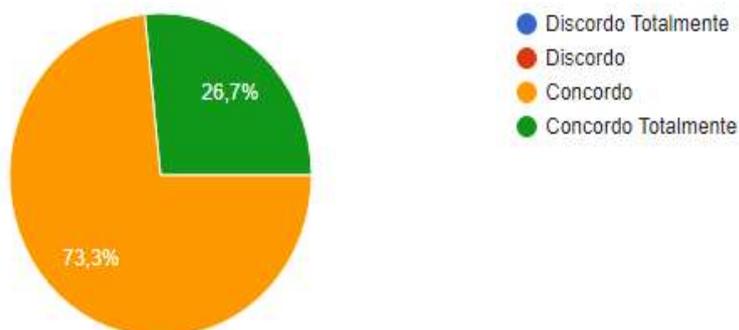
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

O estudante por meio de jogos virtuais permite o desenvolvimento de aula dinâmica e prática.

15 respostas



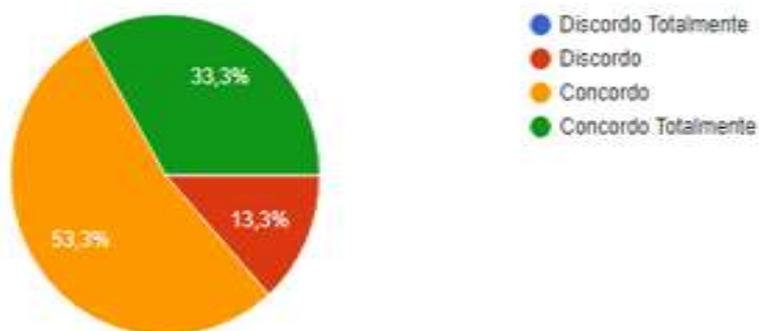
FONTE: Elaborado pelo autor

A categoria de aprendizagem objetivou verificar a percepção dos estudantes quanto à sua aprendizagem por meio de jogos virtuais na sua formação. Nesse intuito, o letramento é visto como algo essencial para se trabalhar nos anos iniciais, todavia, o acompanhamento sobre atividades que possam oferecer habilidades aos discentes, é algo que precisa ser continuamente desenvolvido, mesmo que o uso de jogos virtuais seja uma prática inovadora para o ensino nos anos iniciais, tendo um olhar diferenciado e como oportunidade de minimização das dificuldades na aprendizagem dos alunos da escola básica, isso tende a ser pouco aprofundado durante a graduação, como podemos ver no Bloco V.

Bloco V

A maioria dos Estudantes aprende melhor quando os professores lhe propõem, regularmente, tarefas para serem realizadas com o uso de plataformas virtuais ao longo do ano/semestre/bloco.

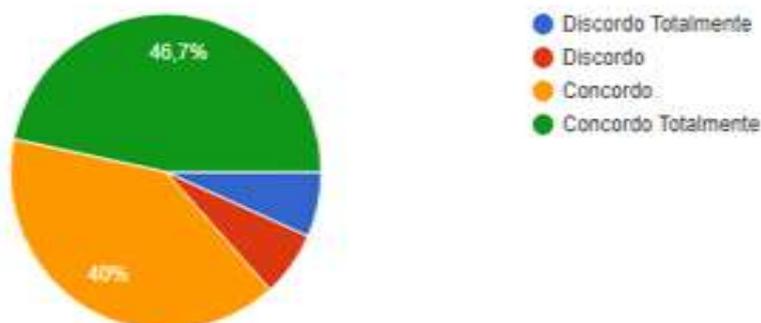
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os estudantes aprendem mais quando eles são apresentados aulas em que possam aprender a fazer planejamento sobre letramento da língua materna e matemática para os anos iniciais.

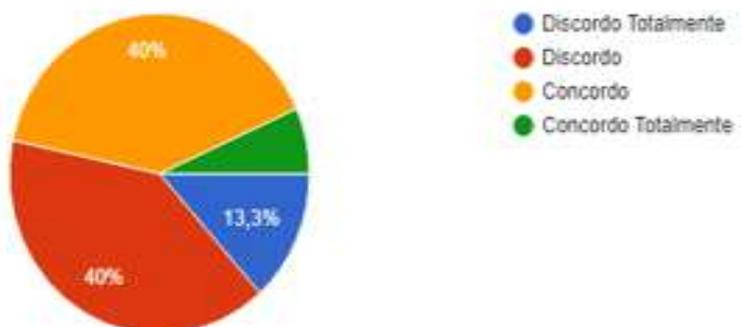
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

A maioria dos Estudantes aprende os conteúdos praticados por meio de uso de jogos virtuais porque tem que estudar para as provas e/ou exame finais.

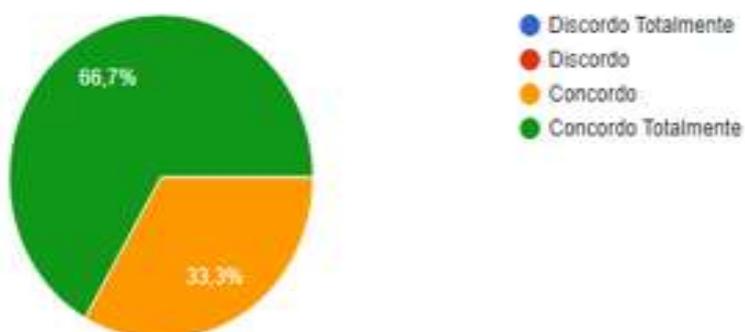
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

A maioria dos Estudantes aprende melhor quando os professores utilizam uma diversidade de dinâmicas em sala de aula, para desenvolver atividade relacionada ao livramento de língua materna e matemática que possam ser trabalhadas nos anos iniciais.

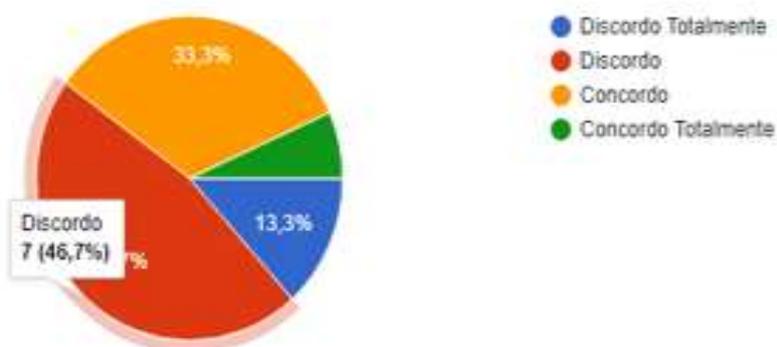
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os estudantes, em geral, São adequadamente acompanhados e orientados pelos professores ao longo do processo de aprendizagem sobre atividades envolvendo letramento da língua materna e matemática.

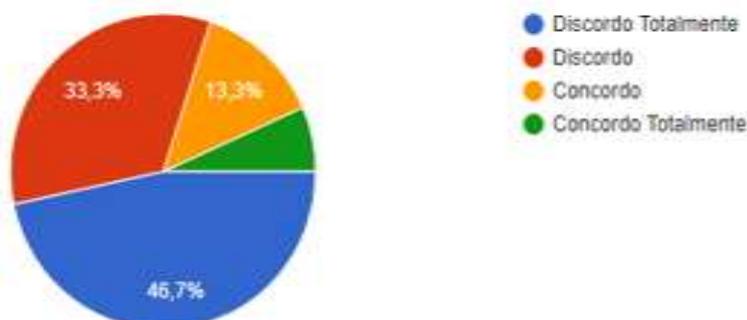
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Estudar para as provas e/ou exames finais, por meio de jogos virtuais é, em geral, suficiente para que os estudantes aprendam que está previsto nas disciplinas.

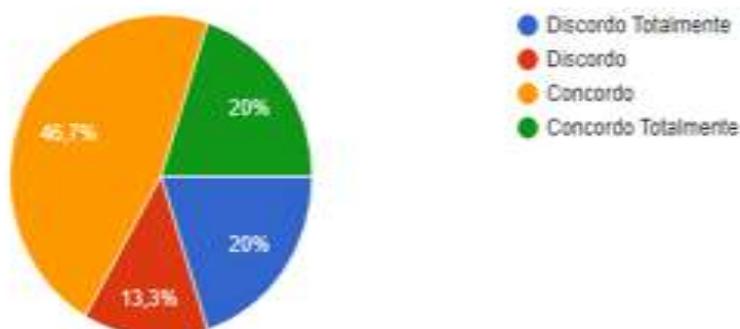
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Na maioria das disciplinas, avaliação acerca do preparo do letramento da língua materna e matemática para lecionar nos anos iniciais, desenvolve-se de maneira contínua ao longo do ano/semestre/bloco.

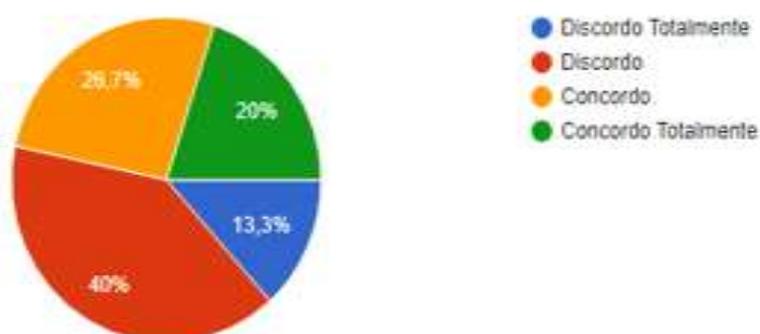
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Em geral, nos estudantes utilizam as informações decorrentes das avaliações para a melhoria de suas aprendizagens envolvendo o uso de tecnologia.

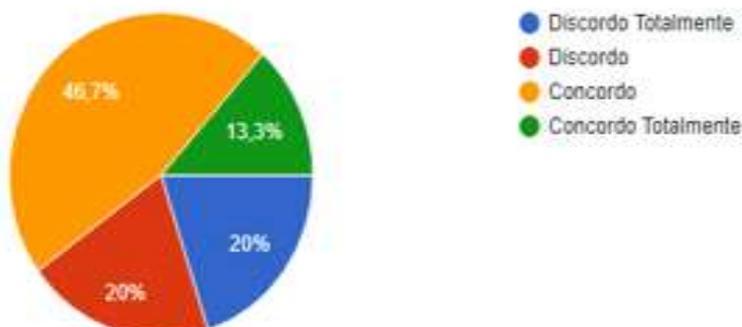
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Para a maioria dos professores e dos estudantes, aprender significa alcançar os objetivos dos programas de cada disciplina.

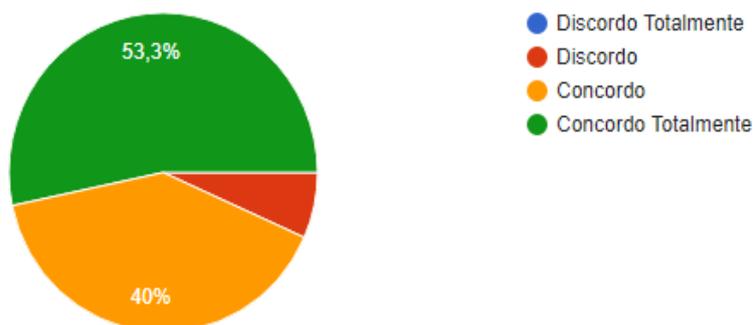
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

De modo geral, os estudantes aprendem melhor nas disciplinas em que a avaliação é um processo que se desenvolve de forma a continuar ao longo do ano/semestre/bloco.

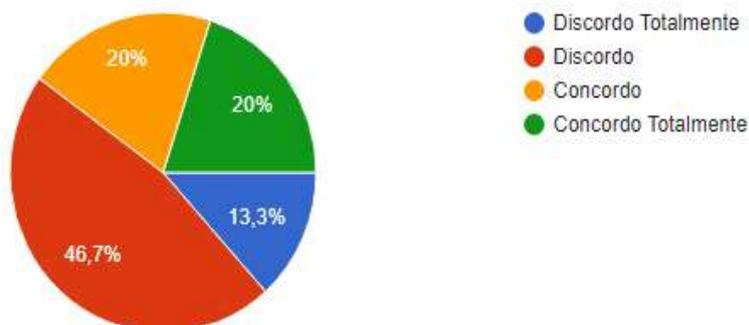
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os estudantes, em geral, envolvem-se ativamente nas tarefas de aprendizagem que desçam proposta pelos professores acerca do uso de jogos virtuais dos anos iniciais.

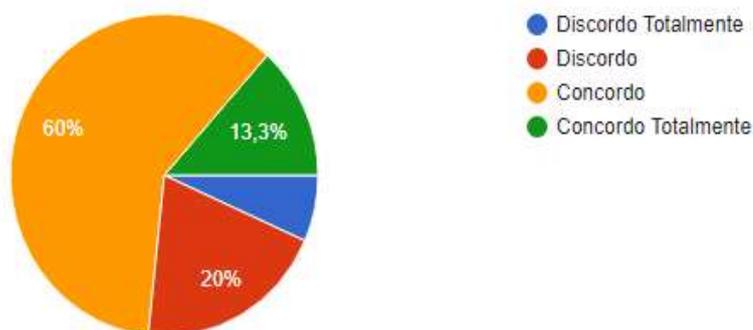
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

A maioria das aulas são estruturadas de forma a criar oportunidade para o estudante verificar se aprenderam os assuntos previstos nos programas para lecionar nos anos iniciais.

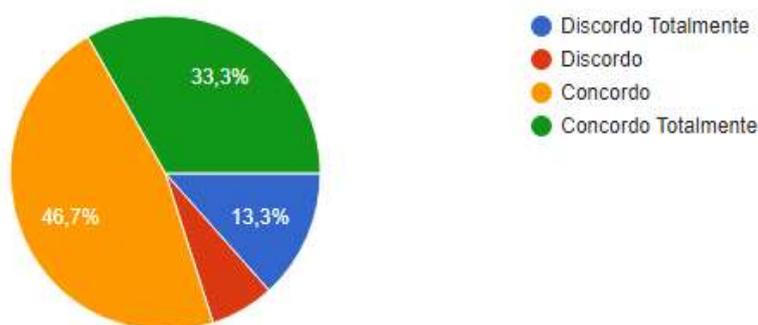
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os estudantes aprendem melhor nas disciplinas em que são, sistematicamente, incentivados pelos professores a participar em todas as atividades envolvendo o uso de jogos virtuais ou outros tipos de ferramentas tecnológicas.

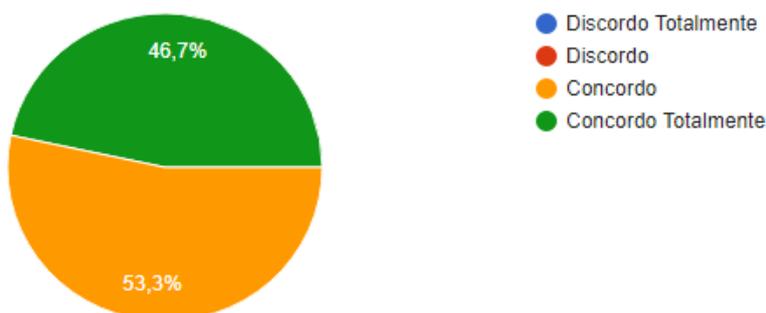
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

O planejamento das aulas que utilizam recursos/ferramentas tecnológicas/as. é favorável ao desenvolvimento da aprendizagem por parte dos alunos que vise o aprimoramento para o letramento da língua materna e matemática nos anos iniciais.

15 respostas



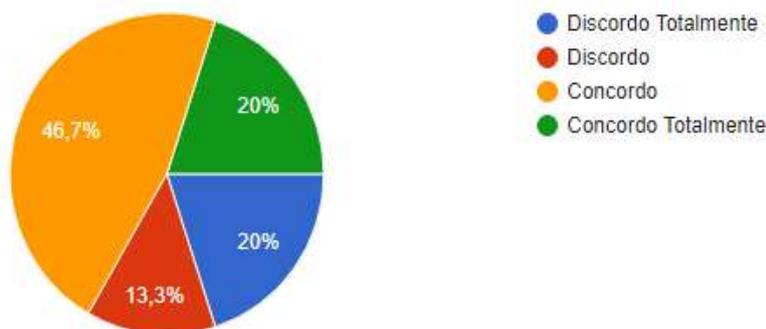
FONTE: Elaborado pelo autor

Buscamos observar através da coleta desses dados como os estudantes avaliam as práticas para lecionar nos anos iniciais, especialmente sobre o preparo do letramento da (língua materna e matemática), sendo assim, concordam que avaliação desse aspecto visa perceber se o processo de formação para atuar nos anos iniciais ocorre de forma consistente. Por conseguinte, debater sobre o uso de recursos tecnológicos nesse processo mostra uma variação nas respostas. Os estudantes, em sua maioria concordam também que a avaliação é utilizada para atribuir notas/classificação no final das disciplinas. Entretanto, sabemos que esse momento contribui para se possa melhorar ou preencher lacunas não alcançadas em um determinado período e que sejam buscadas nos próximos semestres. Segue essas informações no Bloco VI.

Bloco VI

Na maioria das disciplinas, avaliação acerca do preparo do letramento da língua materna e matemática para lecionar nos anos iniciais, desenvolve-se de maneira contínua ao longo do ano/semestre/bloco.

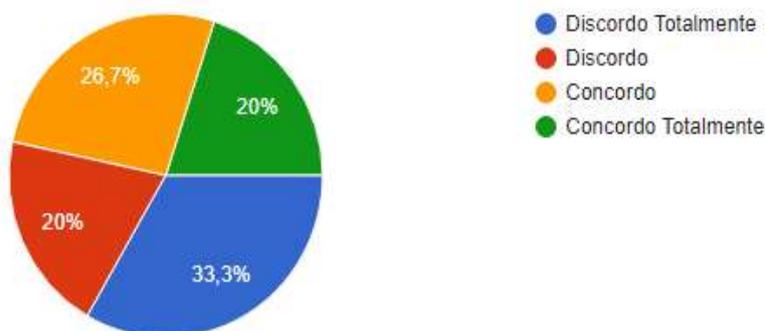
15 respostas.



FONTE: Elaborado pelo autor

Os professores, ao longo do ano/semestre/bloco, debatem com os estudantes, frequentemente, a organização e o desenvolvimento do processo de avaliação acerca do uso de recurso tecnológico nos anos iniciais.

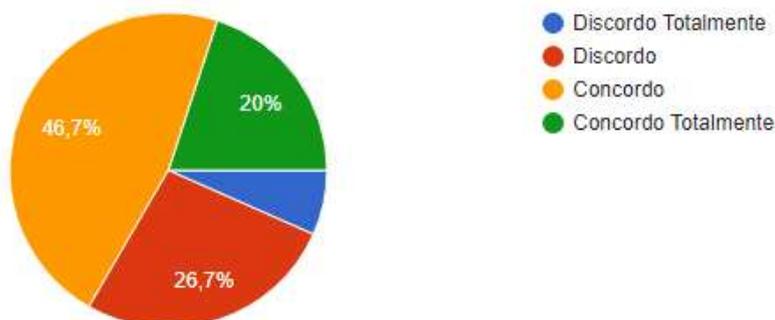
15 respostas.



FONTE: Elaborado pelo autor

Os critérios de avaliação utilizado em cada disciplina são conhecidos pela maioria dos alunos.

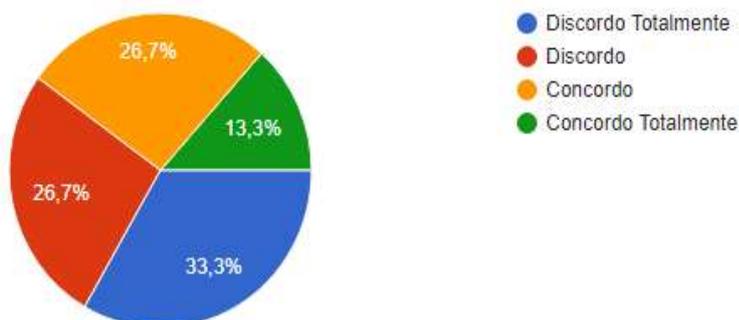
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

No processo de avaliação utiliza-se, como frequência, uma diversidade de tarefas e instrumentos com a utilização de jogos virtuais, recursos para didáticos e novas tecnologias.

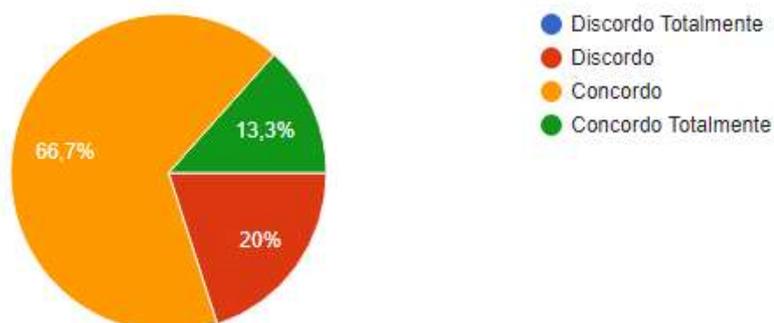
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Na maioria das disciplinas, avaliação é utilizada para atribuir as notas/classificações dos alunos.

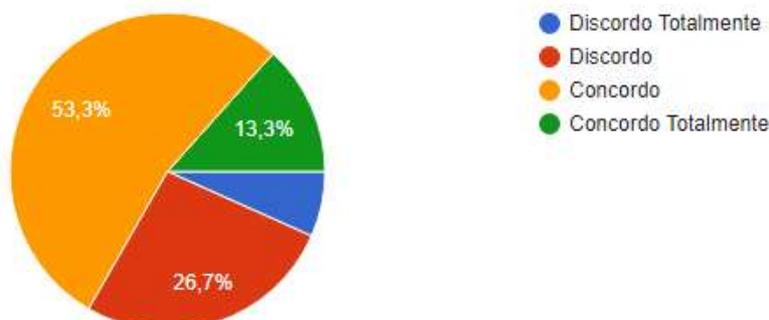
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Avaliação é utilizada a, com frequência, para perceber se o processo de formação do letramento da língua materna e matemática para atuar nos anos iniciais é consistente.

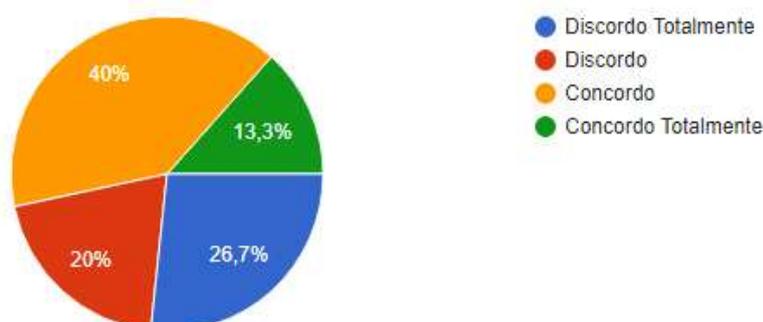
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os professores utilizam, sistematicamente, avaliação para que os estudantes se conscientizem das suas dificuldades e/ou dos seus processos de aprendizagem, para utilização de jogos virtuais nos anos iniciais.

15 respostas



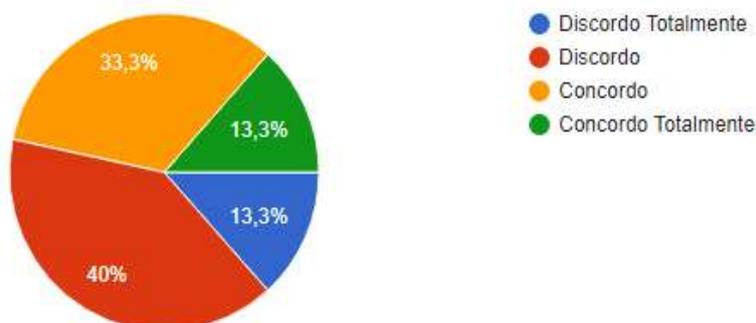
FONTE: Elaborado pelo autor

No Bloco VII, existem variações nas respostas referentes de como os professores da graduação oportunizam aos estudantes avaliar suas aprendizagens sobre letramento. Ainda assim a avaliação sobre o uso de recursos pedagógicos/tecnológicos concentrou-se na margem dos que discordam e fica evidenciado também que avaliar a aprendizagem para uma boa atuação nos anos iniciais concentram-se em porcentagens aproximadas entre os que concordam e discordam. O papel dos professores consiste em incentivar com frequência as reflexões das aprendizagens, portanto, os que concordaram totalmente e os que apenas concordaram, ficou equiparado em 33,3 %.

Bloco VII

Em geral, avaliação realizada permite saber se aprendizagem por meio de recursos pedagógico/tecnológicos pelos estudantes de pedagogia é satisfatória.

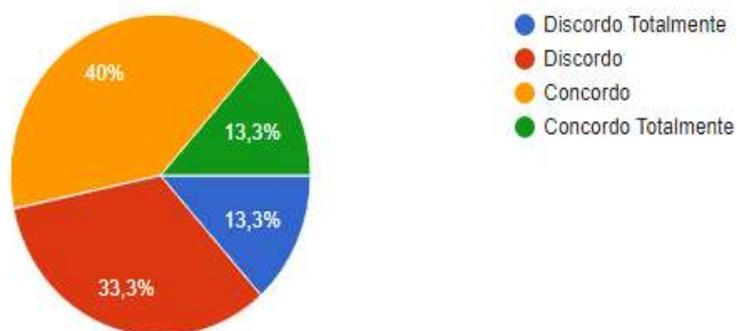
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os estudantes são, frequentemente, envolvidos em situações em que tem que avaliar a sua própria aprendizagem, para uma boa atuação nos anos iniciais.

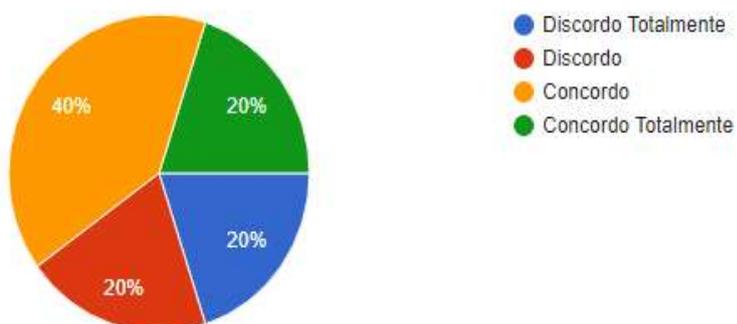
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os professores, em geral, criam uma oportunidade para que os estudantes entendam e/ou questionem o juízo formulado acerca de suas aprendizagens sobre o letramento da língua materna e de matemática para lecionar nos anos iniciais.

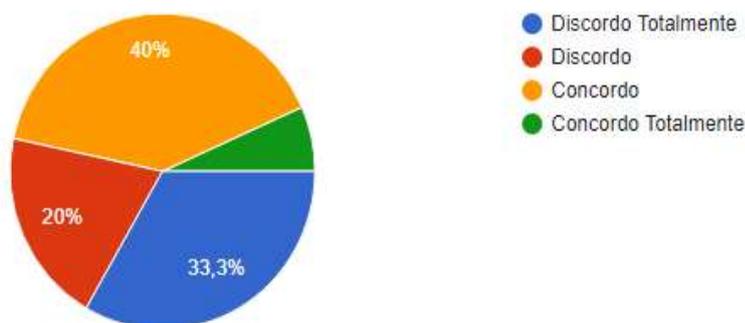
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Na maioria das disciplinas, os resultados obtidos pelos estudantes nas provas e/ou exames finais comprovam que os professores que ensinam por meio de recurso pedagógicos/tecnológicos ou pelo uso de jogos virtuais, são os elementos mais determinantes para a atribuição das suas classificações.

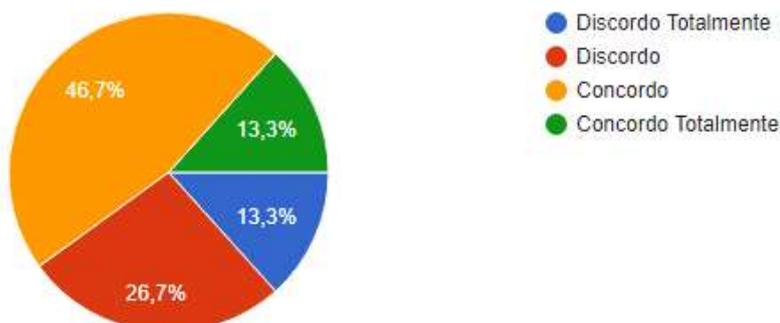
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Na maioria das disciplinas, as provas e/ou exames finais são a melhor forma de conhecer o que os estudantes aprendam por meio de recurso tecnológicos.

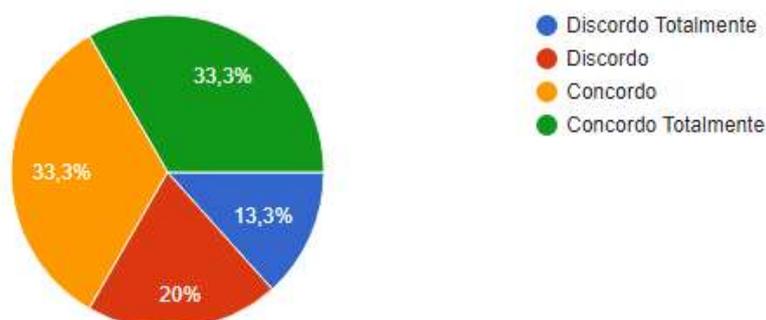
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Os professores incentivam, com frequência, os estudantes a analisar e/ou refletir acerca das aprendizagens realizadas.

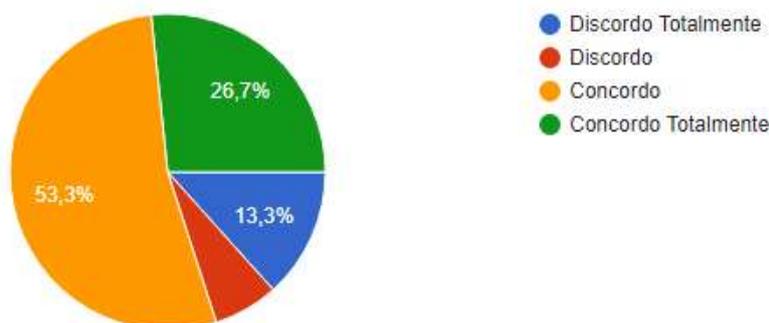
15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

De modo geral, as informações resultantes das avaliações são utilizadas pelos estudantes para orientar e/ou reorientar as suas formas de estudar, especificamente a elaboração de planejamentos para lecionar nos anos iniciais com o uso de jogos virtuais, ou recursos pedagógicos/tecnológicos.

15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Considerações finais

Diante do que foi exposto, a importância do preparo para lidar com o letramento nos anos iniciais, seja o da língua materna ou matemática torna-se uma necessidade que precisa ser amadurecido na formação inicial e no que tange diferenciar da alfabetização, o estudo revelou que ambas se aproximam, mas com finalidades antagônicas, que não se excluem, contudo, caberá ao educador a tarefa de desenvolver tais práticas de acordo com o contexto e como as realidades exigem essas intervenções. Observar os níveis de aprendizagem para que se possa intervir, fazendo com que essas práticas se complementem no fazer diário da escola.

O uso dos jogos lúdicos na aprendizagem também se tornou um fator que tem contribuído para fazer da sala de aula um espaço menos tradicional e com maiores possibilidades para o lúdico, fazendo com que os conteúdos sejam mais facilmente compreendidos e assimilados. Nesta evolução temos o papel da tecnologia, esse processo foi extremamente importante na sociedade, portanto, o que precisamos então, é discutir sobre o impacto das tecnologias na sociedade e a importância de adequar a escola para esse mundo informacional, por meio do acesso e da interação dos sujeitos com as novas tecnologias e para isso temos a necessidade de lutar em prol de uma escola informatizada.

Podemos então deduzir que essas são as razões fundamentais pelas quais temos que introduzir o uso de jogos virtuais na aprendizagem como um importante componente de uma sociedade visionária e tecnológica, em que se tenha um planejamento voltado para reaproveitar os recursos que os próprios discentes têm apresentado no cotidiano escolar e na rotina em casa e aliar com a prática escolar dos educandos.

Daí foi a intenção da aplicação dessa pesquisa, com o intuito de verificar como os estudantes da graduação tem se familiarizado com essas abordagens, se a formação destes tem possibilitado uma convivência maior ao lidar com a utilização de jogos virtuais na aprendizagem dos alunos das séries iniciais. Sendo assim, temos que continuar insistindo que formação inicial é o momento para que se possa amadurecer a ideia do uso de jogos virtuais como recurso didático pelos professores. Foi importante averiguar como essa ferramenta aliada ao letramento tem sido contemplado nas disciplinas dos estudantes em formação, a forma como ocorreu suas aprendizagens e a avaliação de seu potencial e constante reflexão acerca do seu preparo. Foi evidenciado que ainda é necessário dar mais ênfase nessa construção, que não se restrinja apenas no período em que é ofertado a disciplina de tecnologia educacional, todavia, que seja, uma capacitação constante ao longo do curso, pois um fator que observamos que é ainda existem educadores que precisam adquirir habilidades e competências no trato com as novas tecnologias, logo, trazer os jogos virtuais no planejamento para o letramento para a educação básica foi o objetivo desta discussão e essa nova mudança traz um otimismo maior na educação, efetivamente, uma aprendizagem mais prazerosa.

Referências

BATALHA, D. V. O ensino da língua materna na perspectiva da alfabetização e do letramento. **EDUCERE**, 2011.

BRASIL, Pró-Letramento: Programa de Formação Continuada de Professores dos Anos/Séries Iniciais do Ensino Fundamental: alfabetização e linguagem – ed. ver. e ampl. Incluindo **SAEB/ Prova Brasil** matriz de referência/Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica, 2007.

FALCÃO, J. T. da R.; RÉGNIER, J. **Sobre os métodos quantitativos na pesquisa em ciências humanas: riscos e benefícios para o pesquisador**. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v. 81, n. 198, p. 229-243, maio./ago. 2000.

FALKEMBACH, G.A.M. Concepção e desenvolvimento de material educativo digital - Revista Novas Tecnologias na Educação - **CINTED** - Centro Interdisciplinar de Novas Tecnologias na Educação - Vol. 3 No 1 (março/abril) e Revista Novas Tecnologias na Educação (ISSN 1679-1916). UFRGS, 2005.

GATTI, B. A. **Estudos quantitativos em educação**. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

GUERREIRO, M.A.S. **Os efeitos do Game Design no processo de criação de Jogos Digitais utilizados no Ensino de Química e Ciências - O que devemos considerar?** Dissertação (Mestrado em Educação para a Ciência) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Bauru, 2015.

- HUIZINGA, J.; **Homo Ludens**: O jogo como elemento de cultura. São Paulo, Editora KLEIMAN, A. (Org.). **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- MACHADO, A. P. **Do significado da escrita da matemática na prática de ensinar e no processo de aprendizagem a partir do discurso de professores**. Rio Claro, 2003. 291 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.
- OLIVEIRA, S.A. **O lúdico como motivação nas aulas de matemática**. Revista Mundo Jovem, ano 45 n° 377, junho de 2007, p. 5. Perspectiva, 2001.
- PRENSKY, Marc. **O papel da tecnologia no ensino e na sala de aula**. Tradução: Cristina M. Pescador. In Conjectura, v.15, n.2, mai/ago Caxias do Sul: EDUCS, 2001.
- STREET, B. V. **Letramentos sociais**: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2003.
- TFOUNI, L. V. Escrita, alfabetização e letramento. São Paulo: **Cortez**, 1995.

O ALPHA DE CRONBACH EM UMA PESQUISA SOBRE O PRINCÍPIO FUNDAMENTAL DA CONTAGEM

Cira Naiá Campos Barbosa
Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes
Fábio José da Costa Alves

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma pesquisa quantitativa realizada em uma universidade no Estado do Pará, o instrumento de coletas de dados foi um questionário baseado no questionário proposto no AVENA, projeto de investigação intitulado “Avaliação, Ensino e Aprendizagem no Ensino Superior em Portugal e no Brasil: realidades e perspectivas”, contendo 15 proposições voltados para o ensino, 15 proposições para a aprendizagem e 15 proposições para a avaliação que foram aplicadas em uma turma do curso de Licenciatura em Matemática do referido lócus, em seguida foi realizado o teste de confiabilidade Alpha de Cronbach para avaliar a confiabilidade, estabilidade em outras palavras a consistência dos resultados obtidos, averiguar como está sendo realizada o ensino, aprendizagem e avaliação do Princípio Fundamental da Contagem .

Palavras chaves: Pesquisa quantitativa, questionários, Alpha de Cronbach.

INTRODUÇÃO

A pesquisa quantitativa tem no questionário um dos instrumentos mais utilizados, e alguns motivos foram elencados por Fernandes e Alves (2019).

Nas pesquisas em educação é muito comum o uso de questionários, como instrumento de coleta de dados, por vários motivos entre eles podemos citar o baixo custo, a garantia do anonimato dos informantes, possibilitar um maior tempo para os informantes pensarem sobre as respostas, por facilitar a padronização que garante a uniformidade das questões que poder ser objetivas e de fácil pontuação, o que facilita a conversão dos dados para seu processamento. (FERNANDES, ALVES e SILVA, 2019 p.10)

Os autores ainda apontam alguns cuidados para na sua elaboração a sequência lógica das perguntas deve ter atenção especial, nos tipos e opções de respostas, que devem ser as mesmas em todo o documento e devem ter uma escala crescente nas respostas, ou uma escala numérica, para que este consiga retirar as informações necessárias dos dados.

Pergunte de forma direta, seja objetivo e sem rodeios. Use o português formal, sem gírias, para construir um texto claro. Se possível, use exemplos, imagens e até vídeos, já que estamos falando de pesquisas online. Empregue perguntas de forma a encerrar o questionário caso o informante não se enquadre no perfil, por exemplo: você usa esmaltes? Se o questionário for entregue a um homem. Antes de iniciar o questionário, contextualize o informante sobre do que se trata a pesquisa. Varie os tipos de perguntas, conforme seus objetivos. (FERNANDES E ALVES e SILVA, 2019 p.11)

Entretanto é necessário verificar se este instrumento pode levantar os dados que se propõem a pesquisa, para isso existe uma ferramenta de análise que se debruça sobre os questionários, se este tem um grau de confiabilidade adequado, se ele pode ser reaplicado entre outras informações que podem ser levantadas através de um questionário.

A PESQUISA QUALITATIVA E O ALPHA DE CRONBACH

A pesquisa quantitativa

A pesquisa quantitativa no campo das ciências sociais tem menos adeptos do que a pesquisa qualitativa o que é compreensível se considerar os paradigmas teóricos e epistemológicos que estão no cerne deste campo, e considerando que o pesquisador enquanto humano tem uma relação que não pode ser neutra com o objeto que é a própria humanidade(s) que com toda sua subjetividade não pode ser tratado como os outros objetos.

Percebemos que as ciências humanas, na área educacional, operam majoritariamente em metodologias qualitativas, havendo pouca incidência de pesquisas quantitativas. O que se mostra como uma manifestação coerente, tendo em vista os referenciais teóricos comuns à área. Contudo, utilizar pesquisas em larga escala contribui para uma visão mais panorâmica das questões. Como seria possível avaliar analfabetismo, perfis de estudantes ou professores, diferenças regionais etc. sem instrumentos de cunho quantitativo que permitissem construir e sintetizar os dados de forma a torná-los operáveis? (PEREIRA; ORTIGÃO, 2016, p.2)

Os autores falam da importância da pesquisa quantitativa, Fernandes e Alves(2019) afirmam que a pesquisa quantitativa traça o grau e a abrangência de determinados aspectos de uma população, esta é uma forma de estar sensível aos problemas sociais e também que pesquisas quantitativas e qualitativas não são polos opostos que não podem trabalhar em juntos; para os autores elas são complementares por apresentarem perspectivas de um mesmo objeto face ao exposto que Minayo(2001) corrobora

Não existe um "continuum" entre "qualitativo-quantitativo", em que o primeiro termo seria o lugar da "intuição", da "exploração" e do "subjetivismo"; e o segundo representaria o espaço do científico, porque traduzido "objetivamente" e em "dados matemáticos". A diferença entre qualitativo-quantitativo é de natureza. Enquanto cientistas sociais que trabalham com estatística apreendem dos fenômenos apenas a região "visível, ecológica, morfológica e concreta", a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, porém, não se opõem. Ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia (MINAYO, 2001, p. 22)

Claro que a autora fala de uma corrente contrária a visão dos positivistas que se enxergam somente quantitativo, e contrariam aqueles que estão dentro da pesquisa social e que acreditam que qualquer coisa que tenha um tratamento estatístico não é pesquisa social. (GATTI 2004) explana de forma primorosa sobre o uso da pesquisa qualitativa em educação;

No emprego dos métodos quantitativos precisamos considerar dois aspectos, como ponto de partida: primeiro, que os números, frequências, medidas, têm algumas propriedades que delimitam as operações que se podem fazer com eles, e que deixam claro seu alcance; segundo, que as boas análises dependem de boas perguntas que o pesquisador venha a fazer, ou seja, da qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do problema, as quais guiam as análises e as interpretações. Sem considerar estas condições como ponto de partida, de um lado, corre-se o risco de usar certos tratamentos estatísticos indevidamente, e de outro, de

não se obter interpretações qualitativamente significativas a partir das análises numéricas. Em si, tabelas, indicadores, testes de significância, etc., nada dizem. O significado dos resultados é dado pelo pesquisador em função de seu estófo teórico. Os métodos de análise de dados que se traduzem por números podem ser muito úteis na compreensão de diversos problemas educacionais. Mais ainda, a combinação deste tipo de dados com dados oriundos de metodologias qualitativas, podem vir a enriquecer a compreensão de eventos, fatos, processos. As duas abordagens demandam, no entanto, o esforço de reflexão do pesquisador para dar sentido ao material levantado e analisado (GATTI, 2004, p. 3)

A autora contraria aqueles que afirmam que os estudos no Brasil eram de cunho quantitativo ou positivista, ela afirma que na realidade os estudos quantitativos eram raros e quase incipientes, que utilizavam quase sempre os questionários empregavam a análise descritiva de tabelas, alguns poucos correlações, e que normalmente os estudos em educação que utilizam técnicas sofisticadas e mais robustas de análise são de pesquisadores de outro campo, como os economista, psicólogos, estatísticos, e etc.

Face o exposto fica evidente a importância da pesquisa qualitativa, que pode ser utilizada como referência principal ou ainda numa perspectiva qualitativa e quantitativa que se complementem, bem como o uso de suas diversas técnicas, entre as quais o Alpha de Cronbach que avalia a pesquisa no início na confiabilidade do instrumento que irá levantar os dados.

O Alpha de Cronbach

O Alpha de Cronbach é uma ferramenta de análise estatística criada por Lee J. Cronbach em 1951 propôs o coeficiente Alpha de Cronbach, segundo (CORTINA, 1993, apud Santos e Miranda, 2016) para avaliar a confiabilidade de consistência interna de um questionário. Este coeficiente tem um índice que varia de 0 a 1 e serve para avaliar a magnitude em que os itens de um instrumento de coleta de informações estão correlacionados

Para Fernandes, Alves e Silva

Trata-se de uma correlação média entre perguntas, dado que todos os itens de um questionário utilizam a mesma escala de medição, o coeficiente α é calculado a partir da variância dos itens individuais e da variância da soma dos itens de cada avaliador através da seguinte equação. FERNANDES, ALVES e SILVA (2019, p.12)

Santos e Miranda (2016) demonstram como o coeficiente alfa é calculado por meio da equação, posteriormente aos dados estarem organizados em uma tabela.

$$\alpha = \frac{k}{k - 1} \left[\frac{\sum_{i=1}^k \sigma_i^2}{\sigma_t^2} \right]$$

Sendo k o número de itens do questionário, σ_i^2 a variância do item i, (variância de cada coluna da Matriz X) e σ_t^2 a variância dos valores de p (última coluna da Tabela) que corresponde a soma dos valores dos julgamentos de cada respondente

Conforme a equação, se há consistência nas respostas quantificadas, então σ_t^2 será relativamente grande, fazendo com que α tenda a 1. Por outro lado, respostas randômicas farão com que σ_t^2 seja comparável com a soma das variâncias individuais (σ_i^2), fazendo com que α tenda a zero. O coeficiente alfa de Cronbach também pode ser calculado levando-se em consideração as covariâncias entre os itens do questionário. (SANTOS & MIRANDA, 2016, p. 4)

Os autores indicam que se existir consistência nas respostas quantificadas, fazendo com que Alpha tenda a 1, por outro lado, respostas randômicas farão com que α tenda a zero, os valores foram organizados na tabela abaixo

Valor do alfa	Consistência interna
0,91 ou mais	Excelente
0,90 – 0,81	Bom
0,81 – 0,71	Aceitável
0,71 – 0,61	Questionável
0,61 – 0,51	Pobre
Menor do que 0,51	Inaceitável

Fernandes, Alves e Silva (2019) apontam alguns itens relevantes sobre o uso do alfa, tais como:

- Cada item, deve abranger uma única ideia de cada vez, ou seja, os itens devem ser independentes.
- O questionário deve estar separado e agrupado em dimensões, ou seja, questões que tratam de um mesmo aspecto;
- O questionário deve ser aplicado a uma amostra significativa e heterogênea:

Os caminhos

A pesquisa foi realizada em uma universidade no Estado do Pará, os sujeitos da pesquisa foram 13 alunos do 4º ano ou 7º período do curso de Licenciatura em Matemática, infelizmente tal turma durante a pesquisa contou com apenas 13 indivíduos, quando o ideal seria uma amostra maior, todavia reflete bem o curso de matemática que tem um índice menor de concluintes, o instrumento de coleta de dados foi um questionário que tomou por base um questionário do no AVENA, projeto de investigação intitulado “Avaliação, Ensino e Aprendizagem no Ensino Superior em Portugal e no Brasil: realidades e perspectivas” o instrumento foi adaptado para o meu objeto de pesquisa que foi o ensino da Análise Combinatória, particularmente o Princípio Fundamental da Contagem, sendo compostas de 15 proposições sobre o ensino, 15 proposições sobre o aprendizado e 15 questões sobre a

avaliação, como respostas o padrão foi o proposto por Fernandes, Alves e Silva(2019) Que podem ter a seguinte parametrização:

Discordo Totalmente → 1

Discordo → 2

Concordo → 3

Concordo totalmente → 4

As questões de pesquisa: Como o princípio fundamental da contagem está sendo ensinado na graduação? E quais são as relações entre o ensino, a aprendizagem e a avaliação deste tópico? O ponto de partida é que os pressupostos teóricos dos professores e a forma e conteúdo da aula inferem em todo o processo.

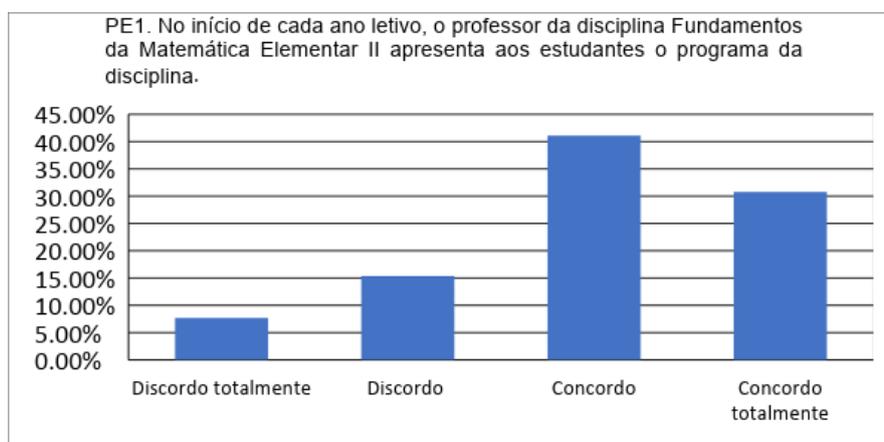
Posteriormente os dados foram tabulados no Excel, em seguida submetidas ao teste Alpha de Cronbach para estabelecer o grau de confiabilidade.

Os achados

Após a aplicação dos questionários os dados foram parametrizados em seguida foi aplicado o alfa de Cronbach para medir a confiabilidade, que deu 0,915074 considerado um grau de confiabilidade alto, os dados foram novamente tabulados e as informações dispostas em gráficos de colunas. As afirmações do questionário são os títulos dos gráficos.

Sobre esta primeira afirmação fica evidente predominância do concordo e do concordo totalmente com aproximadamente 80%, deixando claro que os professores da disciplina apresentam o programa que será utilizado durante o curso, o baixo índice de discordo totalmente pode ser de um aluno que não veio no primeiro dia de aula, que normalmente o dia que se oferece este material.

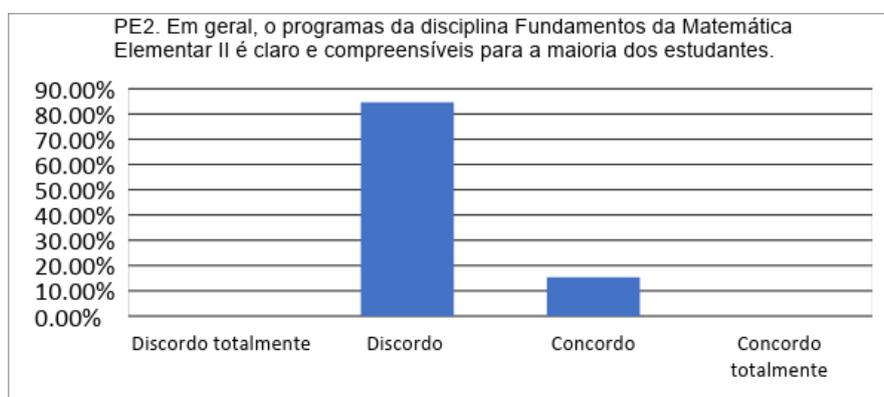
Gráfico 1



Fonte: Pesquisa 2019.

Os dados da afirmação 2 sobre o ensino deixam claro que apesar dos alunos terem acesso ao programa da disciplina ele não é claro e compreensível, isto pode considerar vários fatores, a capacidade de leitura, as palavras utilizadas no programa, entre outros fatores, onde seria necessário uma explanação sobre este programa.

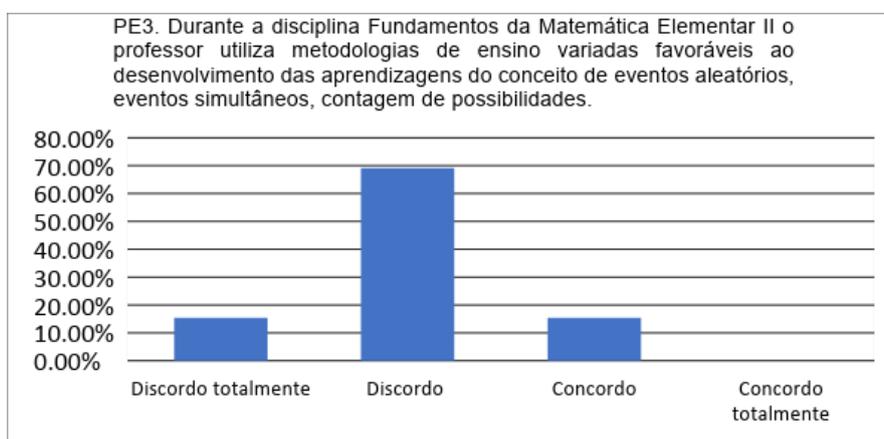
Gráfico 2



Fonte: Pesquisa 2019.

No que tange ao uso de metodologias diversificadas a favoráveis a maioria discordou, isso pode apontar a utilização de apenas a metodologia tradicional, ou que apesar do professor utilizar metodologias variáveis não favoreceram o aprendizado de conceitos pelos discentes na opinião deles.

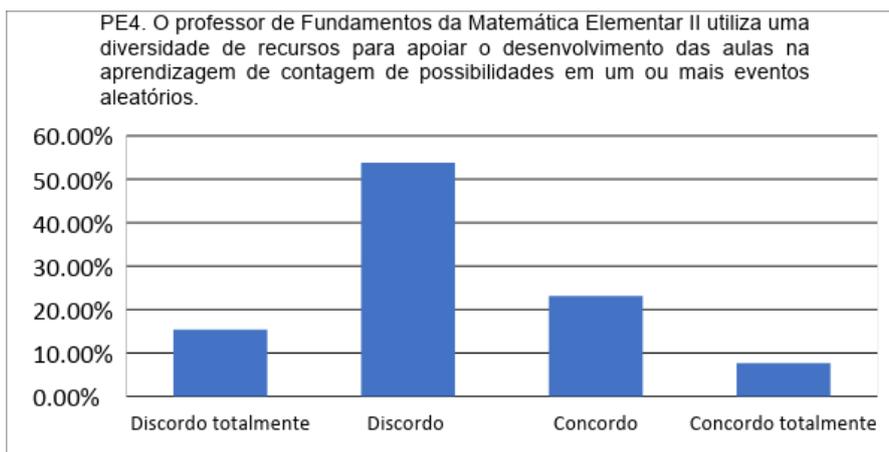
Gráfico 3



Fonte: Pesquisa 2019.

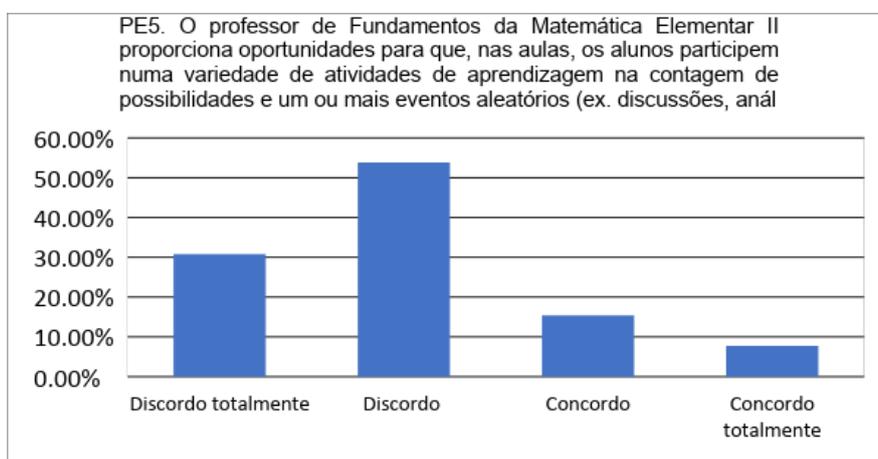
Apesar do valor mais relevante ser o discordo houve uma distribuição nas outras classes que indica que o professor utiliza uma diversidade de recursos, entretanto a quantidade de discordo afere que talvez não seja uma quantidade que os alunos consideram satisfatória.

Gráfico 4



Fonte: Pesquisa 2019.

Gráfico 5

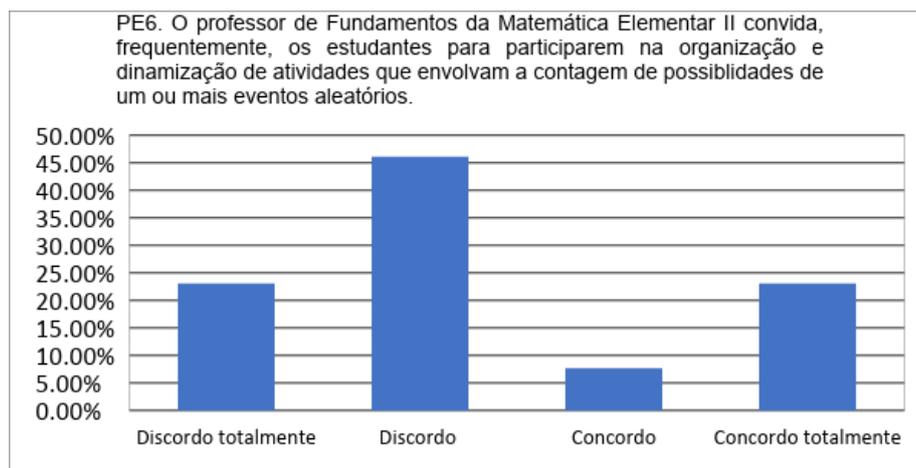


Fonte: Pesquisa 2019.

Houve uma predominância de discordo então é provável que durante as aulas os alunos não participem de atividades de aprendizagem variadas.

Neste tópico com estes resultados indicam que os alunos acreditam que as aulas estão muito centradas no professor, entretanto a presença do concordo totalmente e concordo afiançam que alguns alunos se sentem totalmente ou parcialmente contemplados nas participações e nos organização e dinamização das aulas.

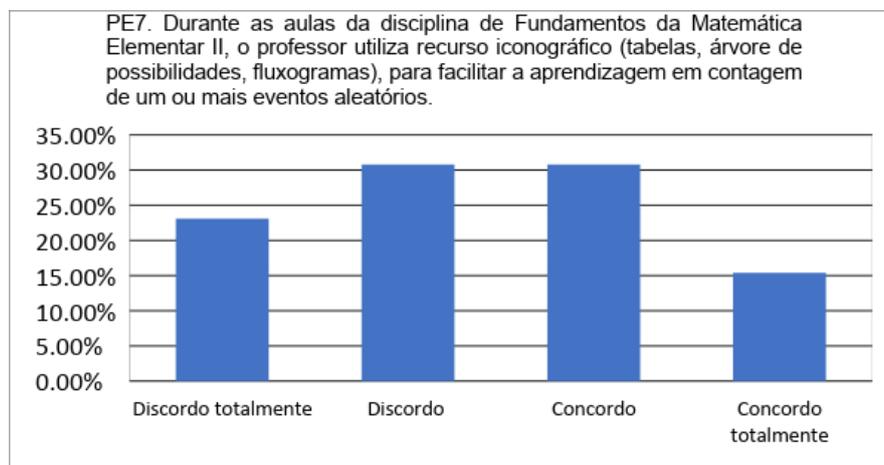
Gráfico 6



Fonte: Pesquisa 2019.

Esta afirmativa é uma das mais equilibradas, é também serve como paralelo com outros pontos do questionário, no ensino desta parte da matemática, é essencial a utilização de recursos gráficos, esta distribuição indica a existência e a utilização deles nas aulas, mas se forem confrontadas com a afirmativa 4, elas se contrapõem, é provável que os alunos não reconheçam os recursos gráficos como recursos diversificados.

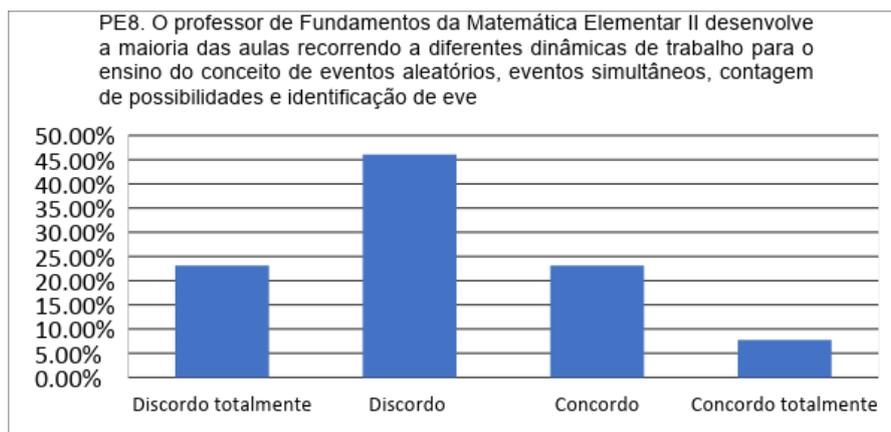
Gráfico 7



Fonte: Pesquisa 2019.

Este tópico parece apontar para a utilização de poucas dinâmicas de trabalho pedagógico durante o percurso da disciplina, ou novamente para uma quantidade de dinâmicas diversificadas que os alunos julgam em sua maioria insuficiente.

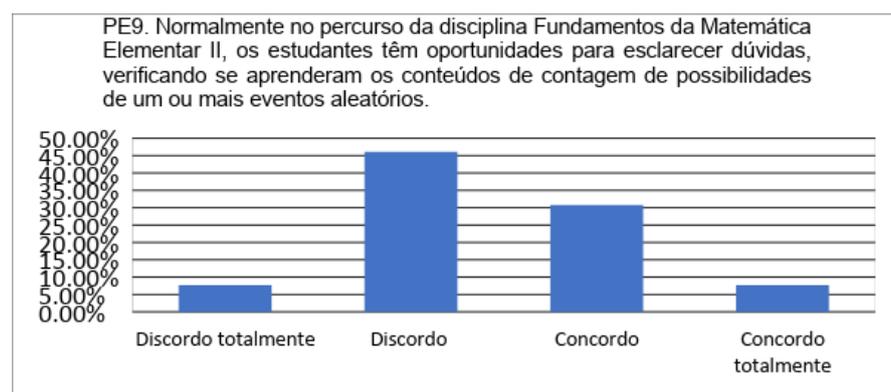
Gráfico 8



Fonte: Pesquisa 2019.

Durante a disciplina muitos alunos não tiveram oportunidades de esclarecer suas dúvidas quanto aos conteúdos de contagem de possibilidades e um ou mais eventos aleatórios, enquanto outros se sentiram plenamente ou parcialmente atendidos quanto ao esclarecimento de suas dúvidas.

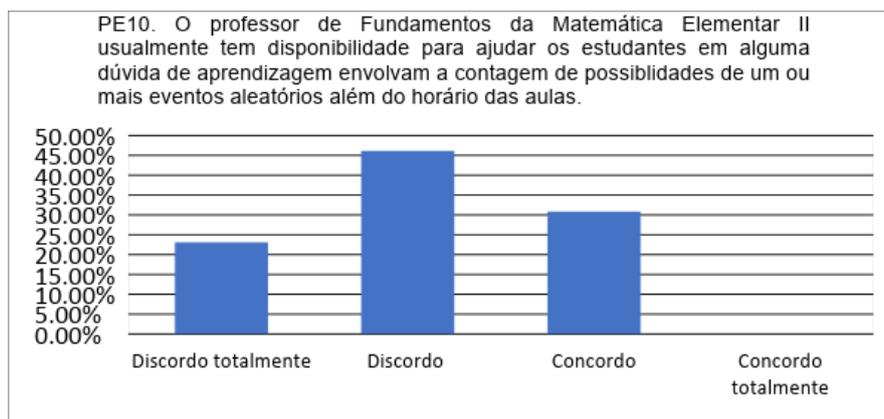
Gráfico 9



Fonte: Pesquisa 2019.

Esta afirmativa é interessante, pois assevera que o professor que dispõem do seu tempo fora do horário de aula é um professor com interesse no pleno aprendizado dos alunos, a maioria discordou da afirmativa, esta é a resposta esperada, considerando que não há obrigatoriedade de fazer isso, entretanto as respostas concordo indicam que alguns alunos com dúvidas quando procuraram o professor foram atendidos ou acreditam que seriam recebidos em circunstância necessária.

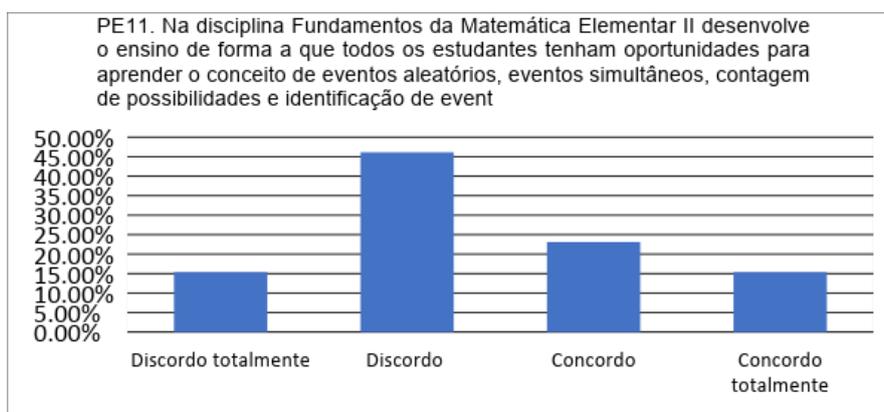
Gráfico10



Fonte: Pesquisa 2019.

Para esta afirmativa houve elementos em todas as categorias, indicando uma heterogeneidade de opiniões acerca das oportunidades de aprender os conceitos de eventos simultâneos, contagem de possibilidades de um ou mais eventos aleatórios, eventos simultâneos e contagem de possibilidades. Infelizmente a maioria dos alunos discordam sobre as oportunidades de aprendizagem, o que indica a necessidade de maior de inclusão de todos os alunos, mesmo os que apresentam um grau maior de dificuldade.

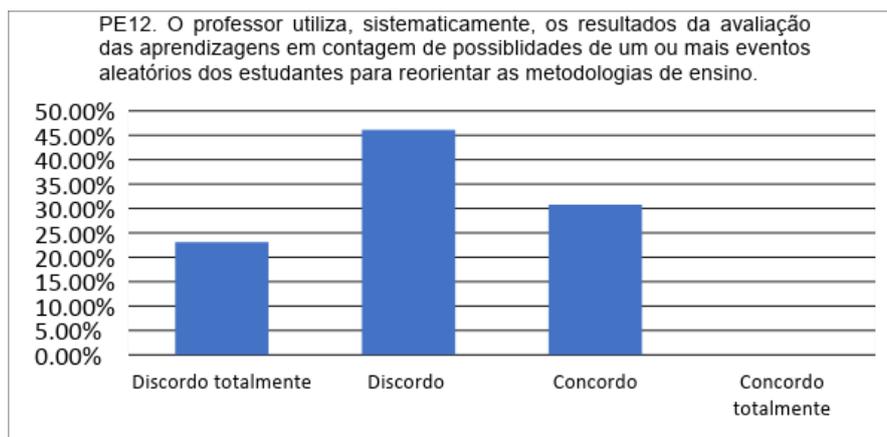
Gráfico11



Fonte: Pesquisa 2019.

Este item é muito relevante considerando que a avaliação tem na sua essência a função de reorientar o processo de ensino, houve um alto índice em discordo, seguido do concordo, o professor pode estar usando a avaliação com função classificatória, entretanto o concordo equilibra esses dados, indicando que existe na concepção de alguns a avaliação como processo contínuo.

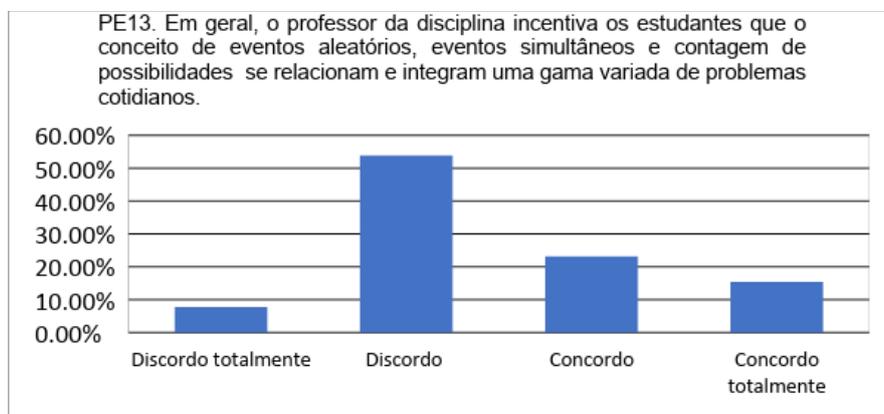
Gráfico 12



Fonte: Pesquisa 2019.

Apesar do discordo alcançar próximo dos 50%, o que pode indicar que está faltando mais exemplos que associe este conteúdo aos problemas do dia-a-dia, e como estamos falando apenas do Princípio Fundamental da Contagem e não de todos os corolários que se constituem na parte da matemática denominada matemática discreta, é importante ressaltar que este princípio tem seu uso no real em várias situações. Entretanto alguns alunos asseguram que o professor incentivou que os alunos vissem que o PFC integra uma gama extensa de problemas cotidianos.

Gráfico 13



Fonte: Pesquisa 2019.

A maioria dos alunos acredita que a organização das aulas não beneficia o desenvolvimento das habilidades para utilizar o princípio fundamental da contagem, então é possível inferir que as aulas se organizadas de uma forma diferente podem beneficiar as aprendizagens sugeridas na afirmativa.

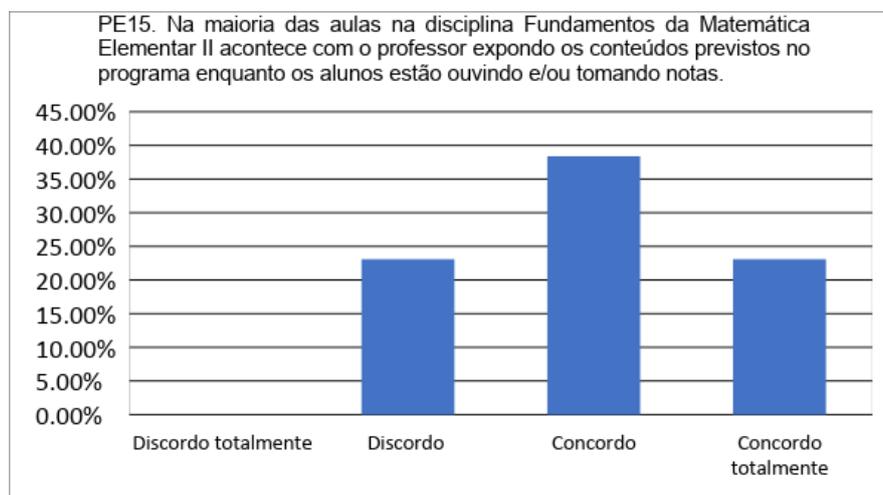
Gráfico 14



Fonte: Pesquisa 2019.

Esta pergunta é bem capciosa, pois, infere pelos resultados que as aulas seguem o modelo: assunto, seguido de exemplo e com atividades de reforço, uma dinâmica onde o professor ensina e os alunos apenas tomam nota. Indica uma postura mais tradicional e pelos dados obtidos a maioria concorda com a afirmativa, entretanto a presença do discordo pode indicar que existem momentos que as aulas não são assim.

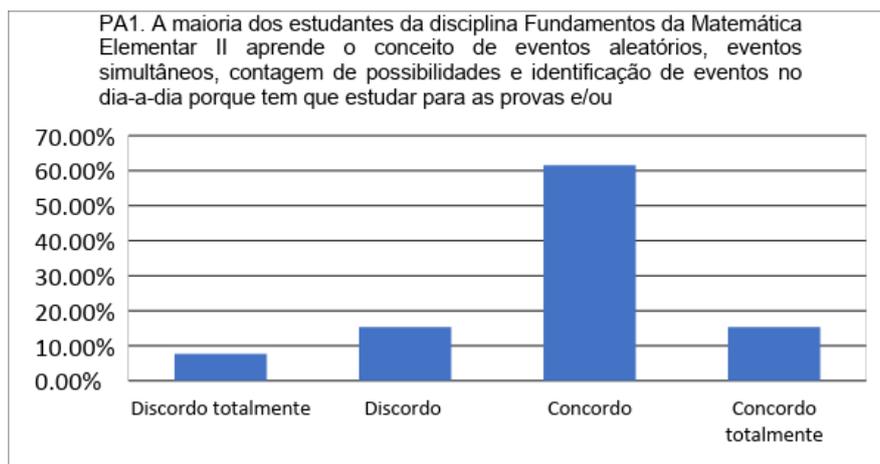
Gráfico 15



Fonte: Pesquisa 2019.

Agora discutiremos os resultados sobre o aprendizado, levantados no questionário. A primeira afirmativa queria averiguar qual a finalidade da aprendizagem para os alunos e maioria concordou que aprende o conceito apenas porque precisa deles para os testes ou provas, claro que a presença do discordo e do discordo totalmente indica a presença de alunos que aprende para outros fins, sejam profissionais ou pessoais.

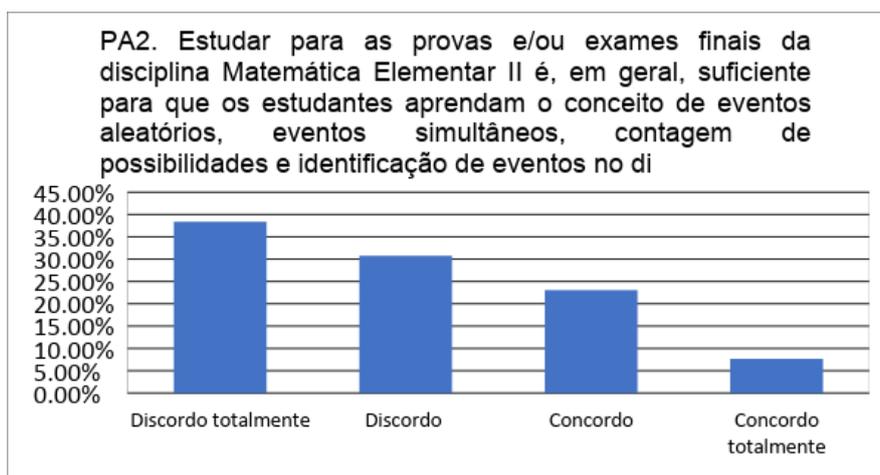
Gráfico 16



Fonte: Pesquisa 2019.

A maioria dos alunos discordou totalmente, da ideia de que estudar apenas no período de prova é suficiente para aprender os conceitos do princípio fundamental da contagem, existe um reflexão que para aprender um conceito é necessário mais que algumas poucas horas antes de um exame ou teste, todavia houve alunos que concordaram e concordaram totalmente, o que corrobora com a ideia que muitos deles, ainda apresentam o comportamento de estudar apenas as vésperas dos testes, fala também sobre a forma da avaliação, pois isto só é possível quando a avaliação é realizada de maneira estanque, pontual com a prova escrita, se esta for do tipo contínuo, quase impossibilita esta atitude, bem como deve se considerar que a avaliação deveria ser feita durante todo o curso.

Gráfico 17

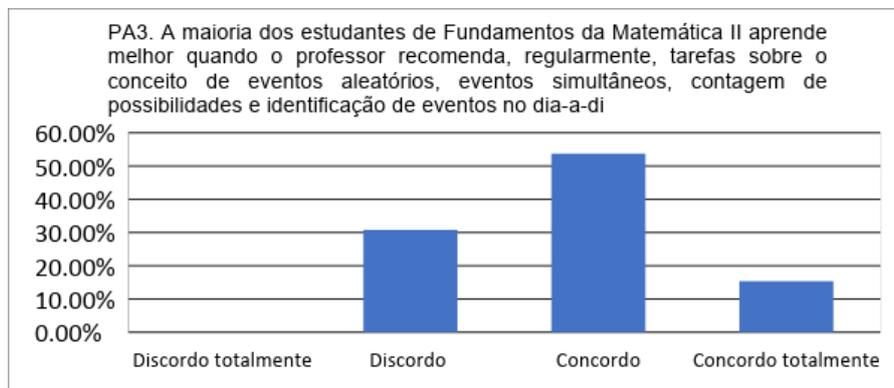


Fonte: Pesquisa 2019.

Esta pergunta complementa a anterior, com a inversão de valores para o concordo é possível que o professor recomende diversas tarefas sobre o conceito de eventos aleatórios, eventos simultâneos, contagem de possibilidades e identificação de eventos no dia-a-dia, que além de na opinião dos alunos melhora o aprendizado, com esta atitude o professor

tem apenas os dados classificatórios da prova, ele também pode valer-se daqueles obtidos nas tarefas propostas por ele.

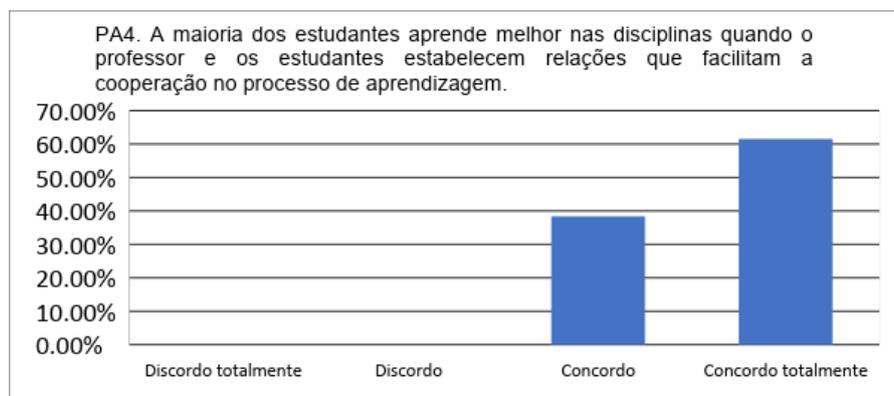
Gráfico 18



Fonte: Pesquisa 2019.

Este tópico aborda as relações de cooperação, pelas respostas fica evidente que o aprendizado ocorre de forma mais adequada quando existe um ambiente cooperativo entre professor e aluno, aluno e aluno.

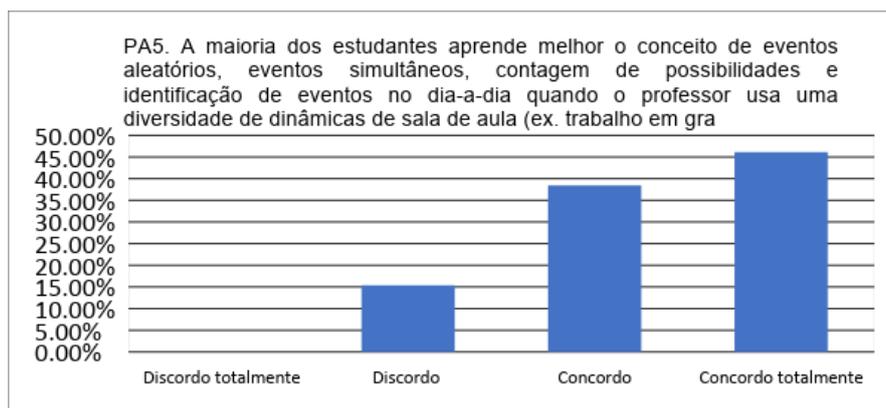
Gráfico 19



Fonte: Pesquisa 2019.

A maioria dos alunos concorda totalmente e concorda, quando a afirmativa assevera que os estudantes aprendem melhor quando expostos a uma gama de dinâmicas de sala de aula, o que favorece a avaliação de vários aspectos dos alunos.

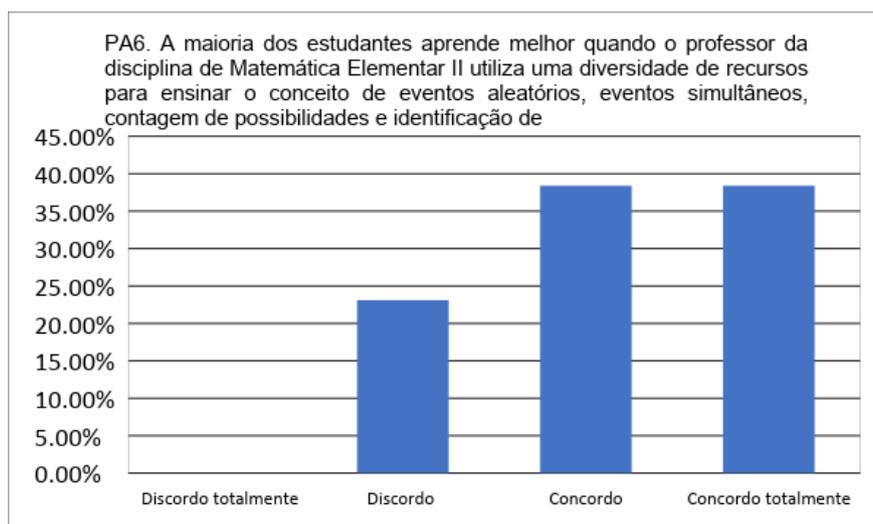
Gráfico 20



Fonte: Pesquisa 2019.

A maioria também acredita que o aprendizado ocorre melhor quando é utilizado uma grande diversidade de recursos, entretanto ao confrontar com afirmativa sobre o ensino os alunos afirmam que o professor não utiliza, entretanto eles reconhecem que a importância disso.

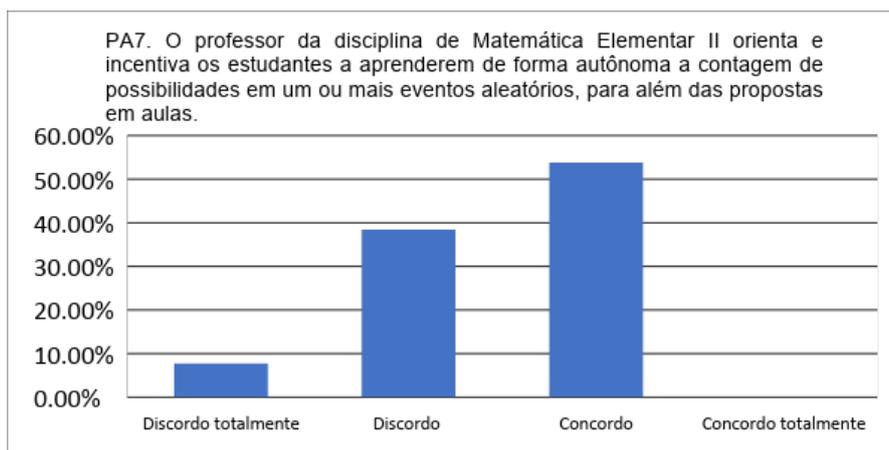
Gráfico 21



Fonte: Pesquisa 2019.

Este item obteve um equilíbrio entre as respostas se considerarem o concordo e o discordo e discordo totalmente, o que assegura que o professor incentiva e orienta que o aprendizado ocorra de forma autônoma e que ultrapasse os limites da universidade, entretanto muitos alunos não se sentem dessa forma, deixando claro que o processo acadêmico como qualquer criação humana não alcança a todos de forma homogênea e que mesmo que todos tenham sido alunos do mesmo professor e assistido as mesmas aulas, as experiências forma dispares.

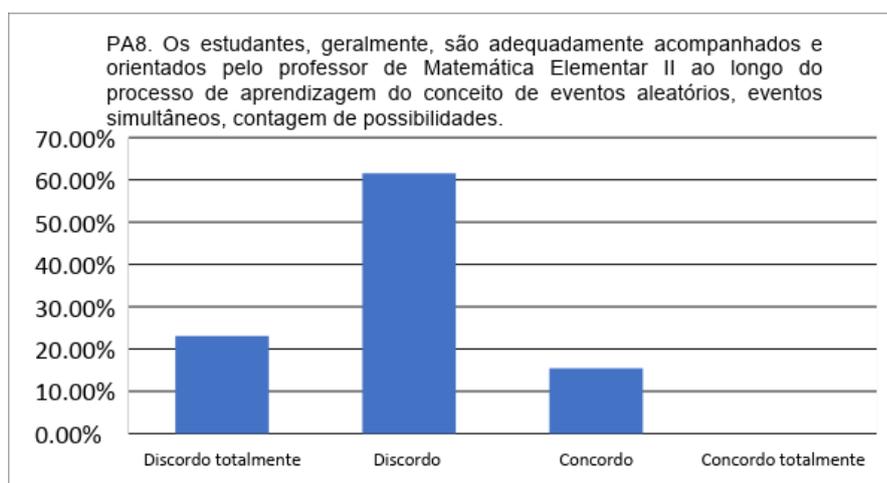
Gráfico 22



Fonte: Pesquisa 2019.

Na afirmativa 8 os alunos não se sentem adequadamente acompanhados pelo professor da disciplina de Matemática Elementar II durante o processo de aprendizagem.

Gráfico 23



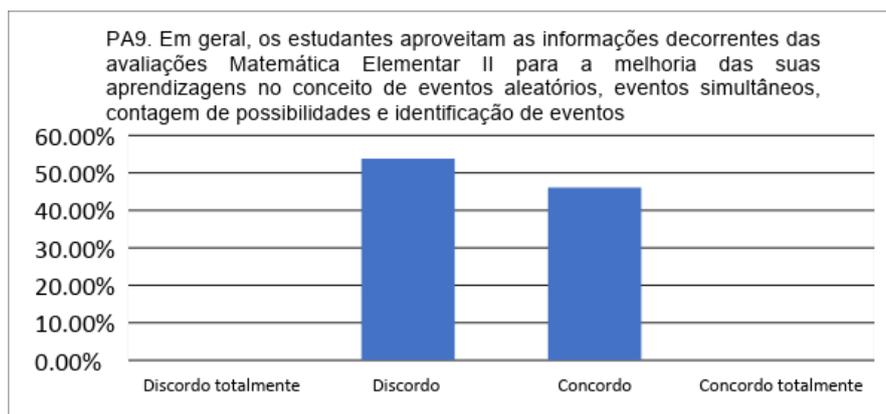
Fonte: Pesquisa 2019.

A maioria acredita que não aproveita as informações das avaliações para melhorar o seu processo de aprendizagem, então os alunos também não vêm avaliação com a função de reorientar o processo tanto de ensino quanto de aprendizagem.

Para a maioria dos alunos, aprender significa somente cumprir ou alcançar os objetivos previstos em cada disciplina, entretanto o processo de aprendizagem engloba diversos aspectos, todavia como os objetivos da ementa não foram objetos de análise, não é possível afirmar nada acerca dos mesmos.

Esta afirmativa conversa com as anteriores, pois se a avaliação acontecer de forma contínua durante todo o processo, por uma questão lógica, ela vai utilizar metodologias variadas, instrumentos avaliativos diversificados, bem como normalmente precisará de recursos variados, então na opinião dos alunos eles aprenderão melhor.

Gráfico 24



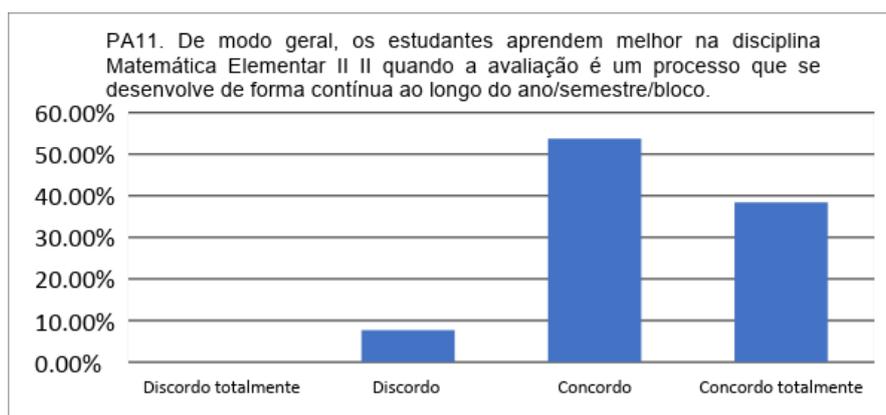
Fonte: Pesquisa 2019.

Gráfico 25



Fonte: Pesquisa 2019.

Gráfico 26

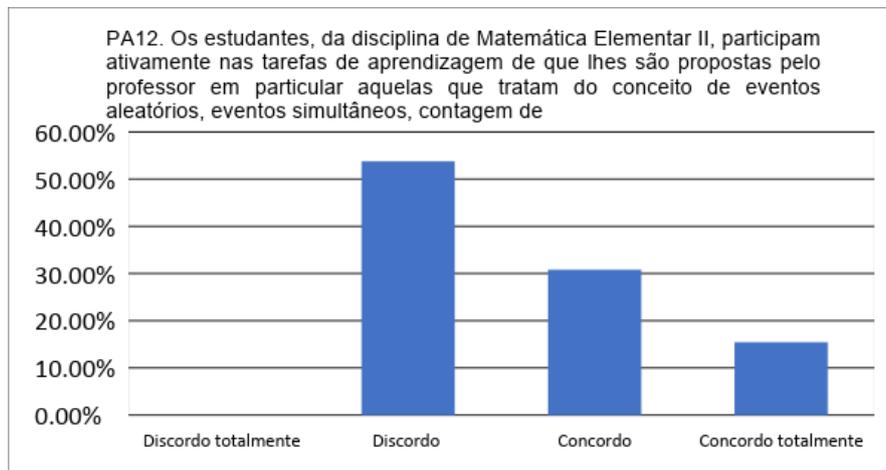


Fonte: Pesquisa 2019.

Os estudantes afirmam que maioria não participa ativamente das atividades propostas pelo professor, o que traz uma nova faceta, como o processo de ensino depende do professor e do aluno, se este último não se dispuser a realizar as atividades ou a participar de forma

ativa, mesmo que o professor ministre as aulas mais organizadas e criativas possíveis, não alcançará plenamente o que se propõem, pois isto depende da vontade do aluno em aprender.

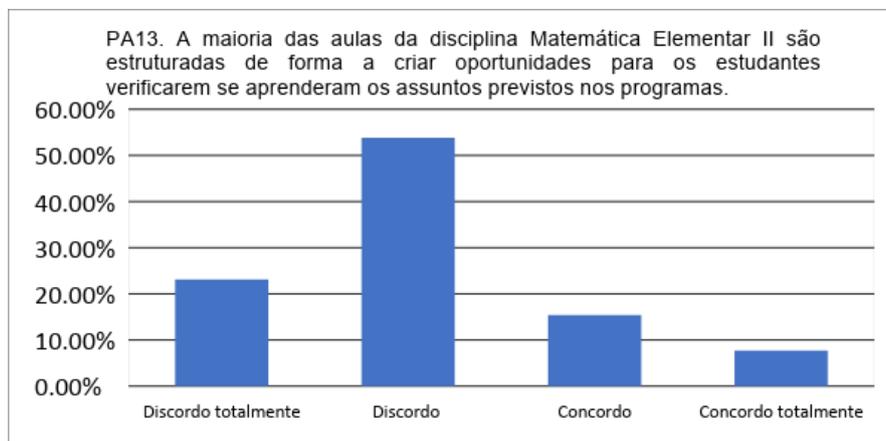
Gráfico 27



Fonte: Pesquisa 2019.

Quanto à afirmativa 13 de aprendizagem a maioria acredita que as aulas não são estruturadas de forma que o aluno tenha autonomia suficiente para verificar suas aprendizagens.

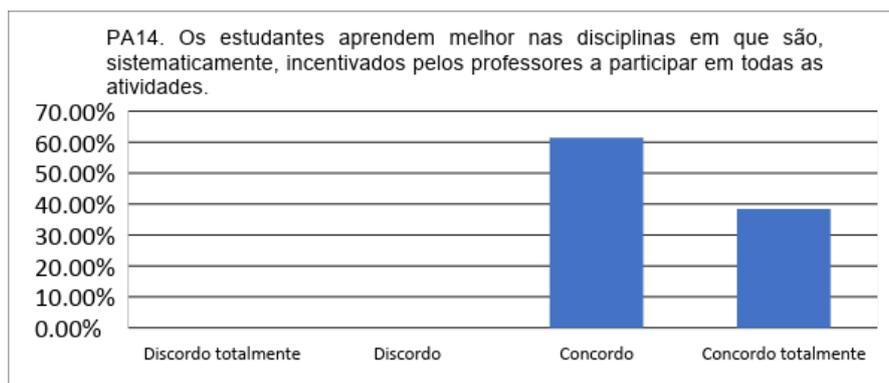
Gráfico 28



Fonte: Pesquisa 2019.

Houve a concordância geral de que o incentivo do professor exerce um papel importante no aprendizado, quando este incentiva os alunos a participarem das atividades.

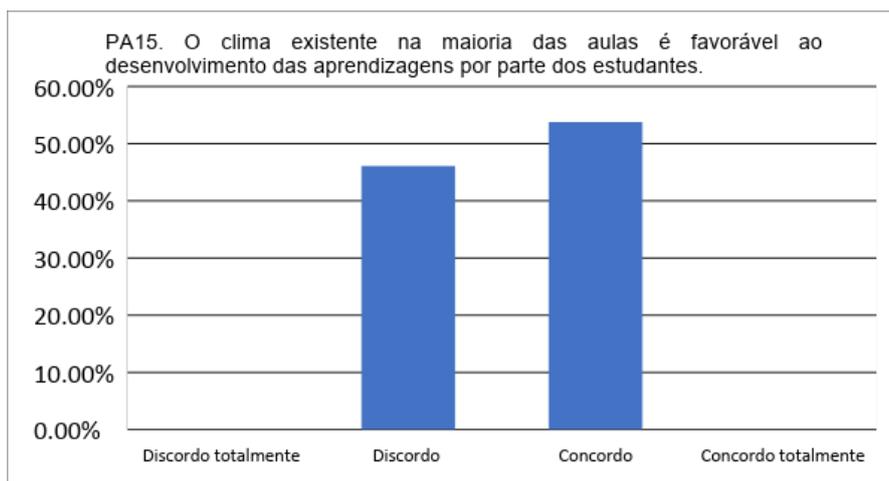
Gráfico 29



Fonte: Pesquisa 2019.

A última afirmativa do bloco de aprendizagem averigua sobre o clima existente na sala de aula e maioria afirmou que concorda, evidenciando a importância de um ambiente agradável e salutar pode melhorar a aprendizagem, entretanto uma boa parcela disse que o ambiente em sala de aula não favorece aprendizagem.

Gráfico 30

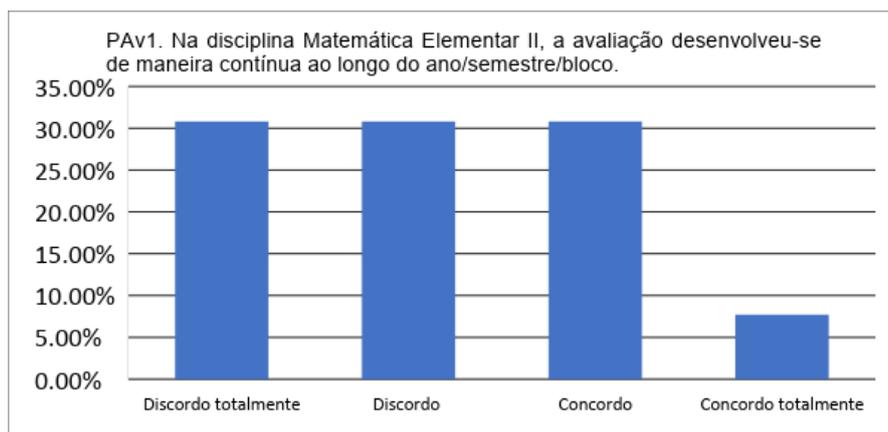


Fonte: Pesquisa 2019.

A partir da afirmativa 31 foi solicitado que o aluno refletisse sobre a avaliação na disciplina Matemática Elementar II, no que tange ao conceito de eventos aleatórios, eventos simultâneos, contagem de possibilidades e identificação de eventos no dia-a-dia.

A primeira afirmativa que dizia que a avaliação ocorreu de forma contínua ao longo do bloco/ano/semestre, houve um equilíbrio de respostas em discordo totalmente, discordo e concordo, disso pressupõe-se que a avaliação não aconteceu de forma fluida durante todo o processo ou pode não ter ficado claro para o aluno a forma, e/ou os instrumentos que o professor se utilizaria para avaliá-los.

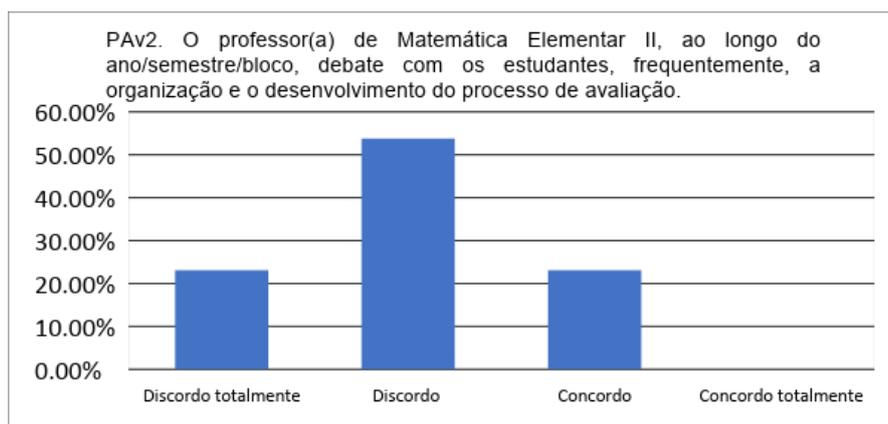
Gráfico 31



Fonte: Pesquisa 2019.

Sobre a afirmativa que o professor debate com os alunos a organização e o desenvolvimento do processo de avaliação a maioria discordou, o que evidencia que a avaliação nessa perspectiva ela já vem pronta, que o aluno não participa ativamente do seu processo de construção.

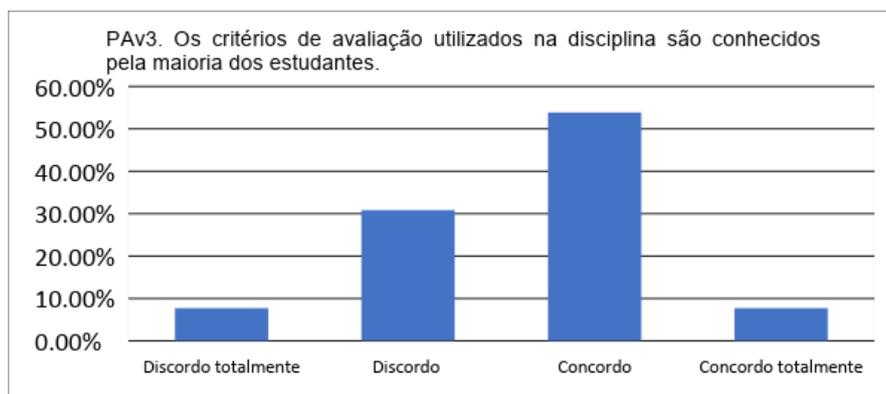
Gráfico 32



Fonte: Pesquisa 2019.

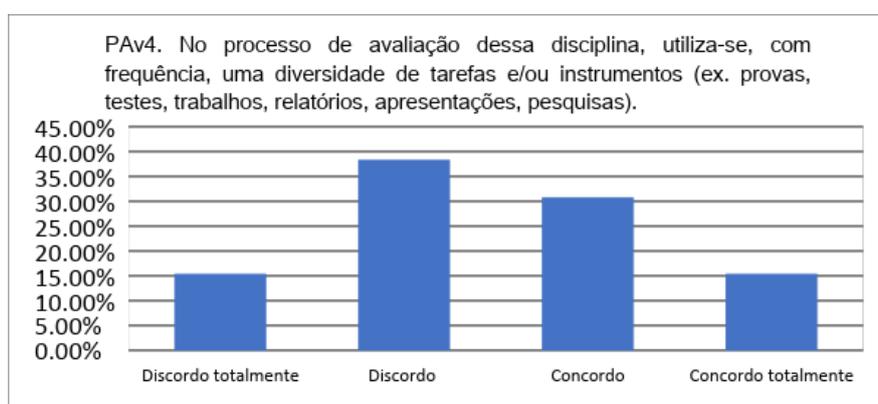
No que tange aos critérios que serão utilizados na disciplina são conhecidos, a maioria concorda, que assegura que o professor mesmo que já possua uma proposta estruturada, esta é apresentada para os alunos.

Gráfico 33



Fonte: Pesquisa 2019.

Gráfico 34

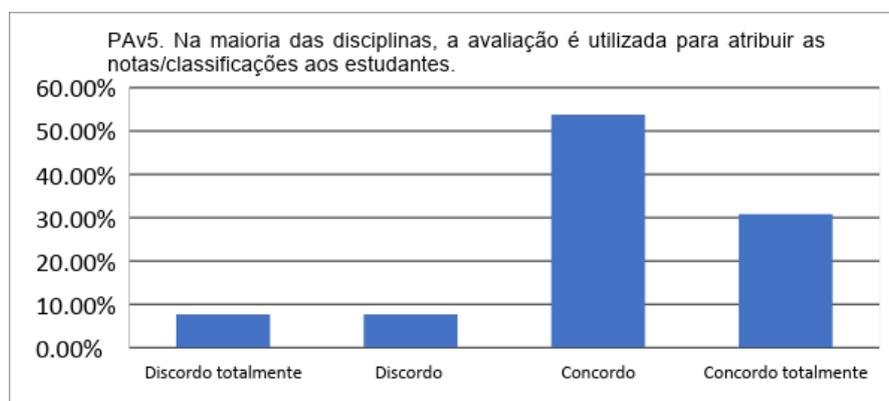


Fonte: Pesquisa 2019.

Durante a avaliação desta disciplina a maioria discordou que o professor utiliza uma variedade de tarefas, entretanto a presença expressiva do concordo e concordo totalmente, infere que ele utilizou pelo menos partes, das tarefas ou instrumentos avaliativos citados.

Sobre o tópico 5 a maioria dos alunos afirmam que avaliação é utilizada para atribuir conceitos e notas/classificações, utilizando a função classificatória da avaliação, abrindo um precedente para que se entenda que a avaliação não está ocorrendo de forma contínua.

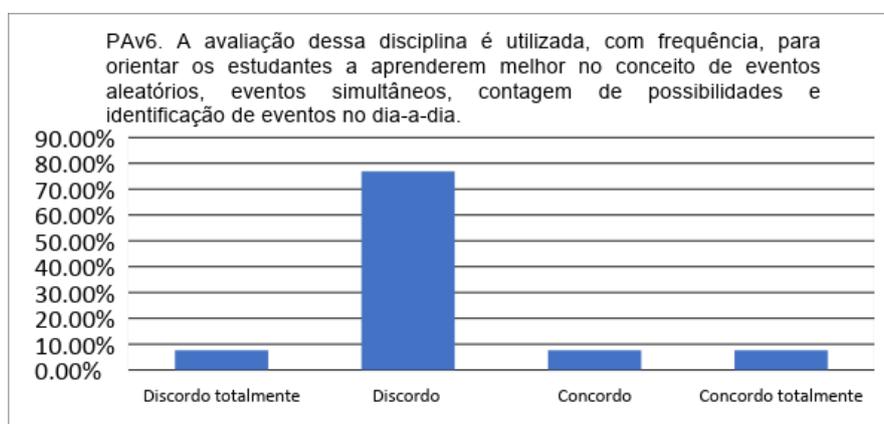
Gráfico 35



Fonte: Pesquisa 2019.

Sobre a afirmativa 6, a maioria discorda que a avaliação é utilizada com frequência para a orientar os estudantes a aprenderem melhor os conceitos do Princípio Fundamental da Contagem, tanto por parte de quem ensina pela forma da avaliação, quanto aos estudantes por não refletir com criticidade sobre o assunto.

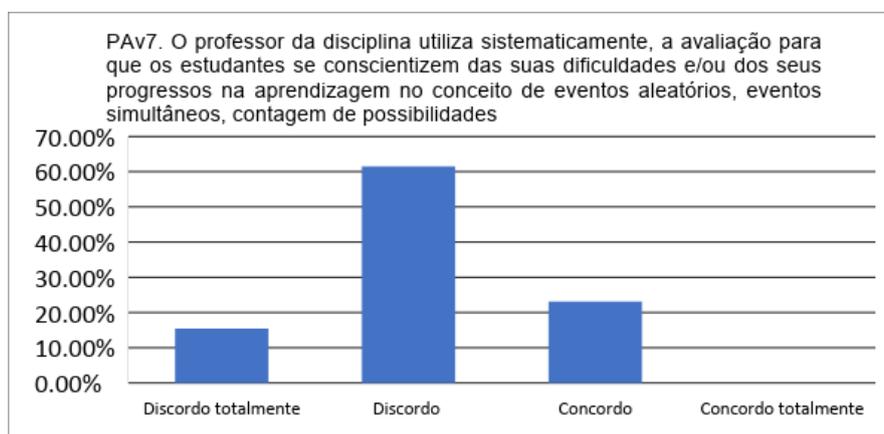
Gráfico 36



Fonte: Pesquisa 2019.

Como a maioria discorda que o professor utilize a avaliação para que os alunos se conscientizem das suas dificuldades e progressos na aprendizagem no conceito de eventos aleatórios, eventos simultâneos, contagem de possibilidades. Novamente temos indícios que a avaliação não está sendo conduzida de forma contínua.

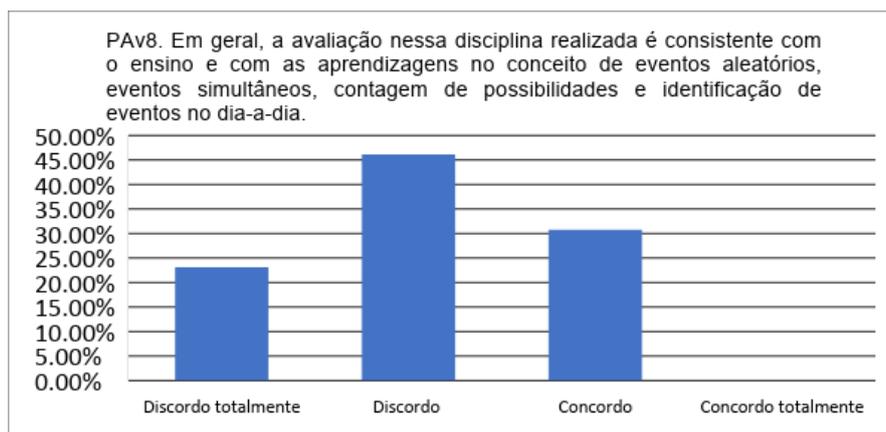
Gráfico 37



Fonte: Pesquisa 2019.

Quanto à relação entre a avaliação, ensino e aprendizagem existem discrepâncias entre os três, a maioria acredita não existe consistência entre os três.

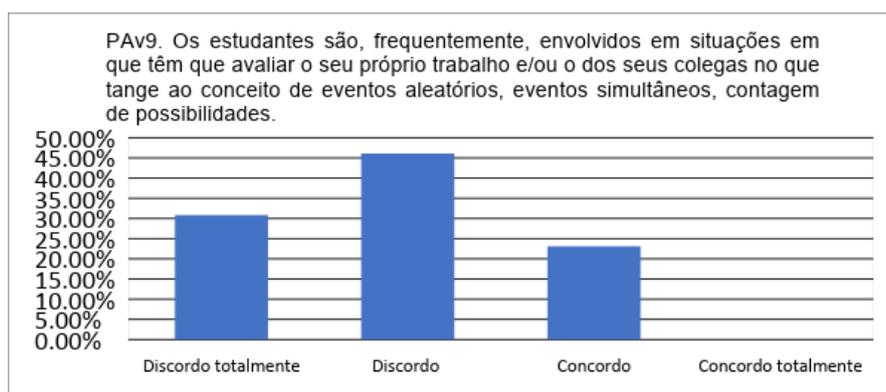
Gráfico 38



Fonte: Pesquisa 2019.

Quanto à participação dos alunos na avaliação tanto na auto avaliação, quanto a avaliação de seus pares, a maioria discorda ser frequente que isto seja solicitado durante as aulas.

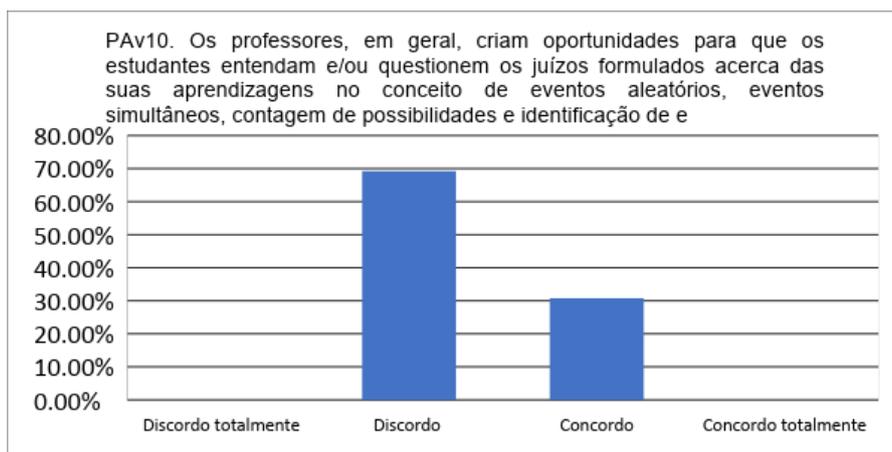
Gráfico 39



Fonte: Pesquisa 2019.

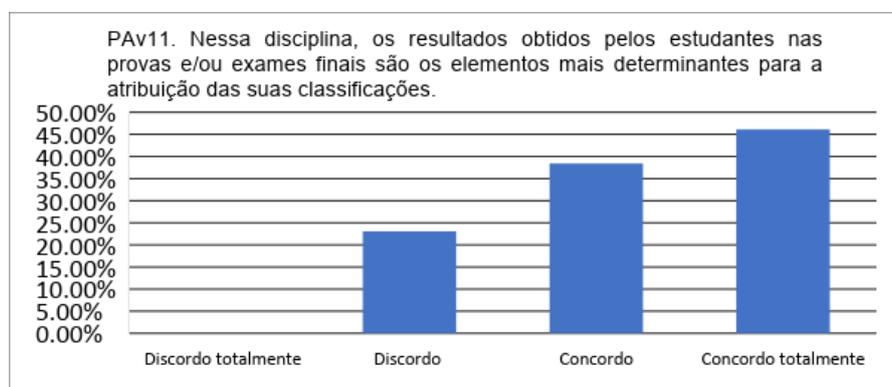
Quanto a possibilidades de questionar os juízos acerca de suas aprendizagens levanta uma questão complicada na docência, a possibilidade de um aluno questionar suas notas/conceitos com o professor da disciplina, a maioria discordou não vislumbra essa possibilidade no professor da disciplina, enquanto poucos concordam, ou já questionaram e foram atendidos ou acreditam que o professor teria essa postura.

Gráfico 40



Fonte: Pesquisa 2019.

Gráfico 41

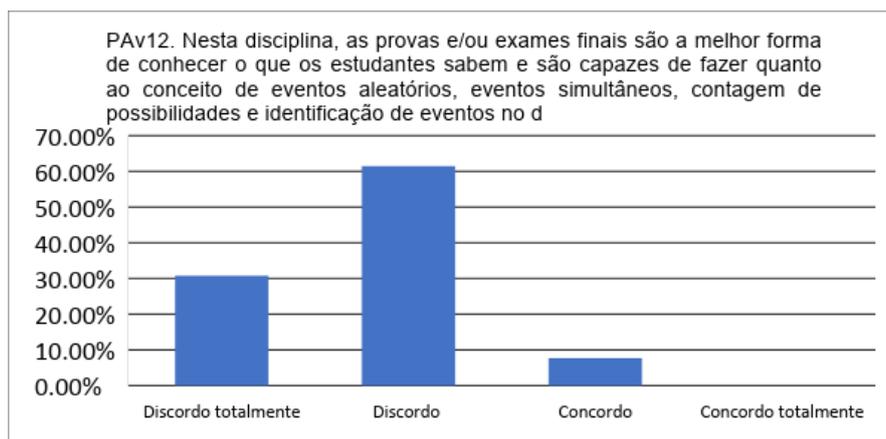


Fonte: Pesquisa 2019.

No que tange às provas a maioria dos alunos acredita que estas têm o fator mais relevante na avaliação ou atribuição das notas/classificações, reforçando a noção de avaliação classificatória.

Apesar de que na afirmativa anterior, os alunos inferirem que as provas ainda são o fator decisivo da avaliação, eles discordam que este seja a melhor orientação ou a melhor forma de conhecer ou saber das capacidades dos alunos quanto ao conceito de eventos aleatórios, eventos simultâneos, contagem de possibilidades e identificação de eventos no dia-a-dia.

Gráfico 42



Fonte: Pesquisa 2019.

Nesta afirmação é possível analisar que o professor não utiliza os instrumentos avaliativos, ou o percurso avaliativo como ponto de reflexão acerca das aprendizagens do princípio fundamental da contagem.

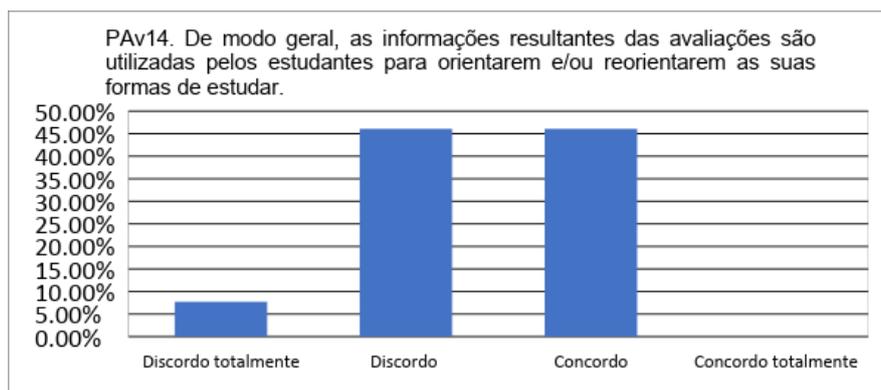
Gráfico 43



Fonte: Pesquisa 2019.

Esta afirmativa é complementar a anterior, os alunos em sua maioria não utilizam as informações resultantes das avaliações para reorientarem suas formas de estudar, pois isso exige que avaliação crie o hábito da criticidade, quanto ao outro, mais principalmente quanto aos seus trabalhos, esforços e aprendizagens.

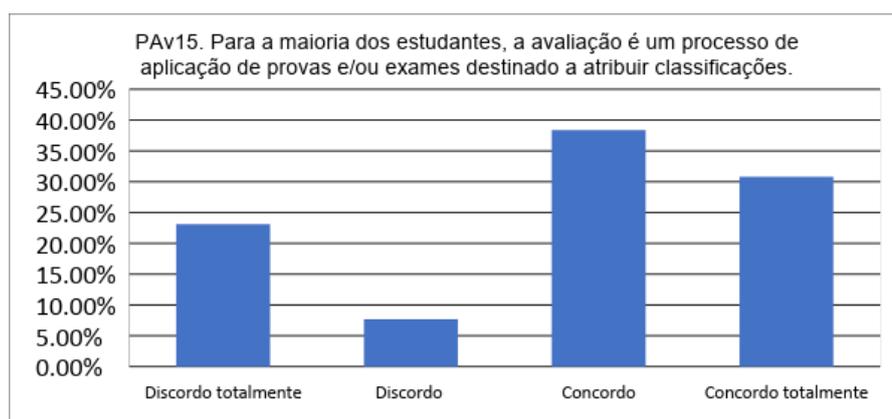
Gráfico 44



Fonte: Pesquisa 2019.

Nesta afirmativa de fechamento sobre a avaliação é possível verificar que a maioria dos alunos visualiza a avaliação como um processo de aplicação de provas e/ou exames destinado a atribuir classificações, isto é postura preocupante, se considerar que em um ano estes alunos se tornarão professores e levarão consigo esta ideia de avaliação que aplicarão nos seus alunos.

Gráfico 45



Fonte: Pesquisa 2019.

Conclusões

A pesquisa qualitativa levanta dados muito interessantes, este modelo adaptado do questionário do projeto ANOVA, também foi bem elaborado, pois permite que as perguntas se completem e se relacionem nos três aspectos, oferecendo um panorama mais confiável, pois considera os aspectos do ensino, aprendizagem e avaliação.

Quanto ao ensino o professor apresenta a ementa, contudo os alunos não a compreenderam bem, é bem acentuada a presença do modelo tradicional de ensino apoiado na tríade, assunto-exemplo-exercício, quando perguntados sobre a variação de metodologias, entretanto existem pelas respostas variantes traços da utilização de recursos variados, talvez não na quantidade tida como adequada pelos discentes, os alunos não se sentiram contemplados na organização das aulas, os recursos iconográficos são utilizados,

alguns alunos acreditam que o professor teria disponibilidade para atender fora do horário de aula, mas a maioria pensa ao contrário, a maioria acredita que nem todos os alunos têm oportunidades para aprender os conceitos de eventos aleatórios, eventos simultâneos, contagem de possibilidades e identificação de eventos, infelizmente o processo de ensino não se dá de forma homogênea, existem vários fatores que interferem nisto. Os alunos também acreditam que a avaliação não é utilizada para reorientar o processo.

No que tange a aprendizagem as 15 afirmativas levantaram as seguintes informações: A maioria dos estudantes afirmou que aprende o conceito de eventos aleatórios, eventos simultâneos, contagem de possibilidades e identificação de eventos apenas para a realização das provas, testes ou exames, Contudo eles afirmam que estudar apenas no período da provas/exames não é suficiente para aprender os conceitos já citados, eles reconhecem a importância de fazer tarefas diversificadas para apreensão e a fixação de um conceito.

O ambiente cooperativo também parece facilitar este processo, bem como a maioria corrobora com utilização de dinâmicas diversificadas, e a de recursos variados, e utilizam situações que extrapolem a sala de aula, a maioria não se acha adequadamente acompanhado, mas é importante ressaltar que o nível superior implica certa autonomia por parte do discente, que deveria ser bem independente no seu processo de aprendizagem. A maioria reconhece que a aprendizagem seria mais bem orientada se fosse acompanhada por uma avaliação continuada, e grande parte reconhece que não utiliza a avaliação feita para reorientar suas aprendizagens, enquanto outra parte considera a avaliação como norte para melhora o processo de aprendizagem. Um ponto relevante é quando a maioria dos alunos não participa ativamente das atividades propostas, o que dificulta muito o processo que fica incompleto quando um dos sujeitos não se dispõem a realizar suas tarefas, estes discentes não acreditam que as atividades lhe permitem se auto avaliar ou avaliar seus pares, deixando que isto caiba apenas ao professor.

Quanto a avaliação a maioria não se sentiu contemplada quanto a participação na organização ela parece já vem pronta, os estudantes conhecem os aspectos que serão relevantes nela. A maioria dos alunos discordou da utilização de variadas atividades, mas a presença do concordo indica que houve a utilização de partes daquelas propostas na afirmativa, os dados apontam que avaliação não está sendo utilizada como instrumento de reflexão sobre as aprendizagens, que a maioria não ajusta sua forma de estudar por ela, que no geral ela está sendo usada para atribuir nota/conceitos e não de forma contínua, e o que mais preocupa é que a maioria dos alunos acredita que avaliar é passar provas e exames para atribuir uma nota/classificação, isto é preocupante pois os sujeitos são alunos do curso de licenciatura de matemática, futuros professores da disciplina, isto pede que haja uma reflexão sobre como o conceito de eventos aleatórios, eventos simultâneos, contagem de possibilidades e identificação de eventos está sendo tratado na universidade.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, Ana Paula Cunha dos Santos; ALVES, Fábio José da Silva. **PESQUISA QUANTITATIVA**, Aula do mestrado em educação. UEPA. 2019.

FERNANDES, Ana Paula Cunha dos Santos; ALVES, Fábio José da Silva, Silva Ademilson **CONFIABILIDADE E O ALFA DE CRONBACH**, UEPA, 2019.

GATTI, Bernadete A.; **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p. 11-30, jan./abr. 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, Guilherme Pereira; ORTIGÃO Maria Isabel Ramalho. **PESQUISA QUANTITATIVA EM EDUCAÇÃO: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**, Revista Periferia Educação, Cultura e Comunicação; v.8 n.1 jan-jun 2016.

SANTOS, A. R. dos MIRANDA Richardson M. **AVALIAÇÃO DA CONFIABILIDADE DOS QUESTIONÁRIOS SOBRE A ANÁLISE DE DESEMPENHO DE UMA ESCOLA PÚBLICA: UMA APLICAÇÃO DO ALFA DE CRONBACH**. Simpósio de Engenharia de Produção: Perspectivas e Soluções para a Indústria e Mercado de Trabalho. Universidade do Estado do Paraná, 2016.

O ALUNO SURDO E O CURSO DE LETRAS-LIBRAS EM UMA UNIVERSIDADE DA REGIÃO NORTE

Hadassa Queiroz de Souza Damasceno
Ana Paula da Silva Cunha dos Santos Fernandes
Fábio José da Costa Alves

RESUMO

A pesquisa em questão traz vários questionamentos sobre como vem ocorrendo o processo de ensino-aprendizagem do aluno surdo no ensino superior, o ingresso do aluno no ensino superior é um dos processos de conquista de alguém que até muitos anos atrás mal conseguia terminar o ensino fundamental, devido ao despreparo do professor nas escolas comuns, a qual este aluno estava inserido. Hoje através das políticas públicas o aluno surdo tem acesso ao ensino superior, mas muitas pesquisas realizadas vêm trazendo dados preocupantes relacionado a este processo, e é neste contexto que trazemos a discussão sobre este processo de ensino-aprendizado, dentro de uma universidade da região norte, especificamente no curso de Letras/Libras. A pesquisa traz uma entrevista estruturada, e utilizou-se um teste de confiabilidade Alfa de Crobach, pois através deste teste, saberemos se a pesquisa é confiável ou não, por meio de gráficos buscou-se conferir a entrevista realizada com os alunos do E.S.

Palavras Chave: Ensino, Aluno Surdo, Alfa de Crobach

INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre ensino superior averiguamos que nos últimos anos houve um crescimento de ingresso de alunos surdos nas Escolas de Ensino Superior. O Censo

Fez-se uma coleta dos dados através de entrevistas estruturada com os sujeitos envolvidos no processo, a saber: os alunos surdos do curso de Letras/Libras de uma Universidade do Norte. Para realizar esta discussão o presente texto compreende o surdo a partir das suas experiências visuais, entendendo suas particularidades linguística bilíngue e bicultural.

Os resultados dessa investigação, que nos possibilitaram perceber dificuldades em trabalhar com os alunos surdos, revelam que a formação inicial dos professores não os preparou para diversidade que compõe o cenário da educação no atual contexto. Outro ponto que merece destaque é a percepção de que somente a presença do intérprete na sala de aula, não garante, por si só, o sucesso educacional do surdo. Nosso objetivo é analisar o processo de aprendizagem do aluno surdo do Curso de Letras/Libras na região Norte.

Metodologia

A pesquisa de cunho qualitativa busca dados que venham mostrar como tem ocorrido o processo de ensino-aprendizagem dos alunos do curso de letras/libras, buscou-se por meio da entrevista estruturadas dados que pudessem mostrar como vem ocorrendo este processo, utilizando-se de gráficos e análises se terá uma visão sobre esse processo.

Para medir a confiabilidade utilizamos o coeficiente Alfa de Cronbach como forma de aferir a confiabilidade do questionário utilizado nesta pesquisa. Assim, a pesquisa foi

dividida em três momentos: Ensino, Aprendizagem e Avaliação e também utilizamos a parametrização: Concordo, Concordo Totalmente, Discordo e Discordo Totalmente.

Abaixo temos a amostra do resultado do teste de confiabilidade do questionário da pesquisa realizada em sala de aula com os alunos surdos e ouvintes, sendo que o total de alunos participantes da pesquisa são: 15 surdos e 10 ouvintes, um dos questionários não foi respondido então totalizamos 14 alunos surdos e 10 ouvintes que responderam o questionário.

Ao realizarmos o teste de confiabilidade dos resultados da pesquisa, totalizamos:

Soma variância: 15,84

Alfa de Cronbach: 0,891

Com um resultado positivo e de alta confiabilidade, continuaremos a discussão sobre o tema proposto.

TÉCNICAS, INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA E ANÁLISE DE DADOS

Com o objetivo de analisar o processo de aprendizagem do aluno surdo do Curso de Letras/Libras na região Norte, utilizaram-se, na coleta de dados, as técnicas da entrevista estruturada.

Gil (2008, p.109) conceitua entrevista como:

a técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação.

Este processo de entrevista também requer cuidados com o entrevistado, é um momento em que você como entrevistador, tem que passar confiança ao entrevistado, e ética, pois é justamente aqui, que o que o entrevistado, Marconi e Lakatos (2003 p.196), aponta seis objetivos relacionados a entrevista: 1-averiguação dos fatos, 2-determinação das opiniões sobre os “fatos”, 3-determinação dos sentimentos, 4-descoberta de planos de ação, 5-conduta atual ou do passado, 6-motivos conscientes para opiniões, sentimentos, sistemas ou condutas. Desses seis objetivos destacamos apenas um deles por nos chamar atenção quanto ao público ao qual entrevistamos, a averiguação de “fatos”: Descobrir se as pessoas que estão de posse de certas informações são capazes de compreendê-las, assim, a coordenadora da sala de professores, nos acompanhou na sala para poder intermediar quanto a tradução e explicação dos questionários para os alunos surdos.

A pesquisa tem uma abordagem quantitativa, os dados levantados por meio da entrevista serão analisados, a fim, de uma compreensão sobre o que buscamos entender em

relação ao processo educativo do aluno surdo no ensino superior, de acordo com Nascimento (2018, p.253)

Para o pesquisador cabe preocupar-se em descrever, explicar e prever fenômenos, assim gera-se e comprova-se teorias. Destaca-se em seu processo uma lógica dedutiva, partindo do geral para o particular, nesse sentido, a teoria serve para ajustar a realidade observada e assim expandir o conhecimento, gerando nova teoria.

Assim, passamos por etapas que farão com que o desenvolvimento desta pesquisa, cada etapa é importante para o desenvolvimento da pesquisa na busca de compreender os objetivos traçados nesta pesquisa.

Para esta pesquisa nossa coleta de dados se deu por meio de uma entrevista estruturada, na qual os alunos, marcavam as respostas que estava classificadas como: 1-Concordo, 2-Discordo, 3-Concordo Totalmente e 4-Discordo Totalmente a coordenadora da sala de professores traduziu para os alunos esta primeira etapa da pesquisa que vinha com orientações, e depois leu todas as perguntas a fim de saber se tinham alguma dúvida, ou seja, traduziu também o texto das perguntas.

Como a professora do dia precisava receber alguns trabalhos destes alunos e conversar com eles também, nos ausentamos da sala, e quando foram liberados pela professora, responderam os questionários com ela presente e depois nos entregaram, esse processo da entrevista estruturada foi um momento interessante, pois os alunos estavam solícitos e receberam a entrevistadora muito bem, em nenhum momento senti que não estavam confortáveis com esse momento e até mesmo com o questionário.

Para Gil (113) “quando a entrevista é totalmente estruturada, com alternativas de resposta previamente estabelecidas, aproxima-se do questionário. Alguns autores preferem designar este procedimento como questionário por contato direto”. E também obtemos respostas diretas na qual os alunos não fujam do que se está sendo perguntado.

O processo de análise dos dados é importante para que saibamos se alcançamos nossos objetivos ou não e assim obter um resultado, para nossa pesquisa buscaremos responder nossos objetivos em cima do que nos propomos pesquisar, conforme Lakatos (2003, p.168):

Na análise, o pesquisador entra em maiores detalhes sobre os dados decorrentes do trabalho estatístico, a fim de conseguir respostas às suas indagações, e procura estabelecer as relações necessárias entre os dados obtidos e as hipóteses formuladas. Estas são comprovadas ou refutadas, mediante a análise.

Em busca de atendermos nossos objetivos usamos o Alfa de Cronbach teste de confiabilidade, pois ele irá determinar se nossa pesquisa é confiável ou não, um dos momentos em que utilizaremos para análise dos dados, pois nosso intuito é justamente analisar como ocorre esse processo de aprendizagem do aluno surdo no ensino superior.

Assim a análise será de três categorias: Ensino, Avaliação e Aprendizagem com o intuito de responder os objetivos específicos, com isso, fez-se um levantamento do material

teórico que retrata este processo de ensino no Brasil e em diversos cursos, com isso se fará um quadro comparativo.

1. Aluno surdo e o ensino superior

Podemos iniciar este texto falando de uma realidade animadora, é cada vez maior o número de alunos surdos ingressando no ensino superior. O Panorama da Educação de Surdos no Brasil – apresenta um retrato fiel da situação dos estudantes surdos (deficiente auditivo, surdo e surdo-cego) e essas categorias de acordo com o MEC são classificadas da seguinte forma:

Deficiente Auditivo	a) Pessoa com surdez leve – indivíduo que apresenta perda auditiva de até 40 decibéis. Esta perda impede que ele perceba igualmente todos os fonemas das palavras. Além disso, a voz fraca ou distante não é ouvida. b) Pessoa com surdez moderada – indivíduo que apresenta perda auditiva entre 40 e 60 decibéis. Estes limites se encontram no nível da percepção da palavra, sendo necessária uma voz de certa intensidade para ser convenientemente percebida.
Surdo	a) Pessoa com surdez severa – indivíduo que apresenta perda auditiva entre 70 e 90 decibéis. Este tipo de perda permite que ele identifique alguns ruídos familiares e perceba apenas a voz forte, podendo chegar até aos 4 ou 5 anos sem aprender a falar. b) Pessoa com surdez profunda – indivíduo que apresenta perda auditiva superior a 90 decibéis. A gravidade desta perda é tal que o priva das informações auditivas necessárias para perceber e identificar a voz humana, impedindo-o de adquirir a linguagem oral.
Surdo-cego	a) Este não é necessariamente um indivíduo surdo que não pode ver e nem um cego que não pode ouvir. Não se trata de simples somatória de surdez e cegueira, nem apenas de um problema de comunicação e percepção, ainda que englobe todos estes fatores e alguns mais. Quando a visão e a audição estão gravemente comprometidas, os problemas relacionados à aprendizagem dos comportamentos socialmente aceitos e à adaptação ao meio se multiplicam.

Quadro 1- Ministério da Educação (ESDRAS, 2017,p.9-10)

No Brasil, o Programa de Acessibilidade na Educação Superior propõe ações que garantam o acesso pleno de pessoas com deficiência às universidades. Nesse sentido, as políticas de Educação Especial no Brasil buscam assegurar a inclusão de todos os alunos nas instituições educacionais, em todos os níveis de ensino. Com relação especificamente à surdez, temos em 2013 um total de 29.034 alunos matriculados com alguma deficiência no ensino superior: 1.488 alunos surdos (5,13% do total), 7.037 deficientes auditivos (24,24% do

total) e 151 alunos surdo-cegos (0,52% do total) (Fonte: <https://nasenjournalsonlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1111/1471-3802.12128>).

A trajetória escolar dos jovens surdos que participaram deste estudo é resultado de um processo que se iniciou no Brasil na década de 1990: a constituição de ambientes escolares bilíngues e a mudança que isso significou para estudantes surdos em termos de valorização da língua de sinais, assim como da identidade e da cultura surdas, e de participação da comunidade surda no processo educacional, com a admissão de professores surdos no dia a dia das escolas especiais. Para contextualizar esse processo educativo primeiramente precisamos ter um panorama de como era e como está a educação de surdos nos séculos XVI-XX, assim podemos visualizar suas conquistas e espaços nos ambientes acadêmicos.

De acordo com Goldfeld (2002, p.28) a história desse processo educativo inicia no século XVI com a notícia dos primeiros educadores de surdos, que criaram diversas metodologias para ensinar os surdos, sendo que alguns se baseavam apenas na língua oral, outros já defendiam a língua de sinais, que é uma língua espaço-visual, outros criaram códigos visuais, que não se configuram como uma língua. Diversas formas de se ensinar os surdos foi utilizada.

Ainda no século XVI, na Espanha, o monge beneditino Pedro Ponce Leon ensinou quatro surdos, desenvolvendo assim uma metodologia de educação de surdos que incluía a datilologia, escrita e oralização, e criou uma escola de professores para surdos (GOLDFELD, 2002, p .28).

Em 1775, L'Épée fundou a primeira escola para o ensino de surdos, que chegou a ter 60 alunos ricos e pobres indistintamente. Em seu trabalho, utilizava os sinais pelos quais os surdos se comunicavam entre si e também inventou outros, que também denominava de sinais metódicos, usados para o desenvolvimento da linguagem escrita. Essa escola foi de natureza privada e gratuita até 1791, quando foi transformada no Instituto Nacional de Surdos-Mudos de Paris, tendo seu primeiro diretor o abade Sicard (1742-1822). (ROCHA, 2008, p.18)

Nos Estados Unidos em 1821, que se dedicaram a ASL American Sign Language, que teve grande influência do francês sinalizado, passando a ser utilizado em várias escolas. Em 1824 foi fundada a primeira universidade nacional para surdos, Universidade Gallaudet. Com os avanços tecnológicos, em 1860, o método oral ganha força. Assim:

[...] a língua de sinais foi proscrita, por deliberação do Congresso Mundial de Professores de Surdos, realizado em Milão, na Itália, em 1880. Uma maioria oralista defendeu que o uso de gestos e sinais desviava o surdo da aprendizagem da língua oral, que seria a mais importante. Esse congresso é um marco histórico, pois determinou a tendência seguida na educação dos surdos ao longo século XX, especialmente na Europa e na América Latina. (BISOL, 2010, p.149)

No Brasil em 1857 surgiu o Imperial Instituto dos Surdos-Mudos, criado por D. Pedro II que, pela Lei 839/1857, como nos relata Mazzotta:

A criação desta escola ocorreu graças aos esforços de Hüet e seu irmão. Cidadão francês, professor e diretor do Instituto de Bourges, Ernesto Hüet chegou ao Rio de Janeiro no final do ano de 1855. Com suas credenciais foi apresentado ao marquês de Abrantes, que o levou ao Imperador D. Pedro II. Acolhendo com simpatia os planos que Hüet tinha para a fundação de uma escola de “surdos-mudos” no Brasil, o imperador ordenou que lhe fosse facilitada a importante tarefa. Começando a lecionar para dois alunos no então Colégio Vassimon, Hüet conseguiu, em outubro de 1856, ocupar todo o prédio da escola, dando origem ao Imperial Instituto dos Surdos-Mudos. Em 1957, ou seja, cem anos após sua fundação, pela Lei nº 3.198, de julho, passaria a denominar-se Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES). (MAZZOTTA, 2011, p. 29)

Aos poucos esse processo de educativo foi sendo inserido, mesmo com as dificuldades que surgiram no processo, como a obrigatoriedade da oralidade. Mas no Brasil esse processo de inclusão no âmbito educacional, políticas públicas têm sido pensadas e implementadas para orientar o processo de inclusão nas escolas, alguns documentos norteadores e orientadores foram criados e debatidos, a fim de uma efetivação da educação inclusiva.

Com este olhar inclusivo a Constituição Federal de 1988 aparece apresentando o objetivo de “promover o bem de todos, sem preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade e quaisquer outras formas de discriminação” (art. 3º inciso IV). Constitui ainda no artigo 205 que a educação é direito de todos, garantindo o desenvolvimento integral de cada pessoa, a cidadania bem como a qualificação para o trabalho. Assim, estes artigos expressam a abertura e o acesso à educação.

De acordo com Moura, esse processo de inclusão não foi simples e fácil, como vimos anteriormente, é um processo que ainda vem ocorrendo:

A comunidade surda luta por seus direitos, por sua cultura, história, identidade e língua. Porém, está sociedade encontra grandes dificuldades ao tentar a inclusão no meio acadêmico, apesar de serem respaldados por leis e por decretos, como exemplos temos a Lei nº 10.436, de 24 de Abril de 2002 e o Decreto Nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, a execução destas leis e decretos ainda é rara, pois, não existe capacitação para profissionais atuarem na área, os poucos cursos de especialização, são apenas nos grandes centros urbanos e geralmente particulares, onde o candidato precisa dispor de recursos próprios para conseguir realizar tais especializações, para poder ter uma formação sólida e de qualidade para atuar na área com capacitação e clareza. (MOURA, 2015, p. 21735-36)

Como iniciamos hoje o número de alunos surdos tem crescido, de acordo com Silva:

A pessoa surda é vista nos dias atuais como sujeitos de sua própria história e da história da sociedade. As pesquisas e os trabalhos mais recentes mostram que essas pessoas aos poucos estão conseguindo espaço e vez na sociedade de diversos modos. O reconhecimento da identidade surda está acontecendo, sendo notável a atuação de diversas associações de surdos que lutam pelos seus direitos, como também a caminhada percorrida com o oralismo, a comunicação total e o bilinguismo. (SILVA, 2015 p.44)

De acordo com o objetivo de nossa pesquisa os alunos envolvidos são surdos e ouvintes, pois o curso de Letras/Libras atua com os dois públicos, para a investigação se fez necessário entrevistar alguns sujeitos envolvidos no processo de inclusão dos estudantes surdos, deste modo buscamos compreender o referido processo através das percepções de cada participante, neste dia, conseguimos alcançar 26 alunos entre ouvintes e surdos.

Nas turmas do curso de graduação em Letras/Libras encontramos 16 (dezesseis) estudantes surdos, e 10 (dez) alunos ouvintes, todos os alunos do 7º período do curso, primeira turma desta universidade. Como podemos ver esta turma é pioneira na universidade, e no dia da entrevista, a professora que estava presente, disse algo muito interessante e desafiador para os alunos, pois a universidade está esperando por eles para atuarem como professores, então que todos se preparassem para isso. Fala enriquecedora, empolgante e desafiadora.

Atualmente, o Censo da Educação Superior (2013a) aponta que temos um total de 8.676 alunos surdos, com deficiência auditiva ou surdos-cegos matriculados nas instituições de educação superior. A presença maior de estudantes surdos nas universidades é recente, e isso ocorreu devido a diversos fatores, entre os quais: o reconhecimento, que veio somente em meados da década de 1990, do status de língua para a língua de sinais; o aparecimento de propostas de educação bilíngue para surdos; e um momento histórico no qual políticas públicas de inclusão vêm aos poucos acrescentando o acesso e a participação ativa de pessoas com necessidades especiais em diferentes contextos sociais.

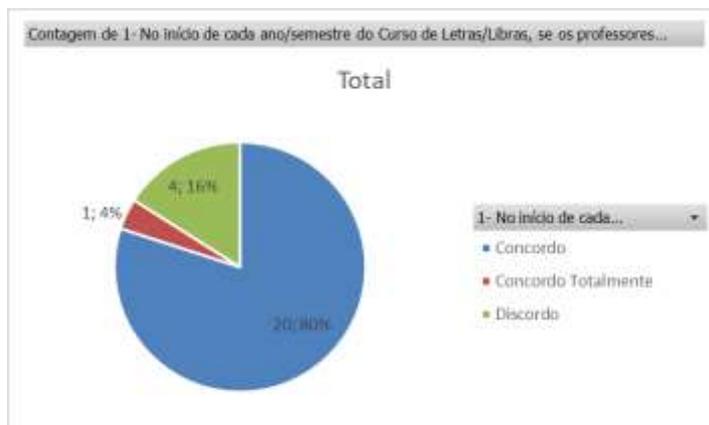
Mas como esse processo de aprendizagem tem acontecido com o aluno surdo? Ele permanece em sala de aula dentro da realidade amazônica? Como o aluno surdo se vê dentro desta realidade educacional? São vários questionamentos que buscamos responder nesta pesquisa. Com isso, trazemos logo a seguir, as análises da entrevista realizada na universidade e compreendermos como esse processo ocorre a partir do olhar do aluno surdo.

2. Processo de aprendizagem do aluno surdo no ensino superior

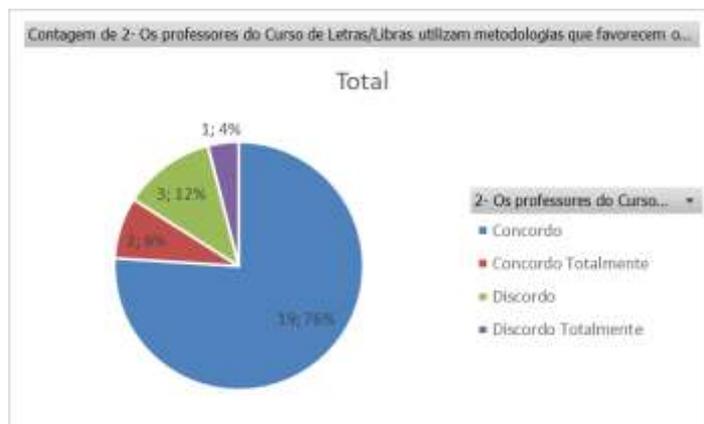
2.1- Ensino

Os gráficos a seguir foram gerados a partir das seguintes indagações feitas aos alunos, que foram elaboradas com o intuito de compreendermos como este processo de ensino-aprendizagem vem ocorrendo com a turma de Letras/ Libras:

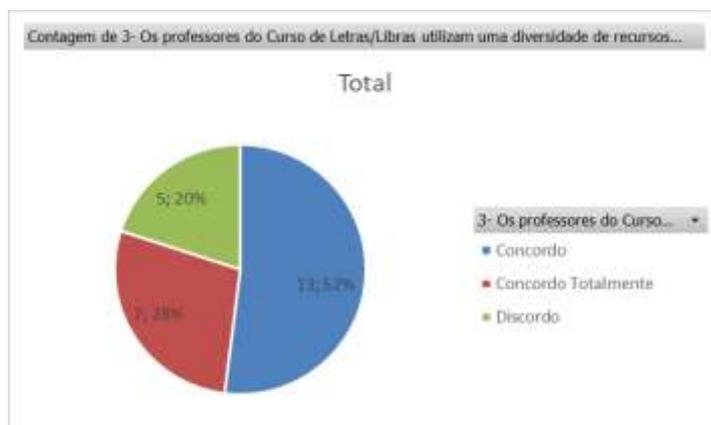
PE1. No início de cada ano/semestre do Curso de Letras/Libras, se os professores apresentam aos estudantes os programas de cada disciplina.



PE2. Os professores do Curso de Letras/Libras utilizam metodologias que favorecem o desenvolvimento da aprendizagem dos alunos surdos.



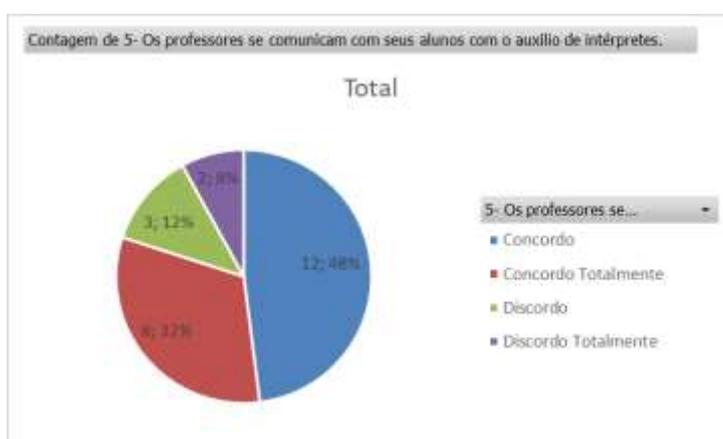
PE3. Os professores do Curso de Letras/Libras utilizam uma diversidade de recursos (ex. transparências, Powerpoint, plataforma on-line, sites da internet, modelos físicos, material bibliográfico, vídeos com Legendas e programas informáticos) que apoiem o desenvolvimento das aulas para o aluno surdo.



PE4. Os professores se comunicam com os alunos surdos utilizando a Libras.



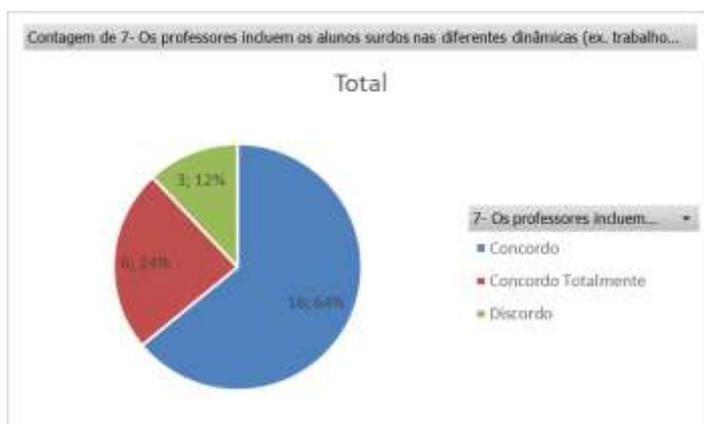
PE5. Os professores se comunicam com seus alunos com o auxílio de intérpretes.



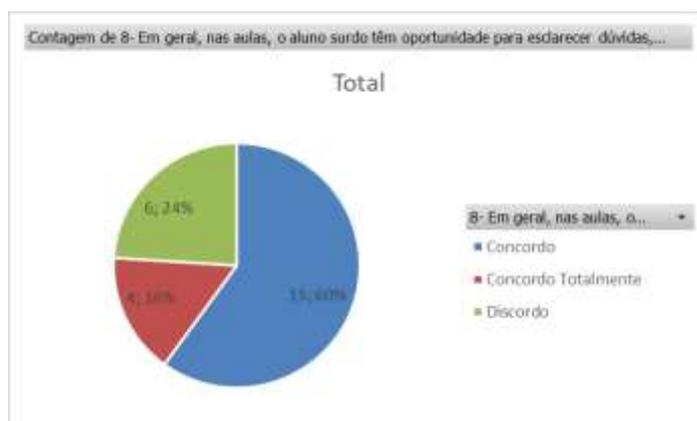
PE6. Os alunos surdos participam na organização e dinamização nas disciplinas do curso.



PE7. Os professores incluem os alunos surdos nas diferentes dinâmicas (ex. trabalho em grupo, grande grupo, pequenos grupos, pares, individual) que se desenvolvem nas aulas.



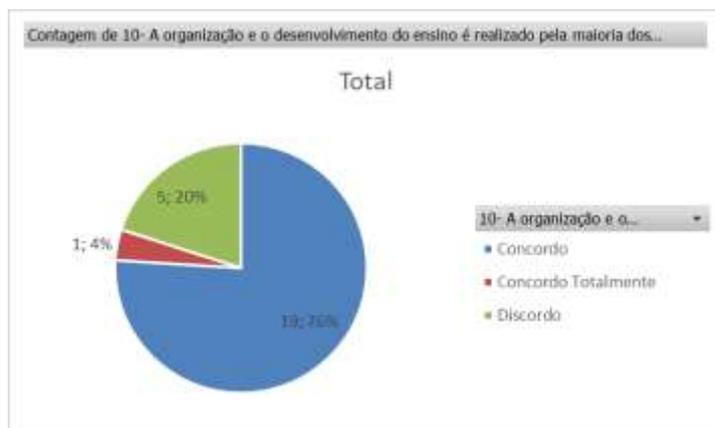
PE8. Em geral, nas aulas, o aluno surdo tem oportunidade para esclarecer dúvidas, verificando se aprendeu os conteúdos previstos nos programas.



PE9. Se percebe a disponibilidade dos professores para ajudar o aluno surdo a superarem dificuldades de aprendizagem fora do horário de aula.



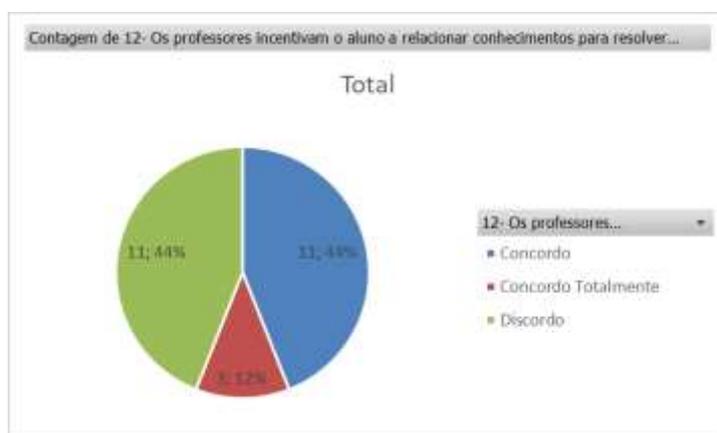
PE10. A organização e o desenvolvimento do ensino são realizados pela maioria dos professores de forma que todos o aluno surdo tem oportunidade para aprender o que está previsto no cronograma das disciplinas.



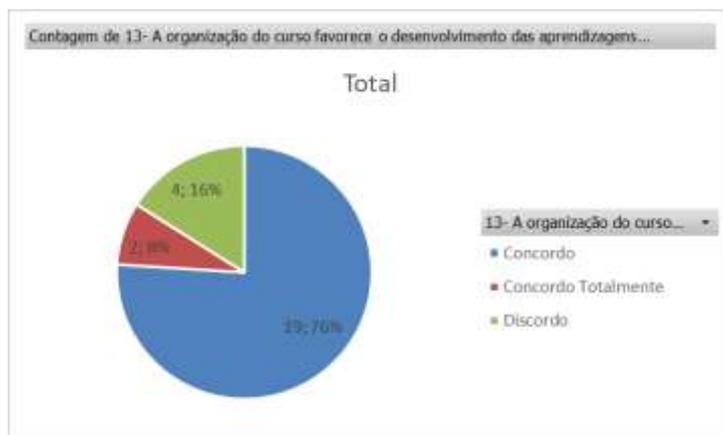
PE11. Os professores utilizam, os resultados da avaliação das aprendizagens do aluno surdo para alterar as metodologias de ensino.



PE12. Os professores incentivam o aluno a relacionar conhecimentos para resolver uma diversidade de problemas.



PE13. A organização do curso favorece o desenvolvimento das aprendizagens previstas nos programas de ensino para o aluno surdo.



Os gráficos representados são enumerados de acordo com o número da questão que aparece tanto no cabeçalho quanto no lado direito do quadro. Os gráficos 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12 e 13 mostra a satisfação dos alunos em relação a forma como o curso atende suas necessidades, desde a maneira como o professor atua em sala de aula se apropriando de metodologias diferenciadas que alcançam a expectativa dos alunos.

O domínio da LIBRAS também é um ponto positivo, pois não há a necessidade de utilizar interpretes em sala de aula. Diferentemente dos demais cursos que pudemos ver no decorrer da leitura sobre este processo de ensino-aprendizagem, o de Letras/LIBRAS neste tópico mostra um grau de satisfação dos alunos como a forma com que os professores têm atuado no curso.

Santana (2016, p.86) em seu artigo sobre a inclusão de surdos no ensino superior mostra uma entrevista em que alunos surdos falam sobre suas experiências no ensino superior no curso de Letras/LIBRAS, um dos alunos diz que no início do curso ele não lia e nem escrevia, a irmã era quem ajudava e que os professores falavam de forma formal, não tinha uma didática, não estavam preparados, muitos alunos surdos quase desistiram. Este relato leva a reflexão de que a universidade tem que estar preparada para receber o público surdo.

E isto nós vemos no gráfico 12 quando os alunos mostram uma insatisfação sobre o incentivo dos professores aos seus alunos, neste gráfico nos deparamos com um resultado em que os alunos se dividem quanto a esta questão, os alunos surdos encontram-se insatisfeitos pois para eles há uma necessidade de mais incentivo por parte dos professores, em uma outra pesquisa realizada por Foster, Long e Snell (apud BISOL, 2010 p.153):

(...) levantam outros problemas enfrentados pelos estudantes surdos: demora no recebimento das informações (tempo entre o que é falado e a tradução); quebra de contato visual enquanto o professor escreve no quadro, caminha pela sala ou lê um documento, o que impede a leitura labial; perda de informação quando é preciso

escolher entre olhar para o intérprete ou observar o professor enquanto este manuseia um objeto em laboratório ou trabalha com imagens.

Vários fatores levam para que esta dificuldade venha a acontecer, dentre eles, a falta de preparo dos profissionais, a percepção dos alunos surdos, quando veem que há uma atenção maior ao aluno ouvinte, a ideia de que o aluno surdo não conseguirá efetivar as atividades propostas, e outras mais. Para Lopes:

O currículo surdo não pode ser entendido apenas no âmbito das práticas cotidianas, de metodologias, de ter ou não ter domínio de um vocábulo em língua de sinais; ele nem mesmo pode ser entendido como sendo uma inclusão simplificada de conteúdos sobre a história surda, sobre a língua escrita dos surdos etc. um currículo surdo exige que nós pensemos na nossa capacidade de olhar para os surdos colocando-os em outras tramas, que não aquelas atreladas as pedagogias corretivas. (LOPES, 2007, p.86)

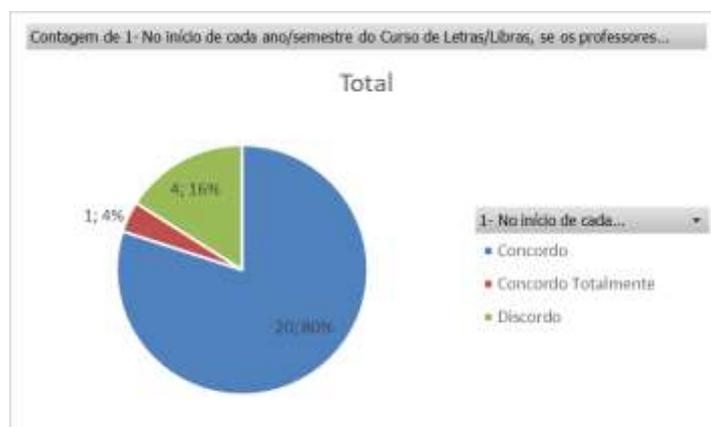
Porque falar sobre essas práticas, justamente por sentirmos através das respostas essas dificuldades que o aluno surdo em relação a essa situação em que se encontram em sala de aula, mas não são vistos, tomamos como base nas repostas que nos foi fornecida nas entrevistas. Entendemos que esta pedagogia que é diferenciada tem que fazer parte desta realidade do aluno surdo.

O que percebemos nos gráficos é que todas as questões que estão relacionadas a dedicação do professor em busca de meios e formas de trabalhar em sala de aula com essa turma mista, hoje vemos essa diferença grande em relação há 20 anos atrás, isso sendo pessimista, mas sabemos que ainda tem muito que mudar.

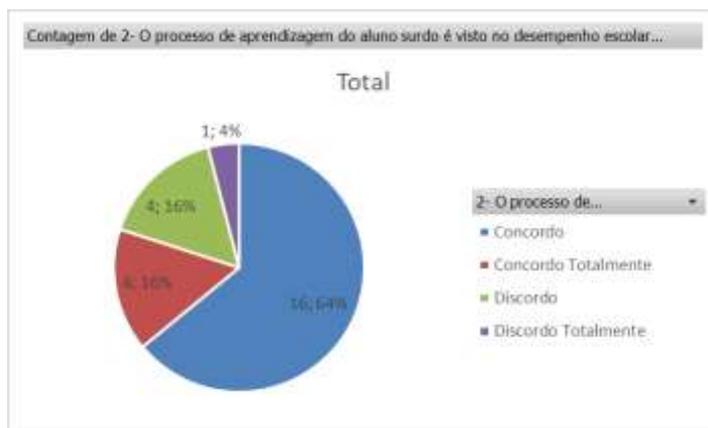
2.2-Aprendizagem

Neste momento buscou-se compreender como vem ocorrendo o processo de aprendizagem destes alunos, as perguntas realizadas foram:

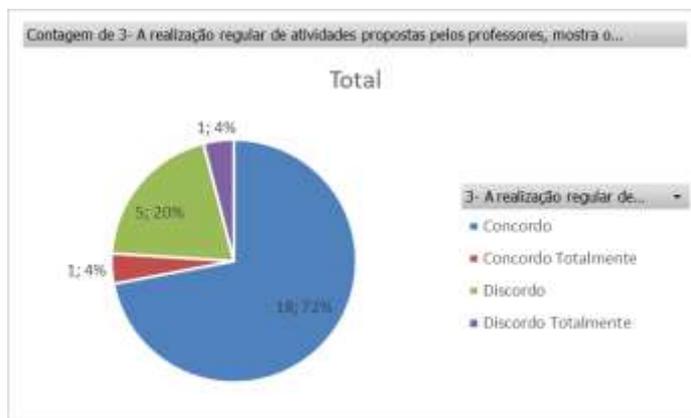
PA1. O aluno surdo do Curso de Letras/Libras aprende os conteúdos constantes nos programas porque tem que estudar para as provas e/ou exames finais.



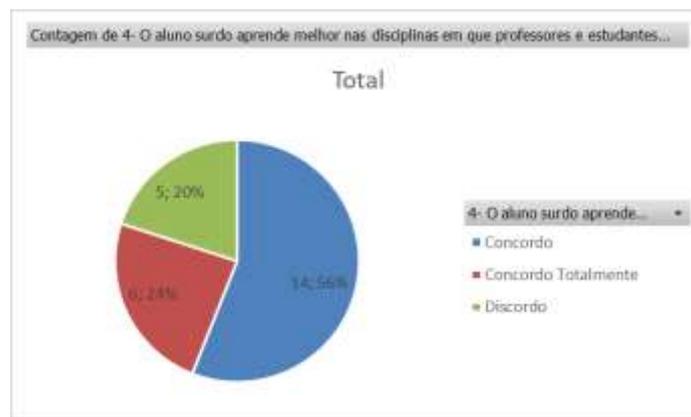
PA2. O processo de aprendizagem do aluno surdo é visto no desempenho escolar através das provas e exames finais.



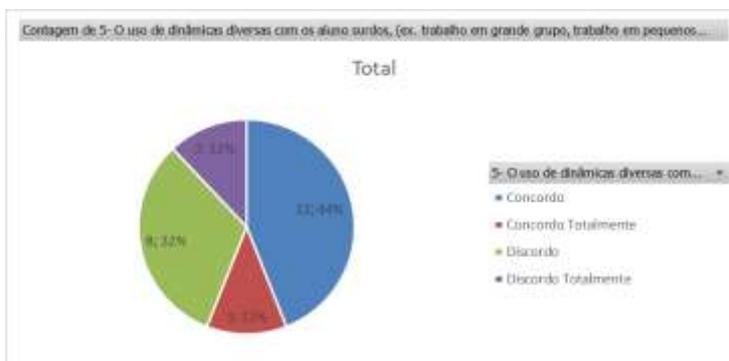
PA3. A realização regular de atividades propostas pelos professores, mostra o desempenho do aluno surdo no Curso de Letras/Libras



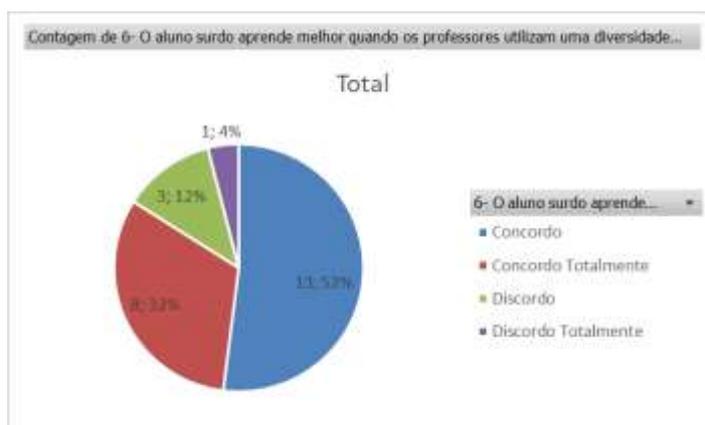
PA4. O aluno surdo aprende melhor nas disciplinas em que professores e estudantes estabelecem relações que facilitam a cooperação no processo de aprendizagem.



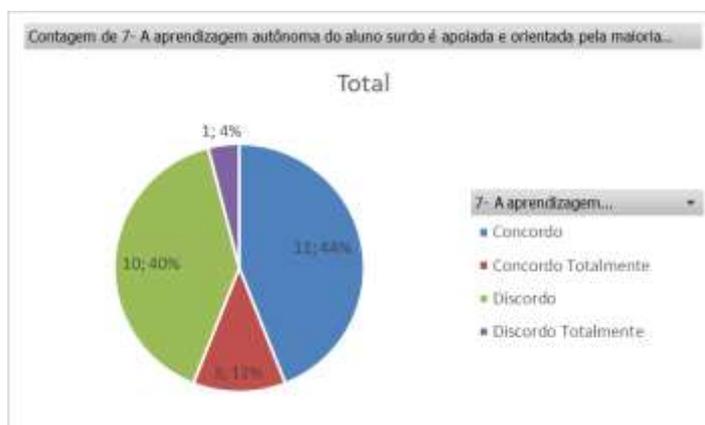
PA5. O uso de dinâmicas diversas com os alunos surdos, (ex. trabalho em grande grupo, trabalho em pequenos grupos, trabalho em pares, trabalho individual), obtém uma resposta semelhante aos demais alunos da sala de aula no Curso de Letras/Libras no processo de aprendizagem.



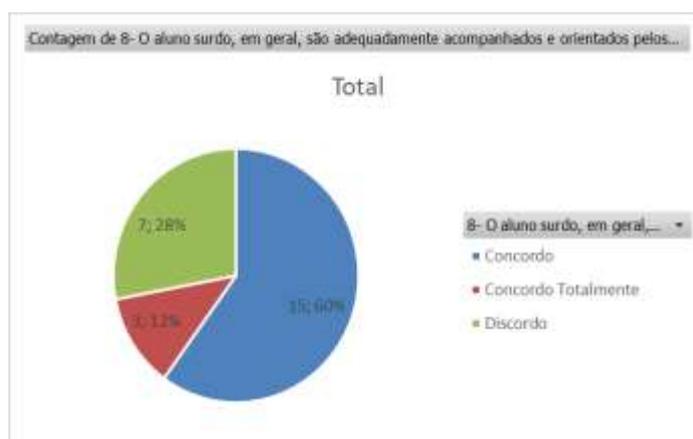
PA6. O aluno surdo aprende melhor quando os professores utilizam uma diversidade de recursos para ensinar (ex. materiais bibliográficos, transparências, Powerpoint, plataforma on-line, sites da internet, modelos físicos, programas informáticos).



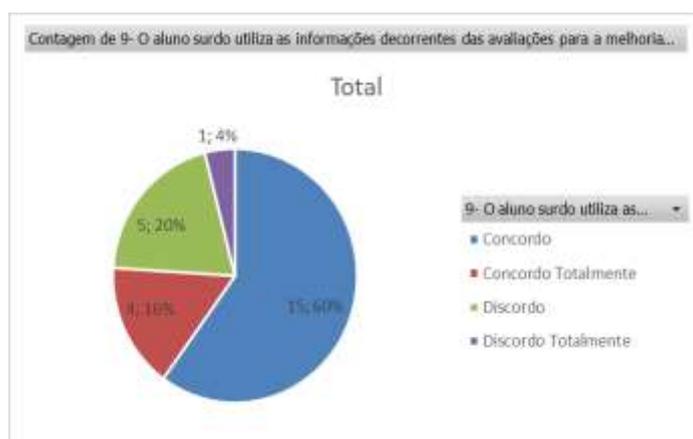
PA7. A aprendizagem autônoma do aluno surdo é apoiada e orientada pela maioria dos professores.



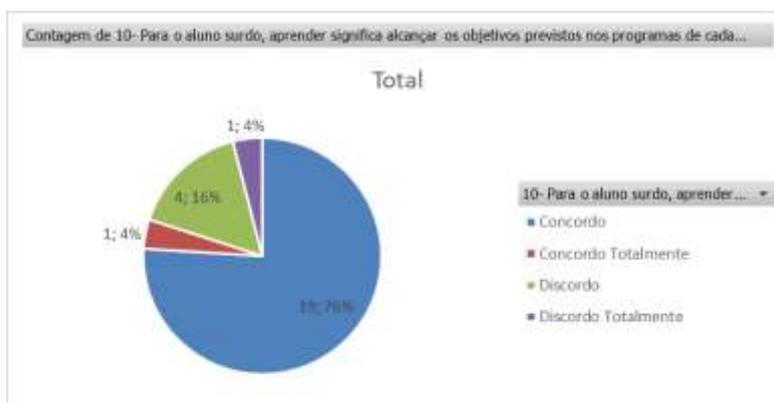
PA8. O aluno surdo, em geral, é adequadamente acompanhado e orientado pelos professores ao longo do processo de aprendizagem.



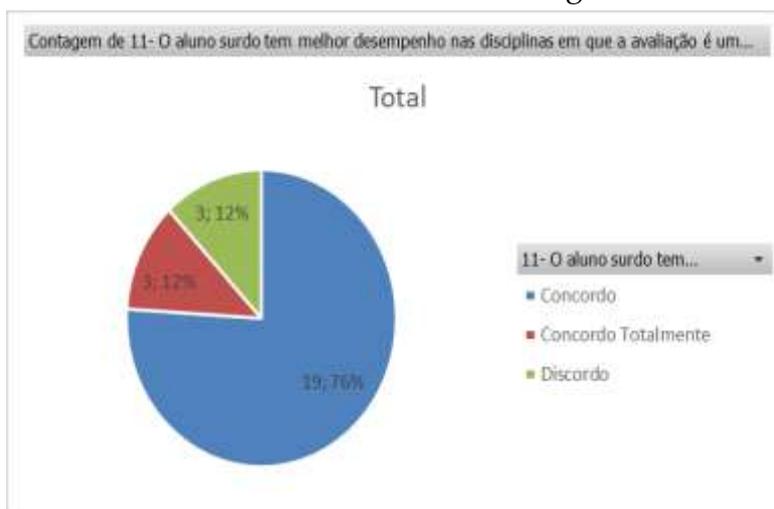
PA9. O aluno surdo utiliza as informações decorrentes das avaliações para a melhoria das suas aprendizagens.



PA10. Para o aluno surdo, aprender significa alcançar os objetivos previstos nos programas de cada disciplina.



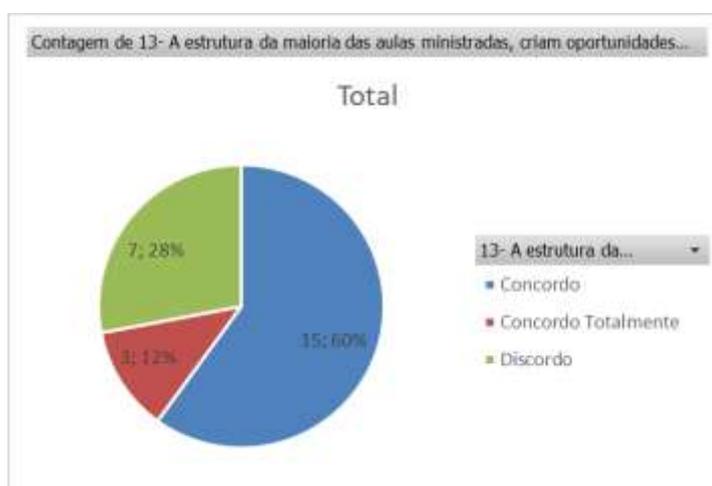
PA11. O aluno surdo tem melhor desempenho nas disciplinas em que a avaliação é um processo que se desenvolve de forma contínua ao longo do ano/semestre.



PA12. As propostas de atividades entregues pelos professores, leva o aluno surdo a se envolver ativamente neste processo de aprendizagem.



PA13. A estrutura da maioria das aulas ministradas, criam oportunidades para que o aluno surdo perceba ou verifique se aprendeu os assuntos previstos nos programas.



De acordo com os gráficos esse processo vem ocorrendo de forma satisfatória para estes alunos, a questão número 5, que traz a dinâmica como uma metodologia que facilita esse processo, faz com a compreensão do conteúdo seja eficiente, confirmando assim na questão 6 que esse meio metodológico é hábil para que realmente ocorra uma aprendizagem e que irá refletir na avaliação destes alunos.

A orientação, a continuidade avaliativa, as dinâmicas, a autonomia, o envolvimento do aluno nas atividades, foram meios identificados nas questões como processos positivos utilizados em sala de aula, pois a partir deste processo, o professor não ficou apenas num contexto conteudista, mas procurou outras formas que pudessem ajudar os alunos a obterem melhores informações relacionados ao conteúdo de sala de aula.

Nos primeiros anos na universidade o aluno surdo sente muita dificuldade em adaptar-se, pois seu contexto educativo anterior a educação superior, traz um arcabouço de situações que realmente requer do aluno surdo uma superação, assim Bisol diz que:

(...) a integração requer não apenas capacidade para o desempenho das atividades acadêmicas, como também para o envolvimento com os colegas, os professores e o ambiente. Ambas são fundamentais nos primeiros anos do ensino superior para melhorar as chances de êxito. (BISOL, 2010, p.152)

E o que vemos diante dos dados aqui registrados, é que os alunos têm conseguido absorver diante das metodologias utilizadas os conceitos e conteúdos repassados pelos professores, assim também como sua interação nas atividades propostas pelos professores no decorrer da aula, além do uso da Libras, o aprendizado tem alcançado as expectativas dos alunos, que ingressaram neste curso.

Para Alves (ALMEIDA, 2015, p37) os desafios enfrentados pelos alunos surdos que buscam uma educação que respeite suas diferenças, são inúmeras, pois o que tem se encontrado é uma pedagogia de ouvintes para ouvintes ou de ouvintes para surdos, não reconhecendo as especificidades do indivíduo surdo.

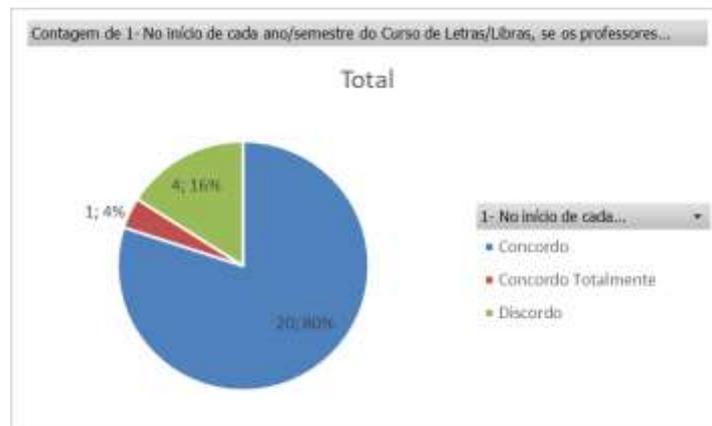
O aluno surdo identificados nas pesquisas, tem um olhar totalmente diferenciado, do aluno do século passado, de década passada, pois hoje ele compreende a importância de se estar em uma universidade, assim também como sua cultura, identidade e conquistas. Os desafios encontrados no percurso do curso são vencidos dia a após dia, dado este observado no dia em que estive na sala de aula apresentando o questionário, e a professora os desafiou a irem muito além do que a graduação, pois se precisa de professores surdos para atuarem na própria universidade ao qual estão se formando.

2.3- Avaliação

Analisar como esse processo avaliativo tem refletido nesse processo de ensino-aprendizagem faz parte de nosso objetivo, para Luckesi (1999) a avaliação da aprendizagem, por ser avaliação, é amorosa, inclusiva, dinâmica e construtiva. E com esse olhar é que temos

os dados aqui apresentados acima, e vemos como os alunos tem aprendido. Para isso as questões apresentadas aos alunos foram:

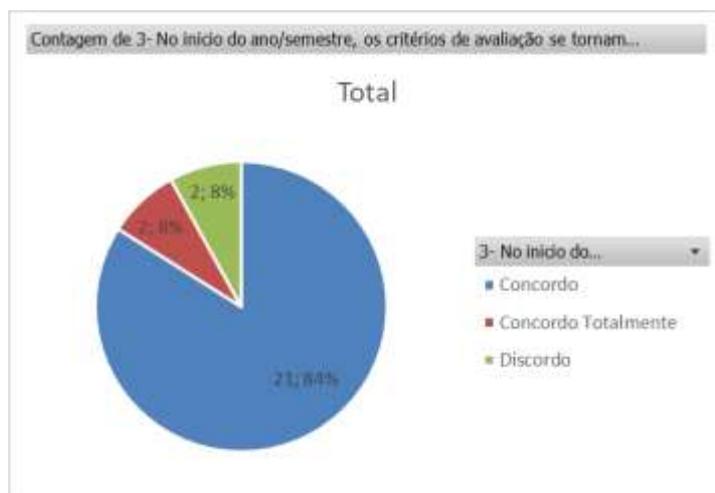
PAv1. Na maioria das disciplinas do Curso de Letras/Libras, a avaliação desenvolve-se de maneira contínua ao longo do ano/semestre, sem obstáculos para o aluno surdo.



PAv2. Há um debate frequente realizado pelos professores, com os alunos, consideram as necessidades do aluno surdo sobre a organização e o desenvolvimento do processo de avaliação.



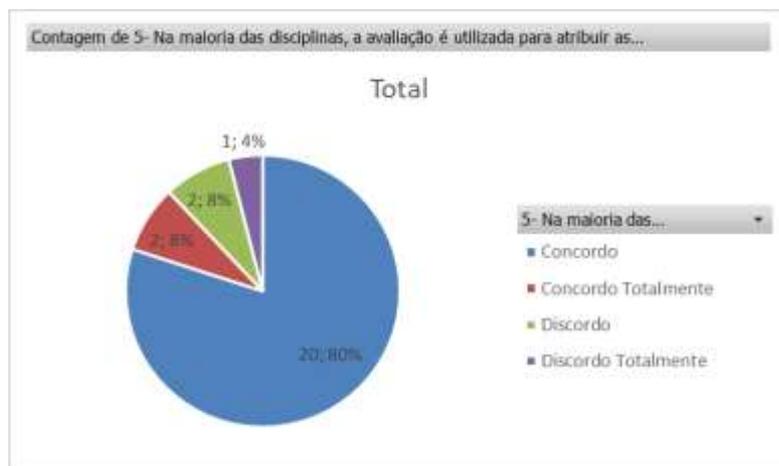
PAv3. No início do ano/semestre, os critérios de avaliação se tornam conhecidos pela maioria dos estudantes.



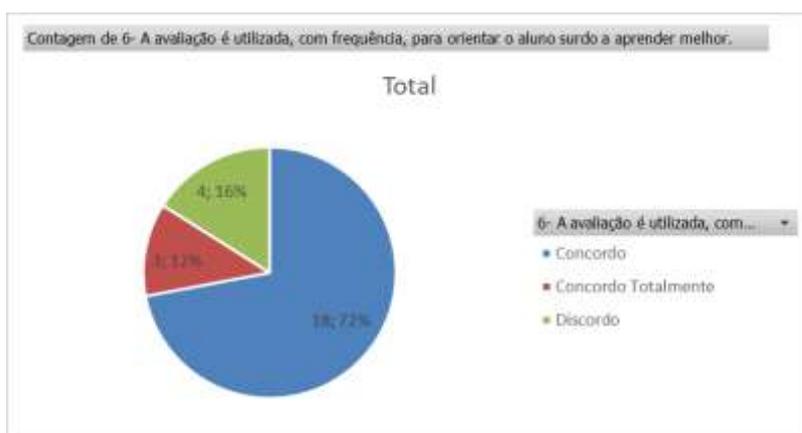
PAv4. No processo de avaliação utiliza-se, com frequência, uma diversidade de tarefas e/ou instrumentos (ex. provas, testes, trabalhos, relatórios, apresentações, pesquisas), que levam em consideração as necessidades do aluno surdo.



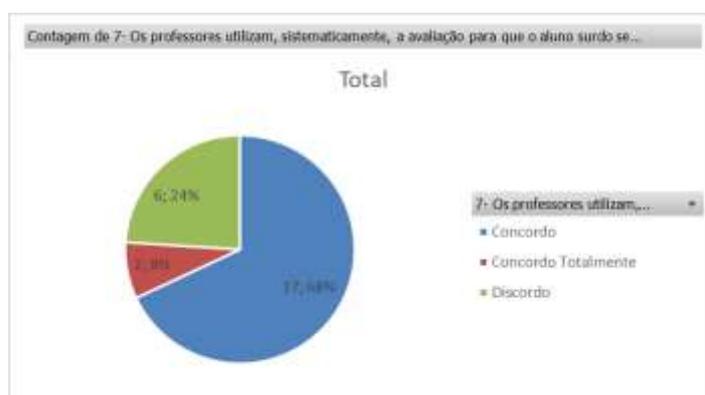
PAv5. Na maioria das disciplinas, a avaliação é utilizada para atribuir as notas/classificações ao aluno surdo.



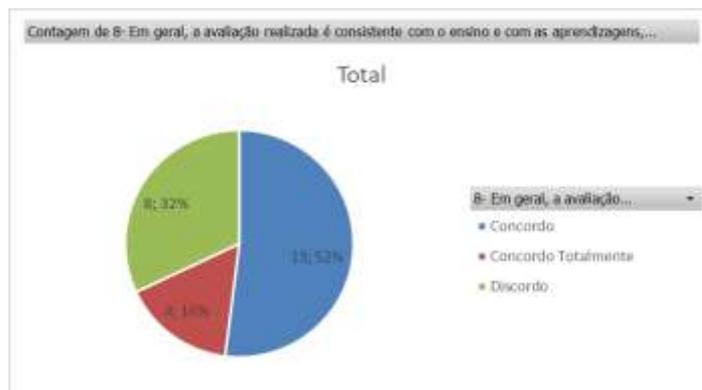
PAv6. A avaliação é utilizada, com frequência, para orientar o aluno surdo a aprender melhor.



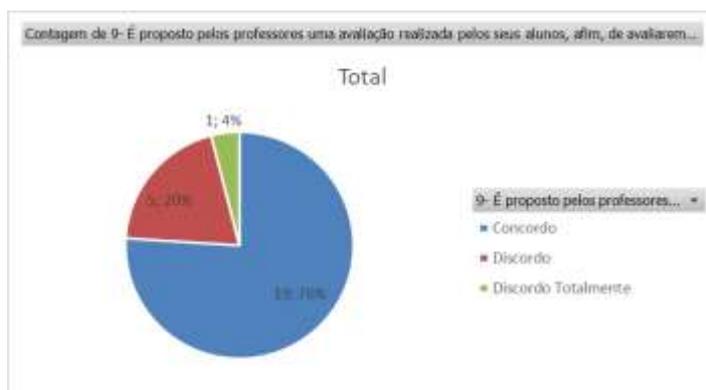
PAv7. Os professores utilizam, sistematicamente, a avaliação para que o aluno surdo se conscientize das suas dificuldades e/ou dos seus progressos na aprendizagem.



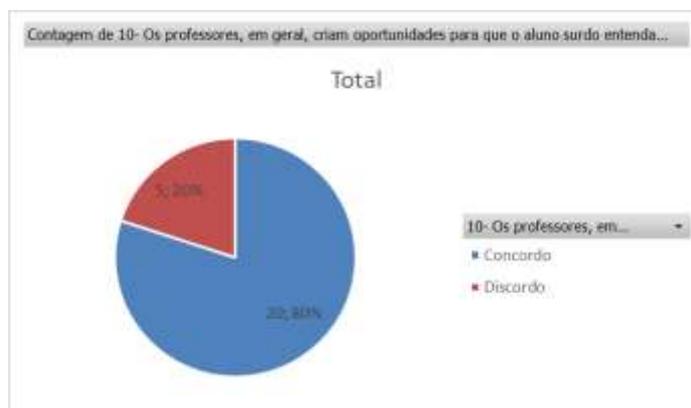
PAv8. Em geral, a avaliação realizada é consistente com o ensino e com as aprendizagens, levando em consideração as dificuldades do aluno surdo.



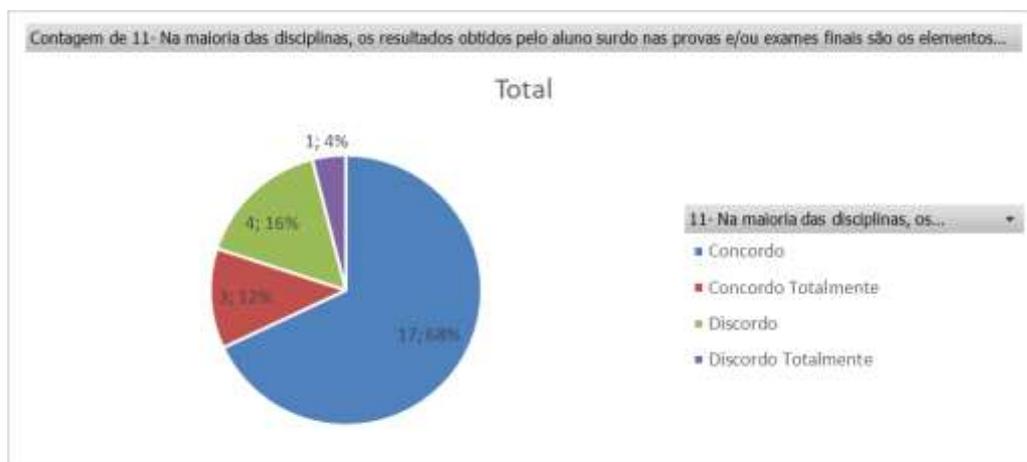
PAv9. É proposto pelos professores uma avaliação realizada pelos seus alunos, afim, de avaliarem seu próprio trabalho e suas estratégias com aluno surdo.



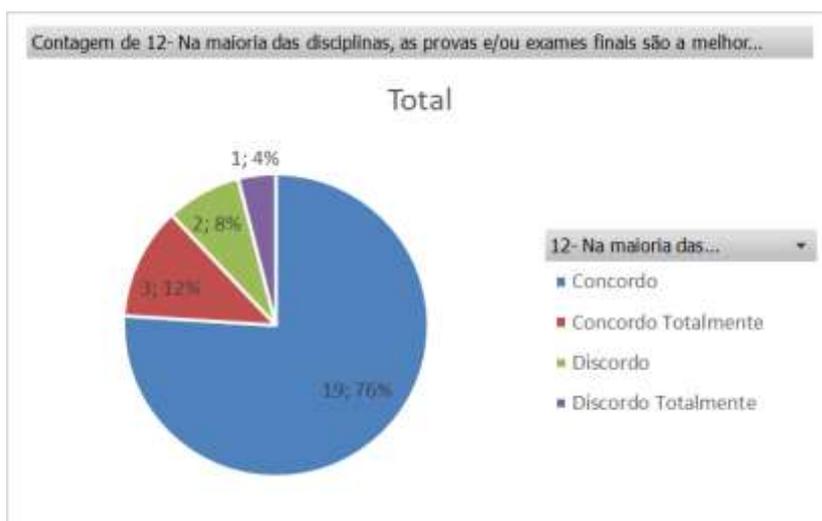
PAv10. Os professores, em geral, criam oportunidades para que o aluno surdo entenda e/ou questione os juízos formulados acerca das suas aprendizagens.



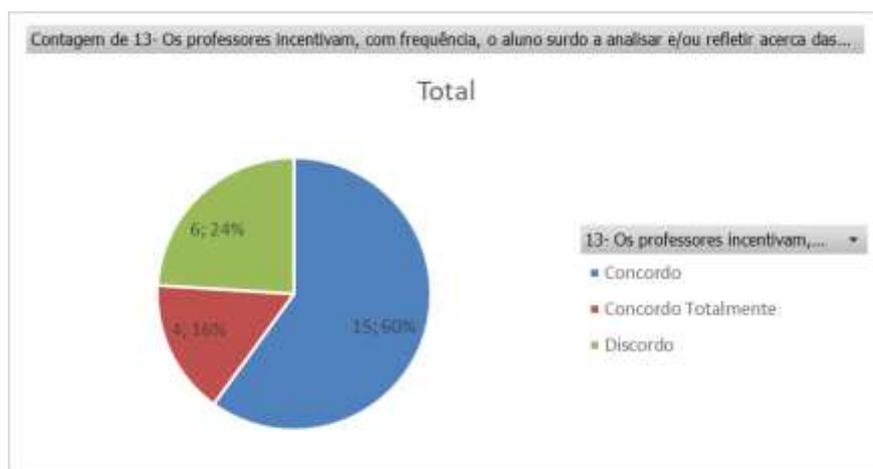
PAv11. Na maioria das disciplinas, os resultados obtidos pelo aluno surdo nas provas e/ou exames finais são os elementos mais determinantes para a atribuição das suas classificações.



PAv12. Na maioria das disciplinas, as provas e/ou exames finais são a melhor forma de conhecer o que o aluno surdo sabe e é capaz de fazer.



PAv13.Os professores incentivam, com frequência, o aluno surdo a analisar e/ou refletir acerca das aprendizagens realizadas.



As formas como a avaliação ocorre no curso tem sido relevante para que se registrasse o desempenho do aluno surdo e ouvinte, e a pergunta 3 foi necessária, para que se entenda que desde o início do ano os alunos tomaram conhecimento de como aconteceria esse processo avaliativo e como podemos ver 21,84% da turma concordaram que houve essa informação, assim estavam preparados e cientes.

Vale ressaltar que os gráficos 4,6,7,8,9,10 e 13 trazem uma preocupação quanto a ação do professor diante das necessidades do aluno surdo em sua aprendizagem, buscando formas e meios de fazer-se compreender no repassar dos conteúdos, das discussões em sala de aula e a forma como o professor vê a avaliação, pois como podemos perceber, o professor não está examinando, mas sim avaliando o aluno como um todo.

Pois as oportunidades criadas pelos professores a fim de que o aluno entenda, o incentivo, as dificuldades identificadas no decorrer deste processo avaliativo e a diversidade de instrumentos e tarefas avaliativas, fazem com que o aluno compreenda a importância do aprender e reaprender para ir em busca de melhores resultados. Silva diz que:

Um estado que pode influenciar os resultados das avaliações de todos os alunos, o que inclui os surdos, é o motivacional de cada um, ou seja, o interesse. O interesse se refere a causas internas ou externas do aprendiz ou ao tipo de meta, que podemos designar como motivação intrínseca ou extrínseca. O interesse é um fator pessoal e funciona como elemento regulador, mobilizando a energia necessária. (SILVA, 2015, p.696)

O que precisamos lembrar é que nesta sala de aula temos uma turma mista de surdos e ouvintes, então esse processo motivacional também é importante para o aluno ouvinte, pois o diagnóstico avaliativo obtido na pesquisa apresenta este aluno ouvinte como aprendiz e que busca alcançar uma meta, assim como o aluno surdo.

Mahal compreendendo a fala de Gutierrez e Gama em relação a esse processo avaliativo, diz que:

o aluno surdo, por ter a privação do sentido da audição, apresenta dificuldades na comunicação oral e gráfica, necessitando assim de um desprendimento de atenção por parte do professor um pouco maior em relação aos demais da classe, já que para os surdos, a Língua Portuguesa é um instrumento linguístico que não se apresenta como recurso que vem facilitar o intercâmbio entre aluno e professor, mas um obstáculo que precisam transpor com grande dificuldade, pois, na maioria dos casos, a sua primeira língua do aluno surdo é a Linguagem Brasileira de Sinais (LIBRAS) e não a Língua Portuguesa. (MAHL, 2013, p.584)

Ou seja, são vários fatores que interferem neste processo avaliativo, mas o que podemos ver nos gráficos aqui apresentados é que os professores, buscam atender ao público, diante das suas necessidades, pois como podemos ver no gráfico 12 19,76% dos alunos concordam que as provas e exames finais é uma forma demonstrar o que o aluno absorveu dos conteúdos apresentados em sala de aula.

A avaliação da aprendizagem é uma questão político-pedagógico e deve sempre apreciar e valorizar tanto os entendimentos do aluno quanto o trabalho do professor através de reflexões críticas e contínuas da prática pedagógica da universidade e sua função social. Assim, neste contexto, vê-se a necessidade de ser aberto e objetivo no decorrer do processo avaliativo, não podendo se ater apenas a averiguação da aprendizagem de conteúdo ou atividades, apropriando-se tão somente dos instrumentos de provas e notas, apesar de fazerem parte desse processo, principalmente com alunos surdos. A avaliação deve considerar uma concepção mais ampla, criando uma formação de juízos e crítica de aspectos qualitativos ao invés de quantitativos.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa possibilitou verificar como o processo de ensino aprendizagem tem ocorrido com os alunos surdos e ouvintes do Curso de Letras/Libras, e podemos averiguar que mesmo diante de algumas dificuldades que são corriqueiras de qualquer estudante, esse processo tem caminhado de forma satisfatória para esses alunos.

Com isso vemos que a universidade tem buscado atender a este público, com os estudos antes realizados pela universidade e preparação dos professores para atuarem em sala de aula com um público tão diverso, tem sido o desafio e o alcance que a universidade vem realizando no decorrer dos anos.

E que as formas encontradas pela instituição têm alcançado atender o que o público busca, sem que se sintam prejudicados, assim também, como a busca de alunos surdos pelo curso de Letras/Libras na universidade, mostra que o caminho que está sendo traçado tem sido relevante para o aprendizado e também para a formação de novos profissionais.

Os desafios ainda são muitos, os caminhos a serem traçados por estes alunos serão longos, mas o desejo de aprender e de buscar uma profissão que o valoriza diante de sua condição, mostra que o aluno surdo, está presente nas universidades e que tem sim, condições de ser um profissional tão ativo e competente quanto outro.

Referência

ALMEIDA, Wolney Gomes (org). **Educação de Surdos: formação, estratégica e prática docente**. Ilhéus, BA: Editus, 2015

BISOL, Claudia A. et al. Estudantes surdos no ensino superior: reflexões sobre a inclusão. **Cadernos de Pesquisa**, v. 40, n. 139, p.147-172, jan./abr. 2010.

ESDRAS, Dirceu. **Panorama da educação de surdos no Brasil: ensino superior**. Instituto Nacional de Educação de Surdos (Org.). — Rio de Janeiro: INES, 2017

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOLDFELD, Marcia. A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva interacionista. 7ª edição. São Paulo: Plexus Editora, 2002.

LAKATOS, Eva Maria e MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica 1**. 5ª. ed. São Paulo: Atlas 2003.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. São Paulo: Cortez, 1999.

MAHL, Eliane. Avaliação Escolar para alunos surdos: entendimentos dos professores sobre este processo. ANAIS VIII ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL. Londrina de 05 a 07 novembro de 2013 - ISSN 2175-960X

MAZZOTTA, Marcos J. S. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MOURA, Bruna. (et al). Inclusão dos alunos surdos no Ensino Superior. 2015. Paraná. In: XII EDUCARE-Congresso Nacional de Educação. Anais: Formação de professores, complexidade e trabalho docente. p. 21734- 21739. Disponível em: http://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/20758_10051.pdf acesso em: 30/01/2019.

NASCIMENTO, Leandra Fernandes do. Abordagem quantitativa na pesquisa em educação: investigações no cotidiano escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v. 11, n. 25, p. 251-262, abr./jun. 2018 249 <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v11i25.7075> | ISSN: 2358-1425 (versão online).

ROCHA, Solange. (org). **O INES e a educação de surdos no Brasil**. Vol.1 2ª ed. Rio de Janeiro: INES, 2008.

SANTANA, Ana Paula. A Inclusão do Surdo no Ensino Superior no Brasil. **Journal of Research in Special Educational Needs** Volume 16 Number s1 2016 85–88 doi: 10.1111/1471-3802.12128.

SILVA, Elifas Levi. Avaliação visual da aprendizagem: uma alternativa para alunos surdos. Revista **Est. Aval. Educ.**, São Paulo, v. 26, n. 63, p. 688-714, set./dez. 2015.

SILVA, Polliana Barboza da. **A inclusão do estudante surdo no ensino superior: das percepções de estudantes surdos e seus professores às práticas de sala de aula. Estudo de caso**. 2015. (Dissertação de Mestrado), Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração Instituto de Educação. Lisboa.

O USO DAS TECNOLOGIAS DO DIA-A-DIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DA EDUCAÇÃO INFANTIL E ANOS INICIAIS

Bianca Campos Valente
Fábio José da Costa Alves
Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes

RESUMO

O artigo apresentado é resultado da disciplina Pesquisa Quantitativa realizada no mestrado em Educação da Universidade do Estado do Pará, que teve por objetivo propiciar a reflexão crítica acerca das pesquisas quantitativas e suas contribuições na educação, onde foram apresentados estudos sobre. Este artigo foi resultado de uma pesquisa de campo com abordagem quantitativa, com os alunos do curso de pedagogia de uma universidade pública do Estado do Pará do 5º e 7º semestre, foi aplicado questionário sobre o uso das tecnologias do dia-a-dia na formação de professores da educação infantil e anos iniciais, 44 alunos responderam, utilizou-se o Alfa de Cronbach, Alfa é um coeficiente de correlação quadrado que mede a homogeneidade das perguntas por meio da média todas as correlações entre os itens para ver que de fato parecem. Este índice de consistência interna assume valores entre 0 e 1 para medir a confiabilidade do questionário aplicado, quanto mais o índice chegar perto do topo da escala, ou seja, perto de um, maior a confiabilidade dos dados. O texto discute as nuances da formação de professores no curso de pedagogia no que diz respeito ao uso de tecnologias do dia- a- dia e nesse sentido se os alunos sentem-se preparados para usa-las em sala de aula. Assim espera-se contribuir para reflexão da formação dos futuros professores e os desafios postos aos professores em sala de aula com as inovações de um mundo conectado com a realidade da escola de hoje e os saberes necessários para uma educação com aprendizagens mais significativa para os alunos.

Palavras-chave: Alfa de Cronbach, Pesquisa Quantitativa, Tecnologia Educacional, Formação de professores, Tecnologias do dia-a-dia, curso de pedagogia.

INTRODUÇÃO

O mundo conectado em que vivemos trouxe consigo alguns desafios à prática docente entre eles, alguns saberes necessários para uma educação conectada, interligada, transdisciplinar, combustíveis para uma reforma no ensino que deve passar também por uma reforma no pensamento. Para isso é importante refletirmos a formação dos futuros professores e como a formação dos professores da educação infantil e anos iniciais contribui para a utilização de novas tecnologias do dia- a – dia em sala de aula.

Para tanto este artigo busca investigar a contribuição da formação inicial de professores da educação infantil e anos iniciais para o uso das novas tecnologias do dia- a- dia em sala de aula, para tanto utilizamos como objeto de investigação o curso de Pedagogia de uma universidade pública do Estado do Pará.

A tecnologia educacional como ferramenta a favor da educação tem sido uma alternativa metodológica para alcançar objetivos educacionais e motivar o aluno, devendo estar presente no desenvolvimento da prática docente como instrumento para o processo de aprendizagem, nesse sentido como os cursos de formação de professores da educação infantil e anos iniciais tem preparo os futuros professores para o uso das tecnologias do dia a dia no desenvolvimento de sua prática docente.

Com a intenção de responder a esse questionamento a pesquisa pretende Investigar de que forma os cursos de formação de professores contribuem para que o professor domine o uso de tecnologias do dia-a-dia para usá-las na sua prática docente como ferramenta para a melhoria do processo ensino aprendizagem a partir da análise de documentos como projeto pedagógico do Curso de formação de professores e as análises dos questionários aplicados com alunos do curso de formação.

No processo dialético de conhecimento da realidade, o que importa fundamentalmente não é a crítica, o conhecimento pelo conhecimento, mas a crítica e o conhecimento crítico para uma prática que altere e transforme a realidade anterior no plano do conhecimento e no plano histórico-social. (FRIGOTTO, In FAZENDA, 1989, p.81).

O avanço do uso de tecnologias educacionais como ferramenta pedagógica pelos professores tem sido sem dúvida, um processo que vem sendo inserido na prática docente como formas de ensinar e aprender. As tecnologias educacionais por meio de ambientes virtuais de aprendizagens, jogos interativos, aplicativos educacionais, lousas interativas, redes sociais, entre outros podem ser um aliado ao professor. Quando bem utilizadas, podem trazer resultados positivos para a melhoria da aprendizagem transformando-as em conhecimento.

As TIC fazem parte do ofício atual do professor e ele precisa aprender a dominar essas ferramentas digitais. De acordo com Sanmartí (2002), as TIC podem integrar-se em processos que promovam uma atividade escolar interessante, estimulante, criativa, motivadora, interativa. (OLIVEIRA, 2013, p.256)

O artigo foi construído com base em uma pesquisa de cunho quantitativo com aplicação de questionários com alunos do curso de pedagogia de uma universidade pública do Estado do Pará e análise do Projeto Pedagógico do curso- PPC, onde analisamos os dados resultantes da pesquisa e aborda a relação do uso das tecnologias do dia a dia nas salas de aula e a formação do professor.

Para isso o primeiro passo foi a elaboração do questionário, onde a partir dos objetivos definidos, elaboramos as perguntas que responderiam aos objetivos que foi dividido em três categorias de perguntas sendo elas a categoria de perguntas referente ao ensino, as referentes a aprendizagem e as referentes a avaliação. Para Manzato e Santos (2002, p. 10) o questionário deve obedecer alguns critérios que possua uma lógica interna na representação exata dos objetivos e na estrutura de aplicação, tabulação e interpretação.

Após a definição dos objetivos e a elaboração do questionário partimos para sua aplicação e o grupo que escolhemos aplicar foi alunos do curso de pedagogia do 5ª e 7ª semestre, o critério para a escolha foi terem cursado a disciplina tecnologia educacional, disciplina ofertada no 3º ano do curso. Para a aplicação do questionário foi utilizado a plataforma do *Google Forms* que computou o resultado das respostas.

Segundo Falcão e Régnier (200, p. 232) “a quantificação abrange um conjunto de procedimentos, técnicas e algoritmos destinados a auxiliar o pesquisador a extrair de seus dados subsídios para responder à(s) pergunta(s) que o mesmo estabeleceu como objetivo(s) de seu trabalho”. (apud GATTI, 2004, p. 14).

Para a análise das respostas do questionário foi aplicado o teste do Alfa de Cronbach que é o teste de confiabilidade que define a consistência das respostas obtidas pelos respondentes do questionário, para isso utiliza-se uma escala de zero a um, onde quanto mais próximo do um o resultado do teste chegar mais confiável são as respostas do questionário.

Após construído e aplicado o questionário é importante avaliarmos a confiabilidade que pode ser definida como a estabilidade ou consistência dos resultados obtidos. Isto é, refere-se à medida em que a aplicação repetida do instrumento, ao mesmo sujeito ou objeto, produz os mesmos resultados. (ALVES, FERNANDES e SILVA, 2018, p. 10)

DISCUSSÃO TEÓRICA

A inserção do uso das tecnologias no dia-a-dia na educação, quando bem empregadas, exerce um papel importante na relação ensino-aprendizagem, contribuindo positivamente para seu desenvolvimento cognitivo e intelectual, em especial no que esse desenvolvimento diz respeito ao raciocínio lógico e formal, à capacidade de pensar com rigor e sistematicidade, à habilidade de inventar ou encontrar soluções para problemas.

As tecnologias do dia-a-dia estão presentes no cotidiano dos alunos e professores, são elas, celular, smartphones, tablets, notebook, internet, redes sociais, e todos os dias surgem aplicativos que passam a integrar nas tarefas do dia-a-dia e podem ser bons aliados para a educação quando usadas como ferramenta pedagógica no processo ensino- aprendizagem.

O uso das tecnologias do dia-a-dia na educação como ferramentas pedagógicas deve ser paralelo à formação do professor e a mudança de postura do professor. Essa dinâmica se reflete na apropriação da tecnologia nas práticas pedagógicas que este faça a mediação do processo ensino-aprendizagem de forma a contribuir para uma formação dinâmica que está todo o tempo em movimento, conectados com as mudanças e transformações do mundo.

A inserção das tecnologias do dia-a-dia no cotidiano da sala de aula perpassa pela formação do professor, seja ela na formação inicial ou na formação continuada oferecida pela escola. Os cursos de formação de professores devem atender a demanda que a sociedade traz. Os cursos de licenciatura devem instrumentalizar os futuros professores para que esses insiram de forma satisfatória as tecnologias do dia-a-dia como ferramenta pedagógica.

Escolas devem possibilitar aos professores novos encaminhamentos quanto ao processo de aquisição do conhecimento possibilitando no cotidiano da escola a utilização

dessas tecnologias. Cabe à escola proporcionar espaço de formação, entre outras demandas a formação em tecnologia digital ao corpo docente, para que este se sinta seguro e capaz de desenvolver atividades interativas junto aos alunos.

A formação centrada na instituição educacional não é apenas uma estratégia de formação como conjunto de técnicas e procedimentos, mas tem uma carga ideológica, de valores, de atitudes, de crenças. Não é, portanto, uma simples transferência física, nem tampouco um novo agrupamento de professores para formá-los, mas um novo enfoque para redefinir os conteúdos, as estratégias, a instituição, os protagonistas e os propósitos da formação. (IMBERNÓN, 2016, p. 156)

Para a elaboração de novas propostas pedagógicas é necessário pensar a partir de um currículo que responda às questões como, quais as competências queremos desenvolver, os saberes, as habilidades, as atitudes e os valores, que queremos formar, levando em consideração o contexto em que a escola está inserida, o cotidiano da comunidade do entorno e buscando um currículo voltado para uma formação de sujeitos autônomos e protagonistas de sua formação.

É significativo que nas escolas e salas de aula onde chegam os (as) filhos (as) dos coletivos sociais [...] tenham lugar especial as inovações criativas dos docentes-educadores traduzidos em práticas e projetos; das formas indignas de viver que os educandos carregam venham indagações ao campo do conhecimento que obriguem os profissionais a serem criativos para descartar conhecimento morto e incorporar indagações e conhecimento e significados vivos, instigantes para a docência. (ARROYO, 2013, p. 39)

Nesse sentido é necessário procurar estratégias que busquem entender a complexidade do processo pedagógico, desenvolvendo um currículo que seja absorvido nos seus múltiplos saberes e coerente com o trabalho desenvolvido pela escola.

A mudança deve vir refletida nos currículos dos cursos de formação de professores trazendo em si uma proposta inovadora, atenta ao contexto em que vivemos de um mundo dinâmico, global e interconectado.

[...] A formação de professores pode cumprir um papel importante na configuração de uma “nova” profissionalidade docente, estimulando a emergência de uma cultura profissional no seio do professorado e de uma cultura organizacional no seio das escolas (NÓVOA, 1992, p. 24).

Para Gatti (2014, p. 35, 36) a ausência de uma política geral integradora sobre a formação a ser oferecida no conjunto das licenciaturas e de políticas de ação daí decorrentes para esses cursos, contribui para o enfraquecimento da formação inicial na graduação, tanto no âmbito dos seus objetivos específicos seja na desvalorização dos cursos de licenciaturas.

Para tanto a relevância da pesquisa se dá pelos movimentos de inserção que tem se dado com relação as metodologias inovadoras nas práticas pedagógicas, muitas vezes como ações isoladas de professores, que trazem como ferramentas no processo educativo tecnologias do dia-a-dia para o cotidiano da sala de aula como suporte para o ensino

aprendizagem, é notório que ao passar do tempo essas ferramentas educacionais vão fazer parte cada vez mais do cotidiano das pessoas, e assim dos processos de aprendizagem portanto é fundamental que o professor esteja preparado para usá-las e trabalhar com elas junto aos alunos, interagindo e construindo uma relação de ensino- aprendizagem autônoma. É nesse contexto em que os próprios alunos anseiam por novas estratégias de ensino que façam sentido no seu cotidiano para que se sintam motivados e parte do processo de aprendizagem.

Metodologia e Categorias de análise: Ensino, Aprendizagem e Avaliação

Para iniciar nossas discussões acreditamos ser preciso contextualizar o lócus da pesquisa, ou seja, um pouco o curso de pedagogia da Universidade do Estado do Pará.

O curso de pedagogia a qual escolhi para a pesquisa foi criado em 12 de janeiro de 1984. Com a criação da Universidade, em 1989, e a necessidade do reconhecimento do Curso, retomou-se a discussão sobre a reformulação curricular onde delineou-se o seguinte perfil do profissional, de acordo com o PPC, do Curso de Pedagogia: Pedagogo, capaz de desempenhar a função de educador a partir de uma:

- 1) Visão sólida e abrangente das Ciências Pedagógicas e dos seus condicionantes sócio-políticos;
- 2) Formação teórico-prática sedimentada na reflexão e investigação da realidade, possibilitando a problematização, a produção e a aplicação do conhecimento;
- 3) “Práxis” conscientizadora que permita a compreensão da educação como processo de “humanização” e de instrumento de mudança social;
- 4) “Formação profissional; específica, fundamentada numa visão global de educação, na busca de uma integralização das ações pedagógicas e que atenda às necessidades regionais, tendo como princípio educativo e político e pesquisa”.

O PPC do curso organiza seu desenho curricular em três eixo denominados de Núcleo de Estudos Básicos, Núcleo de Aprofundamento e Diversificação de Estudos e Núcleo Integrador, de acordo com a resolução nº 001CNE/CP.

De acordo com o PPC do curso ele funciona em regime seriado anual, executado em blocos semestrais, compreendendo as seguintes partes: I- Fundamentos Básicos; II- Integralizantes; III- Profissionalizantes;

Em 1999 é apresentada o curso passa por reformulação curricular, em 2003 o curso volta a passar por reformulações devido a necessidade apresentada pelo comissão de avaliação do curso que apontava, na ocasião a necessidade de novas alterações no Projeto Pedagógico do Curso, o qual nos últimos dois anos aguardava a aprovação das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Pedagogia, que finalmente foram aprovadas em maio de 2006.

O atual Projeto Pedagógico do Curso é de 2006, onde se encontra alinhado com as diretrizes para o curso de pedagogia do Conselho Nacional de Educação CNE/CP Nº 1, aprovadas em 15/05/2006 que oficializaram a docência como base estruturante da formação do profissional da área da educação, o que trouxe para o Curso de Pedagogia da UEPA a necessidade de adequação de seu projeto pedagógico ora em vigor; democraticamente optamos pela construção coletiva de um novo projeto que abarcasse os anseios dos atores envolvidos, referendando as experiências dos dois cursos em pauta, na tradução que ora apresentamos como Projeto de Reformulação do Curso de Pedagogia desta universidade pública estadual, com extensão não menos significativa de responsabilidade regional.

Para analisar a pesquisa utilizou-se os dados do questionário que foi aplicado com os alunos. O questionário foi montado com perguntas fechadas totalizando 36 questões em três categorias a de ensino, aprendizagem e avaliação refletida na formação do professor pedagogo, onde 44 alunos responderam ao questionário. As respostas se davam em discordo totalmente, discordo, concordo e concordo totalmente. Para Alves, Fernandes e Silva, (2018, p. 10) “a construção do formulário se baseia nos objetivos da pesquisa, e devem ter perguntas que ajudem a encontrar cada uma das informações necessárias”.

Para maior confiabilidade dos dados utilizou-se o coeficiente alfa de Cronbach que avalia a confiabilidade dos dados obtidos. Os dados são calculados e o resultado varia numa escala de zero (0) a um (1), onde quanto mais se aproximar o resultado do fim da escala, ou seja, do um maior é a confiabilidade dos dados.

O coeficiente alfa de Cronbach que foi apresentado por Lee J. Cronbach, em 1951, como uma forma de estimar a confiabilidade de um questionário aplicado em uma pesquisa. Alfa é um coeficiente de correlação quadrado que mede a homogeneidade das perguntas por meio da média todas as correlações entre os itens para ver que de fato parecem. Este índice de consistência interna assume valores entre 0 e 1. (ALVES, FERNANDES e SILVA, 2018, p. 11).

Após ter calculado o coeficiente alfa de Cronbach o resultado obtido foi 0.916 numa escala de zero (0) a um (1), portanto os dados obtidos pelas respostas do questionário são consideráveis com um elevado índice de confiabilidade.

Utilizaremos para análise os gráficos apresentados a seguir em blocos de perguntas para analisarmos o conjunto de respostas de acordo com a demonstração do resultado de cada gráfico aqui ilustrado e sua relação com as discussões teóricas que têm sido feitos sobre o uso das tecnologias em sala de aula e a formação do professor.

No emprego dos métodos quantitativos precisamos considerar dois aspectos, como ponto de partida: primeiro, que os números, frequências, medidas, têm algumas propriedades que delimitam as operações que se podem fazer com eles, e que deixam claro seu alcance; segundo, que as boas análises dependem de boas perguntas que o pesquisador venha a fazer, ou seja, da qualidade teórica e da perspectiva epistêmica na abordagem do

problema, as quais guiam as análises e as interpretações. (GATTI, 2004, p. 13)

Consideramos que formação inicial do Pedagogo para uma melhor intervenção na educação básica no que diz respeito ao uso das tecnologias do dia a dia em sala de aula, deve esta pautada na perspectiva na aprendizagem significativa e utilização das tecnologias como ferramenta pedagógica a favor da aprendizagem como parte do processo formativo o que irá produzir implicações no currículo e na prática pedagógica dos cursos de formação de professores.

Para Pereira e Ortigão (2016, p. 71) há questões de pesquisa que demandam uma abordagem qualitativa e outras, uma abordagem quantitativa; mesmo que uma pesquisa acadêmica, ainda que pautada na construção de dados quantitativos, sempre seja constituída, inclusive, da análise dos dados em um viés qualitativo.

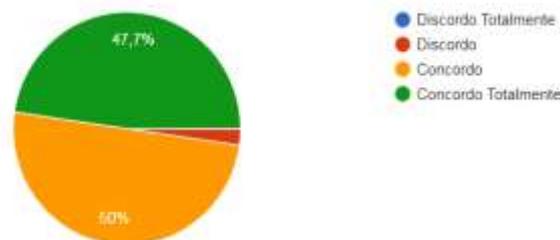
Categoria Ensino

Nesta categoria analisaremos como o processo de ensino no desenvolvimento das disciplinas tem contribuído para que os alunos levem essas experiências para a sua formação, tomando como referência a disciplina Tecnologia educacional ofertada no 3º semestre do curso, por considerar relevante a disciplina para o desenvolvimento e instrumentalização dos alunos no quesito uso de novas tecnologias em sala de aula. Ressalta-se aqui a importância do professor como mediador que leva a situações que favoreçam a aprendizagem.

Quadro 1: Perguntas de nº 1 a 5 da categoria Ensino

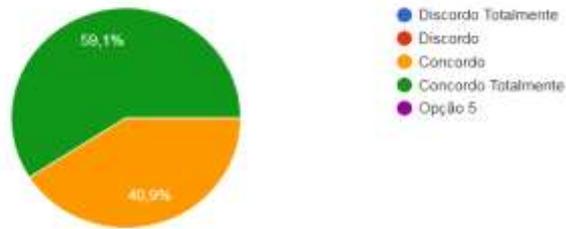
PE1. No início da disciplina Tecnologia Educacional o professor apresentou os programas da disciplina.

44 respostas



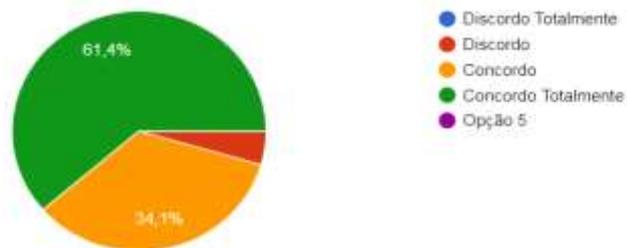
PE2. A ementa da disciplina tecnologia educacional aborda as tecnologias do dia-a dia.

44 respostas



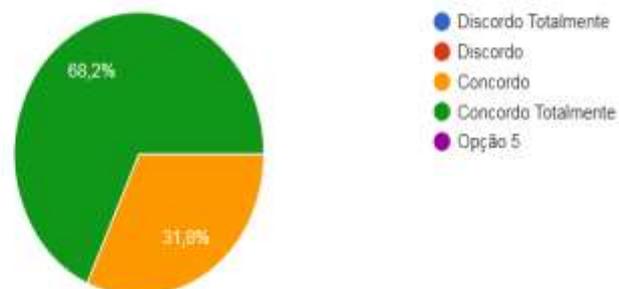
PE3. O professor usou as tecnologias do dia-a dia como recurso metodológico em suas aulas.

44 respostas



PE4. O professor relacionou as tecnologias do dia-a dia e sua contribuição para o futuro professor.

44 respostas



Fonte: Respostas do questionário aplicado no curso de pedagogia UEPA. Gráficos criados pelo Google forms.

De acordo com as perguntas feitas no questionário aplicado e os gráficos acima representados e nossas contribuições no sentido de trazer a importância do professor e o desenvolvimento das suas aulas para o aluno, futuro professor, se vislumbrar como docente levou se em consideração nas cinco primeiras perguntas dessa categoria, que aborda como os alunos veem a apresentação da disciplina Tecnologia Educacional no início das aulas nos quesitos: ementa, adequação do semestre/ano que ela é ministrada no curso e metodologia do professor. Para analisar esse bloco de perguntas faz se necessário saber que a disciplina tecnologia educacional é uma disciplina ofertada no 3º semestre do curso com carga horária de 80 horas e dentro do desenho curricular esta no núcleo de aprofundamento e diversificação de estudos o conhecimento que o PPC do curso descreve como voltado às áreas de atuação profissional priorizadas pelo projeto pedagógico das instituições e que, atendendo a diferentes demandas sociais, oportunizará, entre outras possibilidades:

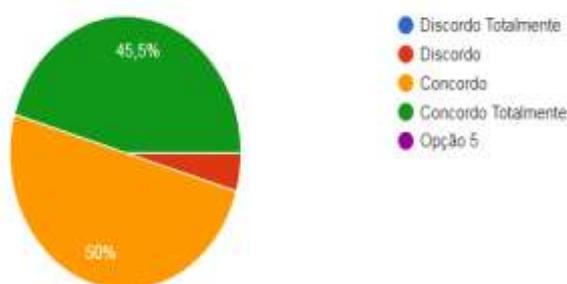
a) investigações sobre processos educativos e gestoriais, em diferentes situações institucionais: escolares, comunitárias, assistenciais, empresariais e outras;

b) avaliação, criação e uso de textos, materiais didáticos, procedimentos e processos de aprendizagem que contemplem a diversidade social e cultural da sociedade brasileira;

c) estudo, análise e avaliação de teorias da educação, a fim de elaborar propostas educacionais consistentes e inovadoras. A ementa da disciplina vem assim descrita: Tecnologia Educacional: questões éticas, políticas e técnicas; As novas tecnologias da informação e comunicação: contexto político e social; Impactos da tecnologia sobre o cotidiano educacional; As mídias em sala de aula; A pesquisa, produção e atuação docente com a tecnologia.

Ao analisarmos os gráficos somados a informação da disciplina que estão contidas no PE5. A disciplina tecnologia educacional é adequada para ser vista no terceiro semestre do curso.

44 respostas



PPC do curso considerou que a disciplina é bem desenvolvida, que o professor apresenta a ementa para a turma, visto que menos de 3% dos que responderam ao questionário discordaram desse quesito.

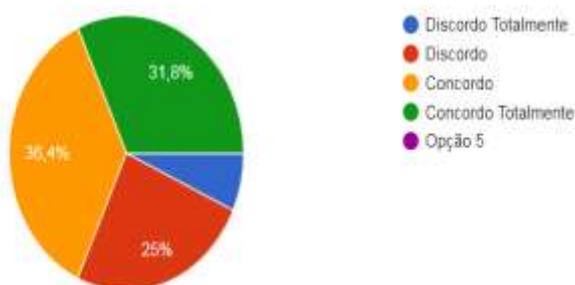
Outra questão a considerar que chamou nossa atenção foi a do professor relacionou as tecnologias do dia a dia em suas aulas e utilizou-as como recurso metodológico em suas

aulas contribuindo assim para a formação e prática pedagógica dos seus alunos que serão futuros professores apesar da ementa da disciplina, como descrita acima, não apresentar explicitamente as tecnologias do dia-a-dia como conteúdo a ser abordado. Observa-se que a iniciativa é do professor que ministra a disciplina de está sempre atualizando o conteúdo e relacionando-o com as demandas trazidas pelo contexto. Para ministrar a disciplina deve-se levar em consideração não somente o núcleo curricular em que ela está inserida, mas também as transformações que o mundo vem passando e a importância da disciplina para os futuros professores enfrentarem os desafios que a sociedade traz.

Quadro 2: Perguntas de nº 6 a 10 da categoria Ensino

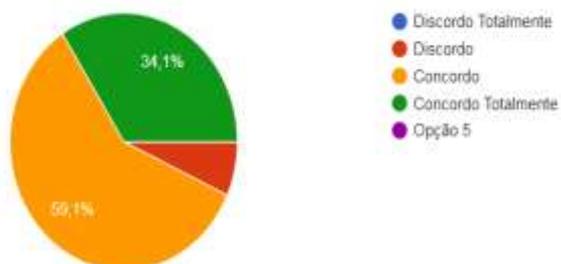
PE6. As aulas da disciplina tecnologia educacional fizeram uso de tecnologias do dia a dia presentes em sala de aula (tablet, computador, smartphones).

44 respostas



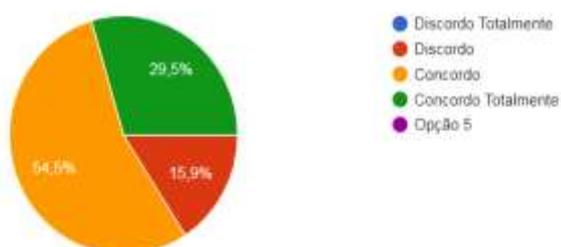
PE7. O professor desenvolveu atividades que usassem as tecnologias do dia-a-dia para ser usadas como ferramenta para alunos da educação infantil e dos anos iniciais

44 respostas



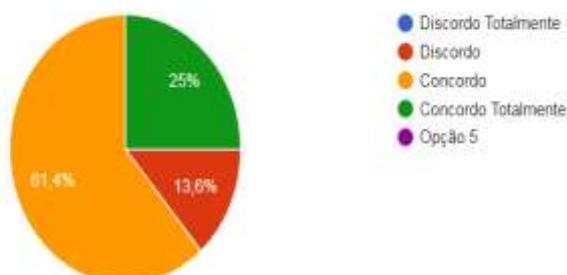
PE8. Vocês tiveram/têm oportunidade de elaborar atividades com as novas tecnologias para serem trabalhadas com alunos da educação infantil e dos anos iniciais.

44 respostas



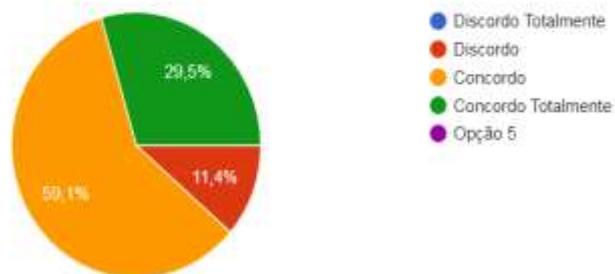
PE9. O conteúdo trabalhado na disciplina foi realmente voltado para os alunos da educação infantil e dos anos iniciais.

44 respostas



PE10. O professor utiliza prática pedagógica inovadora na disciplina com base no uso das tecnologias do dia a dia.

44 respostas



Fonte: Respostas do questionário aplicado no curso de pedagogia UEPA. Gráficos criados pelo Google forms.

Os gráficos traduzem as respostas às perguntas de PE 6 a 10 do questionário. No gráfico um quando se afirma que o professor usa tecnologias do dia- a- dia presente em sala de aula como smartphones, tabletes, celulares, computadores. Como os percentuais demonstram apesar da maioria dos alunos concordarem com a afirmação, 68% considero alto o percentual de alunos que não concordam, 32%, o professor utiliza tais tecnologias em sala o que nos leva a perceber a necessidade de maior demonstração por parte do professor, dessas tecnologias, seja nos trabalhos acadêmicos ou nas aulas.

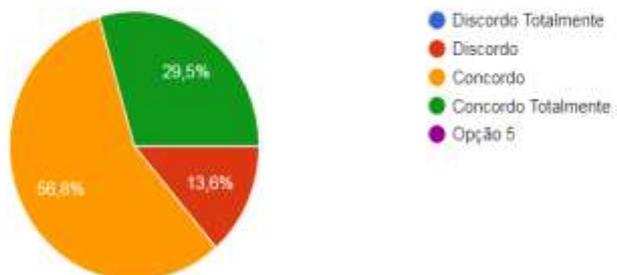
Outro ponto que devemos considerar nesses gráficos é quanto ao desenvolvimento de atividades pelos alunos que direcionadas à faixa etária que iram atuar como docente, educação infantil e anos iniciais, ao analisarmos podemos considerar que a disciplina se preocupa em direcioná-la para atividades voltadas a educação infantil e anos iniciais, como demonstra os gráficos das perguntas PE7 com o total de 93,4% concordam e concordam totalmente, pergunta PE8 com o total de 84% concordam e concordam totalmente e pergunta PR9 com o total de 86,4% concordam e concordam totalmente.

A pergunta PE10 que se refere se o professor utiliza de práticas pedagógicas inovadoras na disciplina com base no uso de tecnologias do dia- a dia a maioria dos alunos concordam que o professor utiliza práticas pedagógicas inovadoras o que podemos perceber é o cuidado e o compromisso do professor trabalhar com práticas inovadoras com o que se tem em mãos em sala de aula, sem muitas vezes precisar de grandes recursos tecnológicos, ensinando os alunos que se pode fazer muitas coisas com o pouco recurso que tem.

Quadro 3: Perguntas de nº 11 a 14 da categoria Ensino

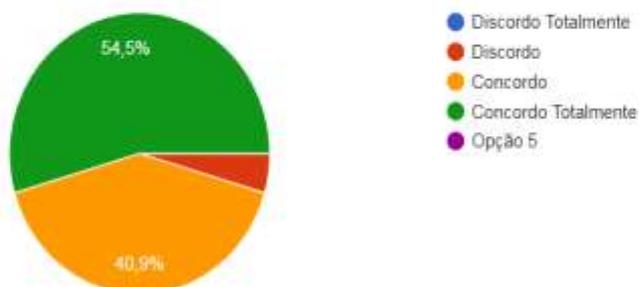
PE11. A disciplina fez o feedback entre a prática pedagógica utilizada na aula e a realidade das escolas.

44 respostas



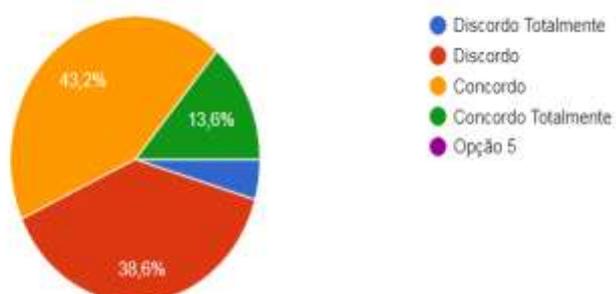
PE12. A metodologia utilizada pelo professor sensibilizou você para uma prática diferenciada em sala de aula utilizando as tecnologias do dia-a-dia como ferramenta de aprendizagem.

44 respostas



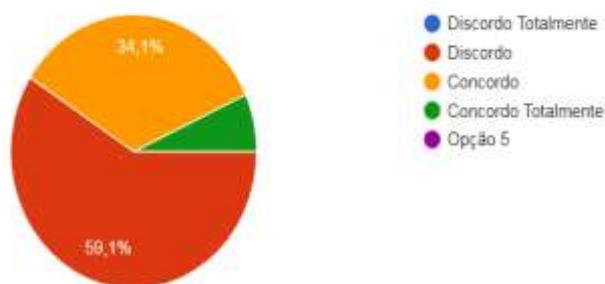
PE13. Na maioria das disciplinas, as aulas relacionam as tecnologias do dia-a-dia com a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental.

44 respostas



PE14. Você considera que a disciplina Tecnologia educacional é suficiente para se trabalhar as tecnologias em sala de aula.

44 respostas



Fonte: Respostas do questionário aplicado no curso de pedagogia UEPA. Gráficos criados pelo Google forms

Ao analisar as respostas dadas nas perguntas de PE 11 a 14 ainda relacionada da categoria ensino podemos observar que quanto a pergunta PE 11 e 12 que abordam o feedback entre a prática pedagógica usada em sala de aula e a realidade das escolas percebe-se que o professor da disciplina tecnologia educacional se preocupa em desenvolver suas atividades sempre voltadas para a realidade das escolas, trabalhando as tecnologias do dia-a-dia como ferramenta a favor do ensino. A pergunta PE12 que se refere a metodologia utilizada pelo professor sensibilizou os alunos a utilizarem as tecnologias do dia-a-dia como ferramenta de aprendizagem ratifica a análise anterior, quando 95% dos alunos responderam que concordam/ concordam totalmente que se sentem sensibilizados em utilizar essas tecnologias na sua prática pedagógica com os recursos que estiverem disponíveis.

Na pergunta PE13 onde se aborda se as outras disciplinas abordam as tecnologias do dia-a-dia em suas aulas relacionando-as com a educação infantil e anos iniciais, 43,2% dos alunos consideram que não há essa preocupação com a maioria das outras disciplinas o que nos leva a refletir sobre alternativas, como planejamento integrado entre as diversas disciplinas, para minimizar essa desarticulação com conteúdos transversais a qualquer disciplina como tecnologia, e não somente deve ser abordada na disciplina de tecnologia educacional.

Na pergunta PE14 observamos que ao perguntarmos se a disciplina tecnologia educacional é suficiente para trabalhar as tecnologias em sala de aula, 59,1% dos alunos responderam que não acham suficiente, ou seja, seria necessário além dessa disciplina outras para melhor instrumentalizá-los a trabalharem com as tecnologias do dia-a-dia voltadas para a educação infantil e anos iniciais, assim como, outras disciplinas trabalhassem as tecnologias em suas aulas independente de ser a disciplina específica de tecnologia educacional.

Categoria aprendizagem

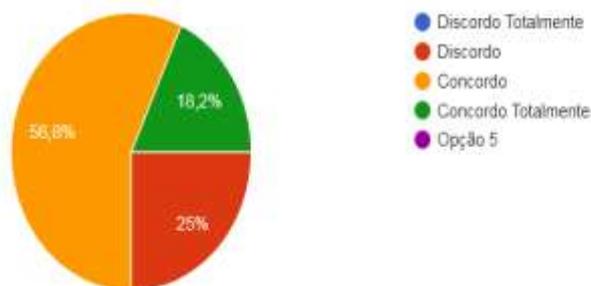
A categoria de aprendizagem buscou analisar como os professores que atuam no curso de Pedagogia utilizam novas tecnologias do dia – a- dia como ferramentas pedagógicas a favor da aprendizagem no desenvolvimento de suas aulas.

Trabalharemos a aprendizagem articulando-a como o conceito de aprendizagem significativa de David Ausubel que afirma que aprender significativamente é abrir horizontes e reconfigurar ideias já existentes sendo com isso capaz de estabelecer relações e interligar a outros conteúdos, sendo o professor fundamental para que haja essa interação do que se conhece com o novo conhecimento.

Quadro 4: Perguntas de nº 1 a 4 da categoria Aprendizagem

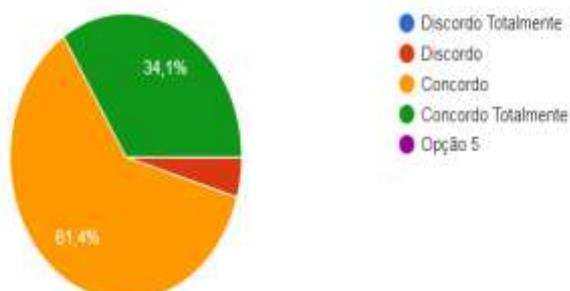
PA1. Os alunos aprendem os conteúdos constantes no programa da disciplina tecnologia educacional.

44 respostas



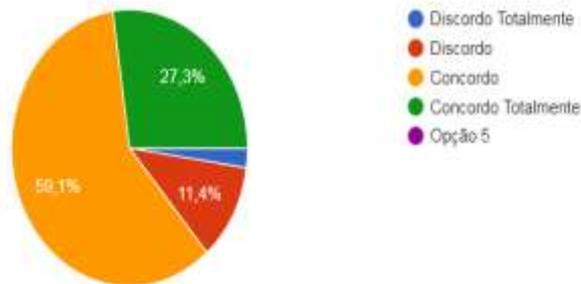
PA2. Os alunos aprendem melhor nas disciplinas em que professores utilizam tecnologias como ferramenta no processo de aprendizagem.

44 respostas



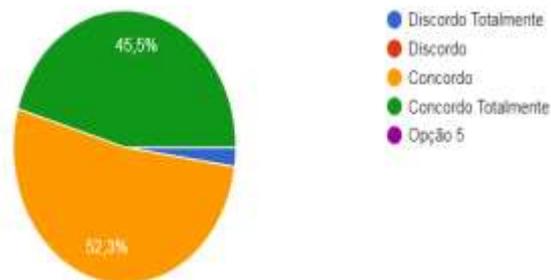
PA3. Os professores utilizam diversas técnicas de estudo em sala de aula (ex. trabalho em grande grupo, trabalho em pequenos grupos, trabalho em pares, trabalho individual).

44 respostas



PA4. Os alunos aprendem melhor quando os professores utilizam uma diversidade de recursos para ensinar (ex. materiais bibliográficos, transparências, power point, plataforma on-line, sites da internet, modelos físicos, programas informáticos).

44 respostas



Fonte: Respostas do questionário aplicado no curso de pedagogia UEPA. Gráficos criados pelo *Google forms*

No gráfico da pergunta PA1, quando indagados se aprendem o conteúdo da disciplina 75% concordam/ concordam totalmente que aprendem os conteúdos constantes no programa da disciplina, 25% dos alunos consideram que não aprendem os conteúdos, ou seja, um quarto dos alunos consideram que não aprendem bem o conteúdo, terminando a disciplina faltando aprender algo, o que irá reverberar na sua prática profissional, quando for aplicar seus aprendizados em sala de aula. Portanto o importante é buscar estratégias para que os alunos reforcem os conteúdos e se atinja cem por cento do aprendizado da disciplina.

No gráfico PA2, 95% dos alunos consideram que aprendem mais nas aulas em que os professores utilizam tecnologias como ferramenta pedagógica, esse dado reafirma a

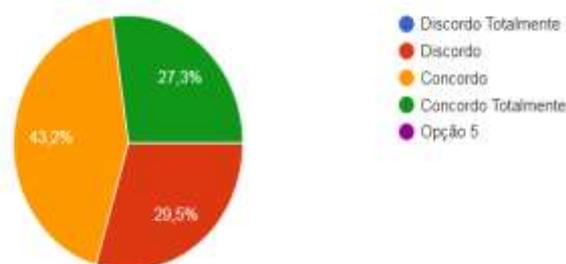
importância da tecnologia na educação, e a importância dos professores se apropriarem desses saberes tecnológicos para melhor desenvolver suas aulas. E diversificar suas estratégias de ensino. Quando perguntados se os professores utilizam diversas técnicas de estudo em suas aulas 85% responderam que sim concordavam/ concordavam totalmente (gráfico PA3, acima).

Os alunos 97,8% consideram que aprendem melhor quando os professores utilizam uma diversidade de recursos pedagógicos para ensinar, ou seja, ter acesso com diversos recursos pedagógicos facilita a aprendizagem dos alunos, melhorando assim sua formação.

Quadro 5: Perguntas de nº 5 a 8 da categoria Aprendizagem

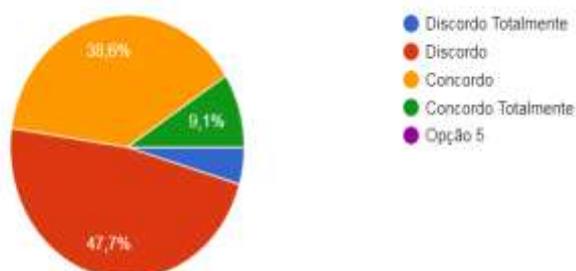
PA5. Os professores orientam e apoiam os alunos a aprenderem a usar as tecnologias de forma autônoma, para além das aulas.

44 respostas



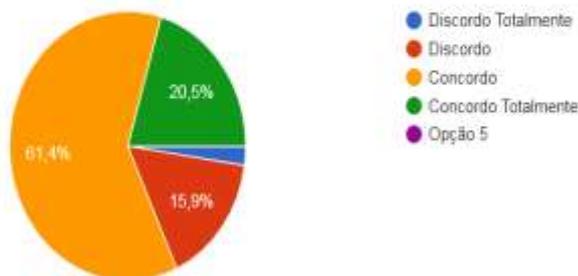
PA6. Os alunos em geral, são adequadamente acompanhados e orientados pelos professores por meio das tecnologias educacionais ao longo do processo de aprendizagem.

44 respostas



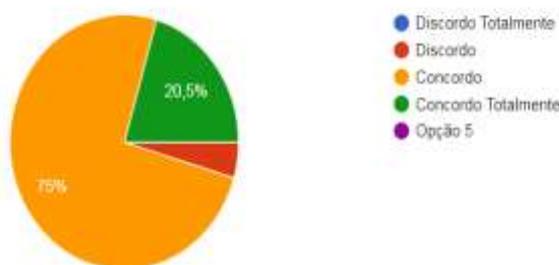
PA7. Os professores utilizam as tecnologias do dia- a dia para se comunicar com os alunos.

44 respostas



PA8. O uso das tecnologias do dia- a dia contribuem para alcançar os objetivos previstos nos programas de cada disciplina.

44 respostas



Fonte: Respostas do questionário aplicado no curso de pedagogia UEPA. Gráficos criados pelo Google forms

Quando perguntados se os professores orientam e apoiam eles a aprenderem a usarem as tecnologias de forma autônoma para além das aulas 69, 5% consideram que sim, os professores orientam e apoiam os alunos porém 29, 5%, ou seja, um terço do alunos consideram que os professores não orientam e não apoiam para que seja utilizada as tecnologias para além das aulas.

Quando perguntados se os estudantes, em geral, são adequadamente acompanhados e orientados pelos professores por meio de tecnologias ao longo do processo de aprendizagem, 86,5% consideram que sim, os professores utilizam tecnologias para acompanhar e orientar os estudantes.

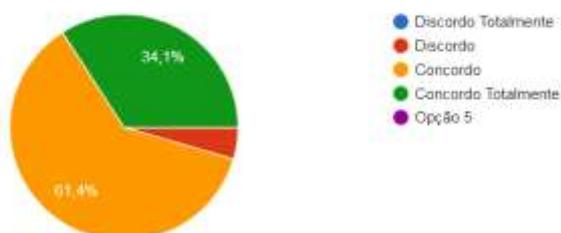
Quando perguntados se os professores utilizam tecnologias para se comunicar com os estudantes utilizam as informações decorrentes das avaliações para a melhoria das suas aprendizagens, 81,9% disseram que sim, os professores utilizam tecnologias para se comunicar com os estudantes.

Para a maioria estudantes 95%, o uso de tecnologias contribui para alcançar os objetivos previstos nos programas de cada disciplina.

Quadro 6: Perguntas de nº 9 a 12 da categoria Aprendizagem

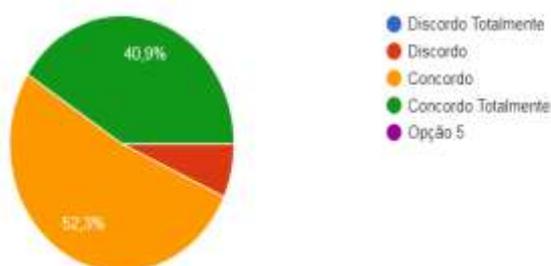
PA9. Os alunos envolvem-se ativamente nas tarefas de aprendizagem que lhes são propostas pelos professores a utilizarem as tecnologias como ferramenta.

44 respostas



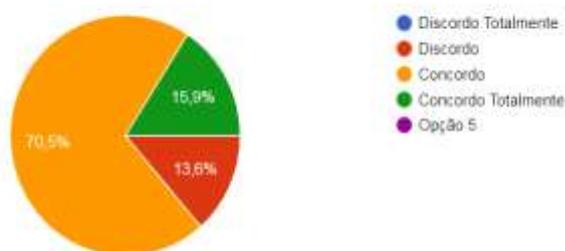
PA10. Os alunos consideram as aulas que o professor usa as tecnologias do dia a dia como ferramenta pedagógica mais dinâmicas e motivadoras, de forma a levar a aprendizagem.

44 respostas



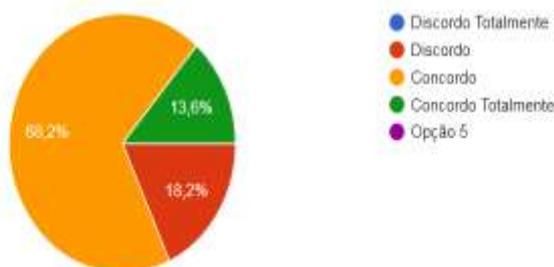
PA11. Os alunos aprendem a trabalhar atividades voltadas para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental utilizando tecnologias do dia-a-dia, sistematicamente, incentivados pelos professores.

44 respostas



PA12. O clima existente na maioria das aulas é favorável ao desenvolvimento das aprendizagens com tecnologias do dia- a -dia por parte dos estudantes.

44 respostas



Fonte: Respostas do questionário aplicado no curso de pedagogia UEPA. Gráficos criados pelo Google forms

No quadro com as perguntas PA de 9 a 12 da categoria aprendizagem os estudantes quando questionados sobre se eles se envolvem ativamente das atividades propostas 95,5% responderam que concordam/ concordam totalmente. Na pergunta PA 10, 93% consideram que as aulas onde os professores utilizam tecnologias do dia- a- dia como ferramenta pedagógica são mais dinâmicas e motivadoras.

Para 85% dos estudantes eles aprendem na sua formação a trabalhar atividades voltadas para educação infantil e anos iniciais utilizando tecnologias do dia- a- dia. Na PA12 perguntados se o clima existente na maioria das aulas é favorável ao desenvolvimento das aprendizagens com tecnologias do dia- a- dia por parte dos estudantes, 82% responderam que concordam/ concordam totalmente com essa afirmação.

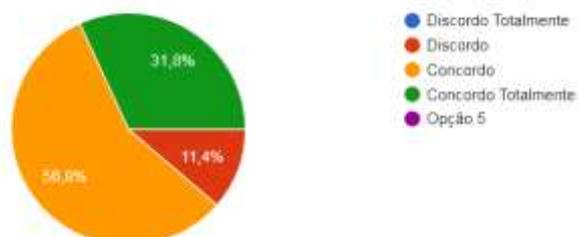
Categoria Avaliação

Nesta categoria analisaremos a avaliação como parte do processo pedagógico, no desenvolvimento das disciplinas buscando identificar se os alunos do curso de pedagogias sentem-se preparados usarem as novas tecnologias do dia- a dia em sala de aula.

Quadro 7: Perguntas de nº 1 a 5 da categoria Avaliação

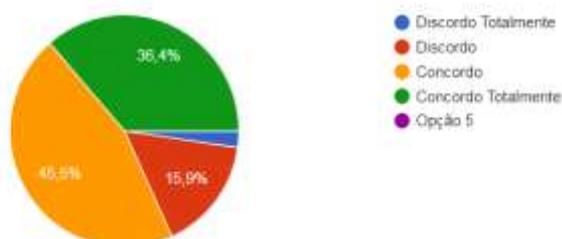
PAv1. Na disciplina tecnologia educacional, a avaliação desenvolve-se de maneira contínua ao longo do ano/semestre.

44 respostas



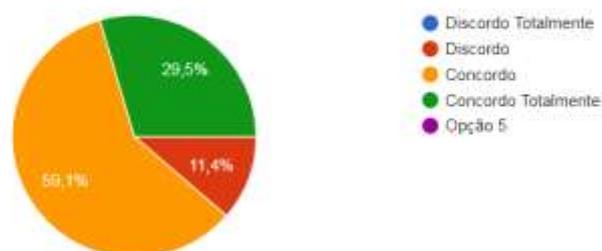
PAv2. O professor da disciplina tecnologia educacional, ao longo do ano/semestre, debate com os alunos, frequentemente, a organização e o desenvolvimento do processo de avaliação.

44 respostas



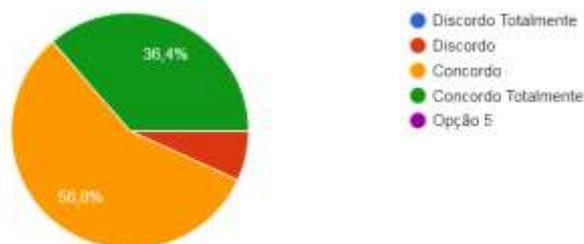
PAv3. Os critérios de avaliação, na disciplina tecnologia educacional, disciplina são conhecidos pelos alunos.

44 respostas



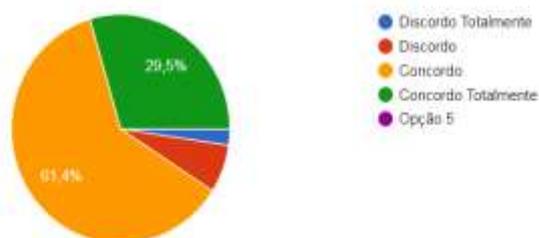
PAv4. No processo de avaliação da disciplina tecnologia educacional utiliza-se, com frequência, diversas formas e instrumentos de avaliação (ex. provas, testes, trabalhos, relatórios, apresentações, pesquisas).

44 respostas



PAv5. A avaliação é utilizada para reorientar as atividades proposta pela disciplina para melhorar a aprendizagem.

44 respostas



Fonte: Respostas do questionário aplicado no curso de pedagogia UEPA. Gráficos criados pelo *Google Forms*.

No quadro 7 o bloco de perguntas do questionário da categoria avaliação na disciplina de tecnologia educacional. Na pergunta PAv1 a maioria dos estudantes, 88,6% concordam/ concordam totalmente que a avaliação na disciplina se desenvolve de maneira contínua ao longo do ano/semestre/bloco, assim como 82,2% concordam/ concordam totalmente que os professores, ao longo do ano/semestre/bloco, debatem com os estudantes, frequentemente, a organização e o desenvolvimento do processo de avaliação.

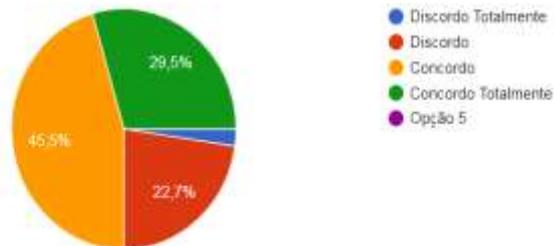
No geral os estudantes, 88,6% consideram que os critérios de avaliação utilizados em cada disciplina são conhecidos pela maioria dos estudantes e 93,2% concordam/concordam totalmente que o processo de avaliação utiliza-se, com frequência, uma diversidade de tarefas e/ou instrumentos (ex. provas, testes, trabalhos, relatórios, apresentações, pesquisas).

Para 90,9% a avaliação é utilizada para reorientar as atividades propostas e não somente para atribuir as notas/classificações aos estudantes.

Quadro 8: Perguntas de nº 6 a 10 da categoria Avaliação

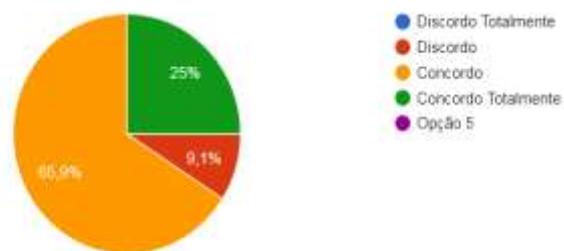
PAv6. Os professores utilizam, sistematicamente, a avaliação para que os estudantes se conscientizem das suas dificuldades e/ou dos seus progressos na aprendizagem.

44 respostas



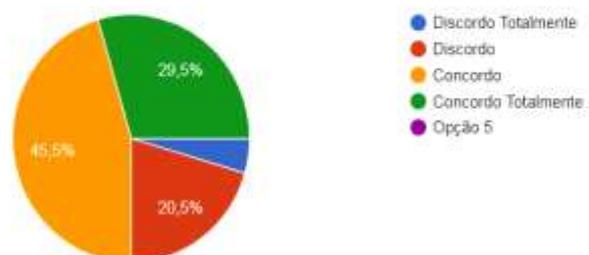
PAv7. Em geral, a avaliação realizada é consistente com o ensino e com as aprendizagens aplicada a tecnologia do dia-a-dia.

44 respostas



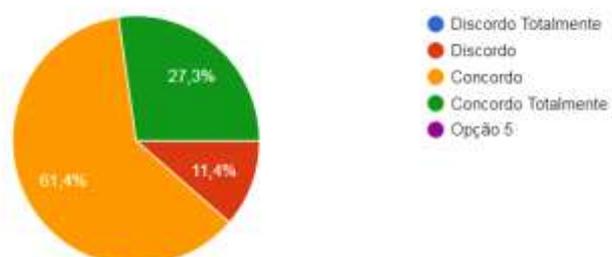
PAv8. Os professores, em geral, criam oportunidades para que os estudantes entendam e/ou questionem os resultados acerca das suas aprendizagens.

44 respostas



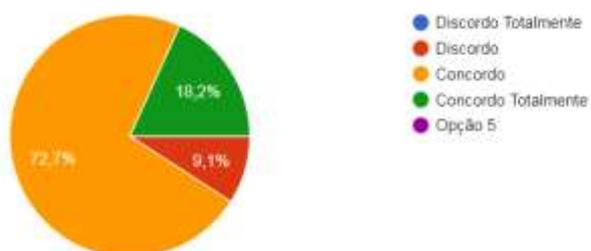
PAv9. O professor da disciplina tecnologia educacional incentiva, com frequência, os estudantes a analisar e/ou refletir acerca das aprendizagens realizadas por meio de situações problemas.

44 respostas



PAv10. De modo geral, as informações resultantes das avaliações da disciplina tecnologia educacional é utilizada por você estudante para orientar e/ou reorientar a sua forma de estudar.

44 respostas



Fonte: Respostas do questionário aplicado no curso de pedagogia UEPA. Gráficos criados pelo *Google Forms*.

Para 75% os professores utilizam, sistematicamente, a avaliação para que os estudantes se conscientizem das suas dificuldades e/ou dos seus progressos na aprendizagem.

Em geral, a avaliação realizada é consistente com o ensino e com a aprendizagem aplicada as tecnologias do dia- a dia, 90% dos estudantes concordam/ concordam totalmente dessa afirmação.

Os professores, em geral, criam oportunidades para que os estudantes entendam e/ou questionem os juízos formulados acerca das suas aprendizagens, bem como incentivam, com frequência, os estudantes a analisar e/ou refletir acerca das aprendizagens realizadas, a maioria dos estudantes concordaram/ concordaram totalmente com essas afirmações.

As informações resultantes das avaliações são utilizadas pelos estudantes para orientarem e/ou reorientarem as suas formas de estudar, 90.9% concordam ou concordam totalmente com essa afirmação.

Na categoria avaliação percebemos o bom feedback que o professor tem com os alunos trazendo a avaliação como um momento privilegiado onde eles podem repensar e reorientar o processo de aprendizagem para que haja uma formação de qualidade e que sejam alcançados os objetivos da aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa trouxe análises, a partir de dados quantificados por meio de respostas obtidas de questionário dividido em três categorias, o ensino, a aprendizagem e a avaliação, contextualizadas por perspectivas teóricas apoiadas, por exemplo, em Alarcão, Gatti, Manzato e Minayo entre outros, com escolhas metodológicas como trabalhar com a pesquisa quantitativa, de campo, que geraram embasamento para a compreensão de como os estudantes do curso de pedagogia acham que sua formação contribuem para que eles usem as tecnologias do dia-a-dia em sala de aula.

Ao nos debruçarmos nas análises elas nos permitem identificar aspectos pouco analisados quando falamos da contribuição da formação inicial para instrumentalizar os professores para o uso das tecnologias do dia a dia no cotidiano da sala de aula.

As análises permitiram identificarmos aspectos pouco observados quando se fala da contribuição da formação inicial para instrumentalizar os professores para o uso das tecnologias do dia a dia no cotidiano da sala de aula e trouxe para o debate questões para refletirmos como a necessidade de melhor especificação da ementa da disciplina, relaciona-la a experiências da prática dos alunos como futuro professor, trazer para a sala de aula mais as tecnologias que dia- a –dia.

Dentro do percurso formativo proposto no curso de pedagogia objeto da pesquisa, apresentado no seu PPC e a análise das respostas aos questionário aplicado pelos alunos quando analisamos o uso das tecnologias do dia –a –dia no desenvolvimento da disciplina tecnologia educacional e sua relação com o desenvolvimento da prática pedagógica do

professor da educação infantil e anos iniciais percebemos um esforço e um comprometimento do professor que ministra a disciplina em desenvolve-la de forma a trabalhar integrando os conteúdos da disciplina com o locus de atuação profissional do aluno que é a escola de educação básica. Nesse sentido acho importante que a ementa da disciplina estivesse mais detalhada no PPC inserindo alguns tópicos que os alunos demonstraram que foram contemplados na disciplina, mas que a ementa não sugere.

Assim percebemos que as estruturas curriculares fragmentadas, sem disciplinas articuladas, com ementas genéricas quanto aos saberes pedagógicos prejudicam o processo de formação dos futuros professores devendo ter uma maior articulação entre o conjunto de disciplinas para que a formação desse futuro profissional seja mais sólida e contribuindo dessa forma para uma prática mais consciente e consistente da realidade em que provavelmente será inserido em sua atuação profissional.

REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- GATTI, B. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.30, n.1, p.11-30, jan./abr. 2004.
- MANZATO, A. J.; SANTOS, Adriana Barbosa. **A Elaboração de Questionários na Pesquisa Quantitativa**. 2002 (mimeo).
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes, 2011. (cap. 1: Ciência, Técnica e Arte: o desafio da Pesquisa Social)
- NASCIMENTO, L.F.; CAVALCANTE, M. M. D. Abordagem quantitativa na pesquisa em educação: investigações no cotidiano escolar. **Revista Tempos e Espaços em Educação**, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, v.11, n.25, p.251-262, abr./ jun . 2018 249. DOI: <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v11 i25.7075>
- NÓVOA, António. Formação de professores e profissão docente. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1995.
- NÓVOA, António. **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.
- PEREIRA, G.; ORTIGÃO, M. I. R. Pesquisa quantitativa em Educação: algumas considerações. **PERIFERIA (DUQUEDECAXIAS)**, v.8, p.66 79, 2016.
- PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores: unidade teoria e prática?** 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2001.
- PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 3. Ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção docência em formação. Série saberes pedagógicos).

A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO CONTEXTO DAS REDES SOCIAIS

Iranildo da Silva Oliveira
Ana Paula Cunha dos Santos Fernandes
Fábio José da Costa Alves

RESUMO

Este trabalho apresenta uma pesquisa realizada em uma Instituição de Ensino Superior da região norte do Brasil com discentes do sétimo semestre do curso de Pedagogia, tendo o seguinte questionamento: o que tem a revelar os estudantes do curso de pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior - IES do norte do Brasil sobre ensino, aprendizagem e avaliação sobre o uso das redes sociais como facilitador pedagógico na EJA? E seu objetivo foi analisar como os graduandos de pedagogia de uma IES da região norte do país relacionam ensino, aprendizagem e avaliação com as redes sociais e EJA. Trata-se de uma pesquisa de Campo com abordagem quanti-qualitativa, o uso de questionário como instrumento de coleta de dados. A análise dos dados deu-se a partir das categorias de análise, as categorias foram pré-estabelecidas, sendo: ensino, aprendizagem e avaliação. Para verificar a confiabilidade dessa pesquisa foi utilizado o Alpha de Cronbach que indicou um nível de 0,92 de confiança. Os resultados da pesquisa apontam, de acordo com as respostas dos graduandos, no que se refere ao ensino, que os professores apresentam o programa, mas que a ementa da disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos não envolve as redes sociais. Consequentemente o professor não apresenta essa tecnologia da comunicação como recurso metodológico que possa ser utilizada em sala de aula. Sobre a aprendizagem, os dados apresentam que os graduandos discordam ou discordam totalmente que as provas e/ou exames finais são suficientes para saber se os estudantes aprendem o que está previsto no programa da disciplina. Mas concordam quando se trata de estreitar os laços entre professor e aluno na disciplina, com a finalidade de facilitar a cooperação no processo de ensino-aprendizagem. A avaliação apresenta-se de forma contínua ao longo do semestre de acordo com 86,7% dos graduandos. Mas em contrapartida o processo de avaliação não contempla o uso das redes sociais na disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos e 73,3% dos graduandos consideram que a avaliação é utilizada apenas para atribuir notas e classificação. Outros resultados se fazem presente dentro desse trabalho.

Palavras-chave: Graduandos de Pedagogia; Redes Sociais; EJA; Alpha de Cronbach; Abordagem Quanti-Qualitativa.

INTRODUÇÃO

A preocupação de ensinar sobre meios tecnológicos está se expandindo em todos os ambientes escolares, algo que hoje se percebe como natural em todo o mundo. O desenvolvimento das tecnologias e o seu uso está caracterizando o indivíduo, e o uso desses meios de comunicação estão sendo estimulados em sala de aula ou pelo menos é o que se espera pela velocidade com que os meios de comunicação, somado com as novas tecnologias estão se propagando.

Em uma sociedade da informação, onde notícias circulam de forma instantânea com o auxílio das redes sociais como meio de comunicação, as instituições de ensino sejam da educação básica ou superior devem ressignificar esse recurso de forma a adaptar como recurso didático-pedagógico no processo de ensino, aprendizagem e avaliação para com o alunado.

Costa (2018) sobre o relatório Digital in 2017 realizado pelo *We Are Social* (Somos sociais) em parceria com *Hootsuite*, duas empresas especialistas no segmento das tecnologias

de comunicação, aponta que já são 58% o total de brasileiros usuários de redes sociais. E relaciona as 10 (dez) redes sociais mais utilizadas no Brasil, em ordem decrescente, são elas: *Facebook; WhatsApp; YouTube; Instagram; Twitter; LinkedIn; Pinterest; Google+; Messenger e Snapchat.*

Esses meios de comunicação tão usual entre a sociedade, por que não o utilizar no ambiente escolar? Levando em consideração que o aparelho celular é um utensílio considerado necessário na contemporaneidade. Sobre o que foi exposto, questiona-se: o que tem a revelar os estudantes do curso de pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior - IES do norte do Brasil em relação ao ensino, aprendizagem e avaliação sobre o uso das redes sociais como facilitador pedagógico na EJA?

Questiona-se sobre o público da Educação de Jovens e Adultos por ter um público particular, pois, trata-se de uma modalidade de ensino prevista no Art. 37 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei 9.394/1996 direcionada a pessoas que por algum motivo não puderam estudar na idade certa, além de ser oferecida uma educação para o longo da vida. Essa modalidade foi sinalizada na Constituição Federal de 1988, em seu Art. 208, inciso I, devendo ser garantido acesso à educação básica para os que não puderam cursar na idade prevista.

O docente responsável pela formação do educando da EJA nas séries iniciais é o profissional formado em licenciatura em Pedagogia, e este por sua vez, deve estar atento às especificidades do público dessa modalidade de ensino, relacionando saberes práticos com saberes teóricos. Nóvoa (2013) enfatiza na formação docente a partir de dentro do campo de atuação, com isso, o autor destaca a necessidade do professor construir as respostas dos problemas por meio da prática, atuando dentro de espaços escolares, entendendo como é a dinâmica do ensino e como esse processo pode ser transformado a partir de reflexões de dentro da realidade docente.

O público da EJA tem sua especificidade marcada por trabalhadores e trabalhadoras que tem como garantia o estudo noturno e condições adequadas segundo sua necessidade, uma vez que para estar matriculado nessa modalidade, é exigida a idade mínima de 15 anos para o ensino fundamental e 18 para matricular-se no ensino médio como prevê o Art. 38 da LDB.

O processo educativo acontece em diversos espaços e contextos, por meio de vários recursos, sendo um desses recursos, a utilização das redes sociais pelo professor, no sentido de transformá-lo no desenvolvimento das aulas, seja para pesquisa, desenvolvimento de trabalhos em sala de aula, entre tantos outros meios que as redes sociais podem estar presentes auxiliando a prática docente.

A utilização das redes sociais como recurso, pode auxiliar os docentes no seu fazer pedagógico, uma vez que estes profissionais encarem esses meios de comunicação como facilitador no processo de ensino, aprendizagem e avaliação.

Dada a atual conjuntura da sociedade, que se insere e depende dos recursos tecnológicos, como o uso de celular em vários ambientes, até mesmo dentro do espaço escolar para comunicar-se com o mundo, a problemática que surge está vinculado à formação dos futuros profissionais que atuarão nas turmas de EJA no ensino fundamental.

Sobre a formação dos professores que atuarão na EJA, analisou-se uma turma do curso Pedagogia de uma instituição de ensino superior do norte do país, que tem no currículo do referido curso uma disciplina no sexto semestre que aborda os “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”. Dentro disso, esse trabalho teve como objetivo analisar como os graduandos de pedagogia de uma IES da região norte do país relacionam ensino, aprendizagem e avaliação com as redes sociais e EJA.

Esta é uma pesquisa de campo com abordagem quantitativa e qualitativa. Como instrumento da pesquisa foi utilizado questionário e utilizou-se o Alpha de Cronbach para tabulação dos dados e a análise dos dados foi por meio das categorias de análise. As categorias foram pré-estabelecidas para atender o objetivo da pesquisa, a saber: ensino, aprendizagem e avaliação.

O Curso de Pedagogia e a EJA

Para falar do Curso de Pedagogia e dos futuros Pedagogos é válido ressaltar o que está previsto na Resolução Nº 1 de 2006 do Conselho Nacional de Educação – CNE e Conselho Pleno – CP que institui as Diretrizes Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia e o Projeto Político Pedagógico da IES lócus da pesquisa.

No que tange a licenciatura, a Resolução supracitada compreende docência no § 1º do Art. 2º “como ação educativa e processo pedagógico metódico e intencional, construído em relações sociais”, devendo articular-se com os “conhecimentos científicos e culturais, valores éticos e estéticos inerentes a processos de aprendizagem, de socialização e de construção do conhecimento, no âmbito do diálogo entre diferentes visões de mundo”.

No Art. 4º da referida resolução, considera que o curso de Pedagogia é voltado para formação de professores que trabalharão em diversos ambientes, entre eles, a Educação Infantil, Ensino Fundamental série iniciais e entre esses ambientes está a Educação de Jovens e Adultos nas séries iniciais. O Art. 5º da Resolução Nº 1/2006 do CNE/CP descreve o que o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto, dentro disso, o inciso VII desse artigo destaca que tal profissional deve:

relacionar as linguagens dos meios de comunicação à educação, nos processos didático-pedagógicos, demonstrando domínio das tecnologias de informação e comunicação adequadas ao desenvolvimento de aprendizagens significativas (BRASIL, 2006).

É função do licenciado em Pedagogia relacionar os meios de comunicação ao espaço escolar, considerando a importância desse recurso para a sociedade e a

necessidade/facilidade de comunicação ao utilizar tais meios, não descartando do processo de ensino-aprendizagem.

No Projeto Político Pedagógico do curso de Pedagogia da IES pesquisada, a disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos está no núcleo de estudos básicos com carga horária de 80 (oitenta) horas, o que significa que é parte essencial na formação dos futuros pedagogos para sua atuação como docente.

Dada à importância dessa disciplina, entende-se o perfil do seu público e suas diversas realidades encontradas dentro de uma mesma sala de aula. Mas cabe problematizar, será que a carga horária da disciplina é suficiente para formação desses profissionais no sentido de atuar na EJA?

A ementa da disciplina em questão dá enfoque nos pressupostos teórico-metodológicos no sentido de pesquisa na educação de jovens e adultos, e indica estudos/pesquisas sobre as abordagens epistemológicas e as experiências de pesquisa, dando incentivo para construção de projetos que possam fomentar essa área do conhecimento.

Na bibliografia indicada para a disciplina, não está presente nem uma que possa articular os meios de comunicação com a modalidade de ensino e o seu público, talvez se deva ao fato de que o projeto pedagógico seja referente ao ano de 2006.

Considerando que são tantas as recomendações da Resolução Nº 1 de 2006 do CNE/CP, que fica um tanto quanto difícil qualquer IES atender as exigências, muito embora ofereça de forma arrazoada visando formar o graduando dentro do que é exigido. O que não é diferente para o egresso de Pedagogia, sair com um cabedal de conhecimento que o ampare de forma teórica e metodologicamente para que, fazendo uso desses conhecimentos, possa desenvolver um trabalho que atenda às necessidades dos educandos, mais precisamente os da EJA.

Aproximação entre Redes Sociais e EJA

Aproximar os temas Redes Sociais e Educação de Jovens e Adultos, não é só um desafio de pesquisa, mas, um desafio para os profissionais que atuam nessa modalidade de ensino, dado a especificidade do alunado que está inserido nesse contexto.

Lima (2016, p. 92) ao discorrer sobre “As TIC no contexto formativo da EJA”, sugere que a formação dos futuros professores da EJA “não andem na contramão da sociedade da informação e comunicação, na medida em que devem refletir sua posição e lugar nesta sociedade”, sem desconsiderar as conquistas alcançadas com o desenvolvimento das tecnologias.

Para Lima (2016, p. 92) se as Tecnologias de Informação e Comunicação forem utilizadas como recursos pedagógicos no processo de ensino-aprendizagem “podem ser

parceiras valiosas no ato de educar através da disponibilização de inúmeras interfaces apropriadas para o trabalho interativo, colaborativo e promotor de autoria”.

A realidade do educando deve ser levada em consideração para que haja uma construção prazerosa do conhecimento, ressignificando a utilização dos recursos tecnológicos para contribuir nas ações pedagógicas apresentadas em sala. Levando em consideração que o uso das redes sociais é prática comum no meio social, além de pensar que sua proibição em sala pode incidir na evasão do alunado que muitas vezes teve uma longa jornada de trabalho. Juliani et al. (2012) considera que:

O planejamento para a utilização das redes sociais como suporte a educação exige compreender a estrutura e cultura organizacional da instituição de ensino visando adequá-la aos aspectos técnicos das ferramentas existentes para fins educacionais, além de questões de privacidade, ética e políticas de apoio da direção que devem ser contempladas (JULIANI et al., 2012, p. 03).

Para o autor, deve haver um entendimento nas gestões das instituições de ensino, e a partir disso, ressignificar a utilização das redes sociais como recurso pedagógico a ser utilizado em sala. A escola não deve se distanciar e muito menos descartar os avanços das tecnologias da informação e comunicação. Uma vez que, “pelo virtual, melhoramos nossas formas de comunicação e de interação com o meio, produzindo aparatos tecnológicos mais eficazes para lidarmos com o cotidiano” (CASTRO, 2013, p. 51).

Juliani et al. (2012) apresenta algumas situações que devem os docentes devem ficar atentos, como por exemplo, o conteúdo que deve ser veiculado nas redes sociais em grupo, como: fotos e vídeos impróprios, textos ofensivos, dados pessoais, assuntos pessoais, além de spams e propagandas. Isso deve ser regra geral para um bom aproveitamento do espaço de comunicação entre docente e discente, na perspectiva de acontecer o feedback entre ambos.

Costa e Ferreira (2012) consideram que na contemporaneidade o jovem está cada vez mais envolvido no mundo tecnológico, indo na contramão do espaço escolar, em vista disso, “faz-se necessária a inserção, na escola, desses recursos midiáticos” e conclui:

Pensa-se que a utilização dos recursos tecnológicos, presentes no dia a dia do aluno, deve (pois refere-se à “a utilização...”) vir a corroborar para que se consiga aproximar a escola de seus interesses e de seu cotidiano. Tal objetivo também pode ser alcançado se a escola estender seu espaço para além de seus muros (COSTA; FERREIRA, 2012, p. 02).

O professor deve se afastar do pensamento ultrapassado de que os recursos tecnológicos são barreiras para a aprendizagem dos alunos, na atualidade o que deve ser feito é um redirecionamento para o uso dos aparelhos celulares em sala, somando com as redes sociais no processo de ensino-aprendizagem, considerando que “a virtualização problematiza o atual e serve para enriquecer as relações humanas” (CASTRO, 2013, p. 51).

METODOLOGIA

Essa pesquisa teve como objetivo analisar como os graduandos de pedagogia de uma IES da região norte do país relacionam ensino, aprendizagem e avaliação com as redes sociais e EJA.

Trata-se de uma pesquisa de campo, e sobre isso, Cruz Neto (2002) concebe como um recorte na história, em uma dada realidade que busca-se esclarecer determinadas situações que inquietam, a partir de então, problematiza-se e dá sustentação teórica, para buscar respostas e dá a resposta que o objeto necessita.

A abordagem dessa pesquisa é quantitativa e qualitativa. Gatti (2004, p. 26) destaca que “sem dados de natureza quantitativa muitas questões sociais/educacionais não poderiam ser dimensionadas, equacionadas e compreendidas, algumas não seriam mesmo levantadas”. E sobre o uso quanti-qualitativa como abordagens nesse trabalho, Ferraro (2012) conclui que em uma perspectiva dialética, não existe quantidade sem qualidade e muito menos qualidade sem quantidade.

Para Minayo (2002, p. 22) a junção entre quantitativo e qualitativo não é dicotômica “ao contrário, se complementam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia”.

As análises dos dados foram realizadas por meio das categorias de análise. Gatti (2004, p. 15) considera que essa forma de análise em pesquisa quantitativa permite o “agrupamento segundo alguma característica, discriminando um agrupamento do outro”, ressaltando ainda que pode-se fazer um cruzamento entre as categorias no intuito de obter maiores informações. Gomes (2002) corroborando com esse pensamento, indicando que essa forma de análise está alinhada também com a abordagem qualitativa.

O instrumento da pesquisa foi o questionário com perguntas fechadas, tendo 12 perguntas sobre ensino, 14 perguntas sobre aprendizagem e 15 sobre avaliação, perfazendo um total de 41 questões. Sobre o questionário, Gil (2008, p. 121) considera que é um conjunto de questões que exposta a pessoas, obtém respostas sobre diversos fatos. Todas as perguntas tiveram 4 (quatro) opções de resposta, sendo elas: discordo totalmente, discordo, concordo e concordo totalmente. E os sujeitos foram 15 graduandos do curso de Pedagogia de uma IES da região norte do país.

O questionário foi entregue na turma do 7º semestre do Curso de Pedagogia de uma IES para preenchimento. Posterior a isso, foi realizado o preenchimento do questionário no Google Drive, e que a partir desse preenchimento, gerou os gráficos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Os resultados da pesquisa deram-se a partir de três categorias de análises, sendo elas: ensino, aprendizagem e avaliação. As questões apresentadas deram-se por meio do questionamento: o que tem a revelar os estudantes do curso de pedagogia de uma

Instituição de Ensino Superior - IES do norte do Brasil em relação ao ensino, aprendizagem e avaliação sobre o uso das redes sociais como facilitador pedagógico na EJA?

A partir das respostas, foi verificado o nível de confiabilidade, medido pelo Alpha de Cronbach. Segundo Alves, Fernandes e Silva (s/a, p. 11) o Alfa de Cronbach é um “coeficiente de correlação quadrado que mede a homogeneidade das perguntas por meio da média todas as correlações entre os itens para ver que de fato parecem. Este índice de consistência interna assume valores entre 0 e 1”. E os autores concluem:

Trata-se de uma correlação média entre perguntas, dado que todos os itens de um questionário utilizam a mesma escala de medição, o coeficiente α é calculado a partir da variância dos itens individuais e da variância da soma dos itens de cada avaliador (ALVES; FERNANDES; SILVA, p. 12).

De acordo com que os autores destacaram, foi verificada a confiabilidade do Alpha de Cronbach, a saber:

A soma de todas as variâncias é: $\sum S_i^2 = 25,20$

A variância da soma dos itens é: $S_T^2 = 242,91$

Se $k = 41$ o número de itens, podemos calcular o Alfa de Cronbach

$$\alpha = \frac{k}{k-1} \left(1 - \frac{\sum S_i^2}{S_T^2} \right)$$

Fazendo as substituições, temos $\alpha = \frac{41}{41-1} \left(1 - \frac{25,20}{242,91} \right)$

Onde foi obtido o valor: $\alpha = 0,92$

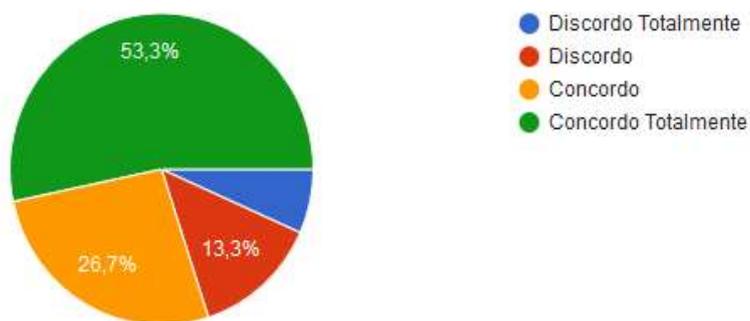
Com isso, o nível de confiabilidade é de 0,92, considerada então uma pesquisa confiável, pois está dentro de uma escala de 0 a 1 como foi proposto por Lee J. Cronbach, em 1951.

Ensino

Sobre o ensino foi pedimos para que os graduandos do curso de Pedagogia refletissem a respeito, para então, recorrer à escala apresentada, e manifestasse seu posicionamento com base no que considera que acontece mais frequentemente na disciplina “Fundamentos da educação de Jovens e Adultos”.

Em relação à primeira pergunta, buscou-se saber se no início da disciplina o professor apresenta aos estudantes os programas da disciplina “Fundamentos da educação de Jovens e Adultos”.

15 respostas



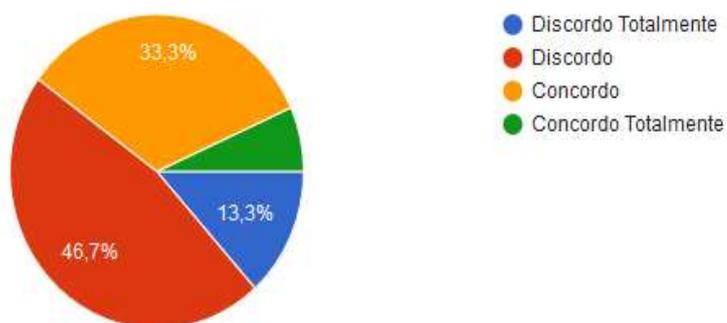
FONTE: Elaborado pelo autor

A imagem apresenta que 53,3% dos graduandos concordam totalmente que os professores apresentam o programa da disciplina no início da mesma. Enquanto que 26,7% apenas concordam. Já 13,3% dos alunos discordam que os docentes apresentam o programa e apenas 6,7% discordam totalmente sobre o que foi colocado na pergunta.

Se o resultado sobressai de forma positiva, o que significa que a universidade e o professor estão cumprindo com o seu papel, que é o de “ensinar-educando, uma vez que postulamos que sem conhecimentos básicos para interpretação do mundo não há verdadeira condição de formação de valores e de exercício de cidadania” (GATTI, 2010, p. 1360). Mas não significa que apenas mostrando o programa está sendo oferecida educação de qualidade, e sim deixando transparentes para os graduandos qual a base teórica, objetivos, metodologia e forma de avaliar.

Perguntou-se na segunda questão se a ementa da disciplina aborda as novas tecnologias que envolvem as redes sociais.

15 respostas

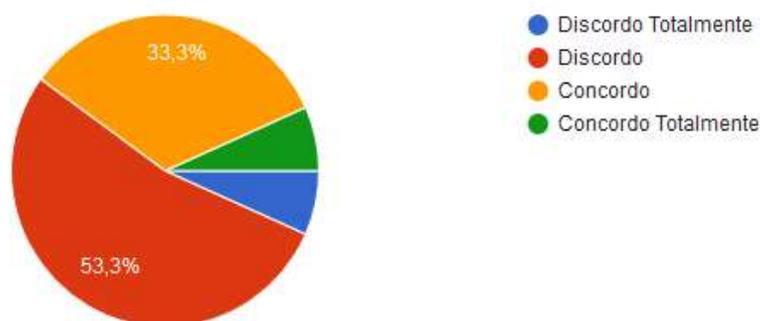


FONTE: Elaborado pelo autor

As respostas foram 46,7% dos graduandos discordam que as ementas das disciplinas abordassem as novas tecnologias que envolvessem as redes sociais e 13,3 discordaram totalmente. Mas em contrapartida 33,3% dos discentes concordam e somente 6,7% concordaram totalmente. No contexto atual, as IES devem fazer uso das tecnologias, levando em consideração que existe um dinamismo social no que concernem as formas de comunicação. Nessa direção, Silva e Serafim (2016, p. 70) destacam que “numa sociedade que se desenvolve, de modo célere, as possibilidades tecnológicas estão se tornando acessíveis e os alunos de hoje em dia estão mais “antenados” com essas tecnologias versáteis”.

Quando perguntado se o professor apresenta as redes sociais como recurso metodológico a ser usado nas aulas.

15 respostas

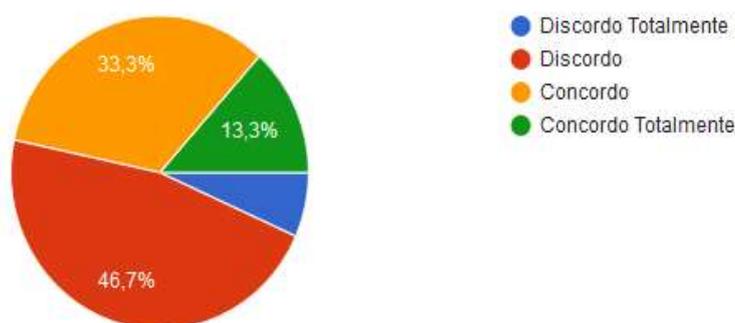


FONTE: Elaborado pelo autor

53,3% dos graduandos discordaram e 6,7% discordaram totalmente que o professor indique as redes sociais como possível recurso metodológico para utilizar nas aulas. Enquanto que 33,3% concordaram e 6,7% concordaram totalmente sobre o que foi perguntado. Mesmo que o aluno tenha necessidade de estender as aulas com o recurso das redes sociais, mas se o docente não entender esse recurso como meio de aprendizagem, as redes sociais passarão despercebidas no desenvolvimento da disciplina/aula. Costa e Ferreira (2012, p. 03) entendem que “nesses contatos, por meio das Redes Sociais, o aluno obtém um atendimento individualizado e uma atenção especial ao problema relacionado com sua aprendizagem o que, na sala de aula, nem sempre é possível”.

Na quarta questão foi perguntado aos graduandos de Pedagogia se o professor relaciona as redes sociais e a EJA no processo de ensino aprendizagem.

15 respostas

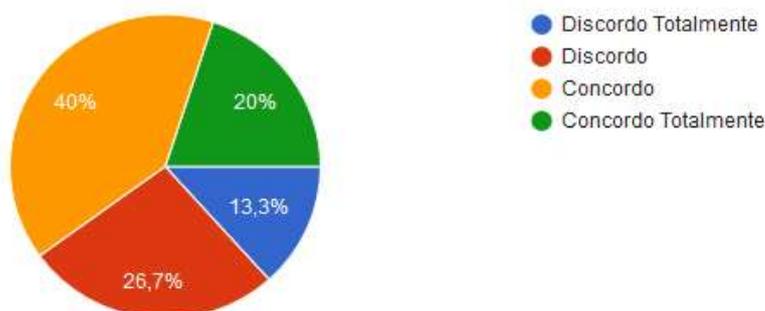


FONTE: Elaborado pelo autor

Observamos que 33,3% dos graduandos concordaram e 13,3% concordaram totalmente. Ficando para os que discordaram totalmente 6,7% e 46,7% para os que discordaram. Somando o percentual de alunos que discordam e discordam totalmente, garante a maioria com 53,4% que responderam que o professor não faz um elo entre as redes sociais e EJA no processo de ensino-aprendizagem. O fato de não relacionar esses recursos, Silva e Serafim (2016, p. 68) atribui ao fato de não estarem sendo ainda muito exploradas nas salas de aula.

Também foi perguntado aos graduandos se o professor da disciplina “Fundamentos da EJA” relaciona a necessidade de aulas diferenciadas para a EJA com o uso das redes sociais.

15 respostas

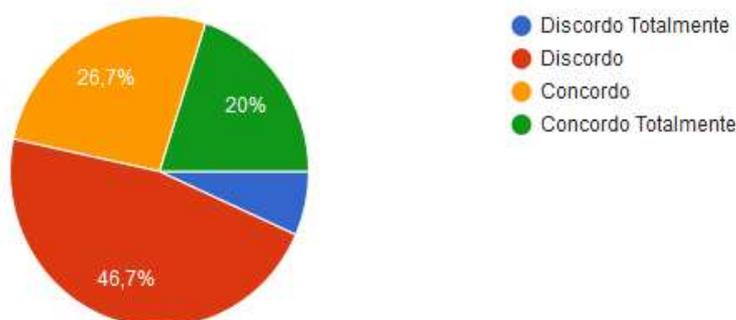


FONTE: Elaborado pelo autor

A maioria dos alunos sugeriu que o professor relaciona a necessidade de aulas diferenciadas para o público da EJA com a utilização das redes sociais, sendo que 40% concordaram e 20% concordaram totalmente. Enquanto que 26,7% discordaram e 13,3% discordaram totalmente. Fica um questionamento com esse resultado, se a maioria dos graduandos respondeu que o professor não relaciona as redes sociais e a EJA no processo de ensino aprendizagem, como a maioria das respostas nessa questão indica que o professor relaciona a necessidade de aulas diferenciadas para a EJA com o uso das redes sociais?

Na sexta questão, perguntou-se aos graduandos se o professor utiliza aparelhos tecnológicos de comunicação (smartphone e tablet).

15 respostas

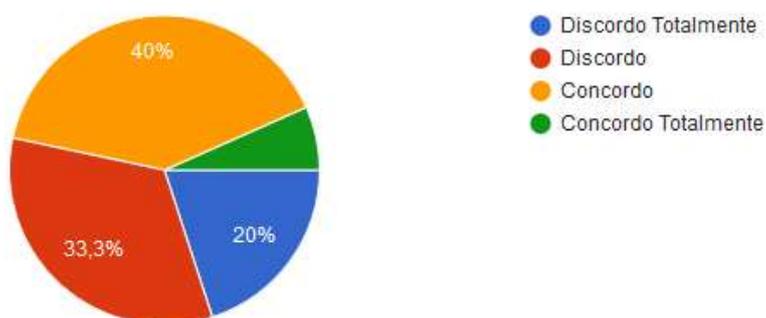


FONTE: Elaborado pelo autor

Os que discordaram totalmente foram 6,7% e os que concordaram totalmente foram 46,7%, perfazendo um total de 53,3% do alunado do curso de Pedagogia que negaram o uso de aparelhos tecnológicos de comunicação (smartphone e tablet) pelo professor referente à questão do ensino. 26,7% concordam e 20% concordam totalmente que o professor utiliza esses aparelhos. Silva e Serafim (2016, p. 70) consideram que não basta ter um aparato tecnológico à disposição, faz-se necessária criatividade para transformá-lo em “informação e conhecimento”.

Na pergunta de número 7 (sete) foi questionado aos alunos se o professor desenvolve atividades que fazem uso das redes sociais para aprendizagem na EJA.

15 respostas

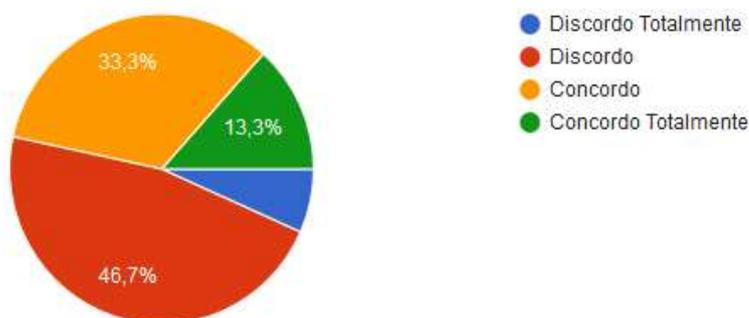


FONTE: Elaborado pelo autor

A representação do gráfico mostra que 40% concordam e 6,7% concordam totalmente. Mas 33,3% discordaram e 20% discordaram totalmente sobre a afirmativa sete. Segundo Mira e Bodoni (2011, p. 109) o público jovem e adulto são os maiores usuários das redes sociais. Dentro disso, faz-se necessário que o professor desenvolva atividades que fazem uso das redes sociais para aprendizagem na modalidade EJA.

Em relação à aprendizagem, foi perguntado se os estudantes têm oportunidade de elaborar atividades para a EJA com base nas redes sociais.

15 respostas

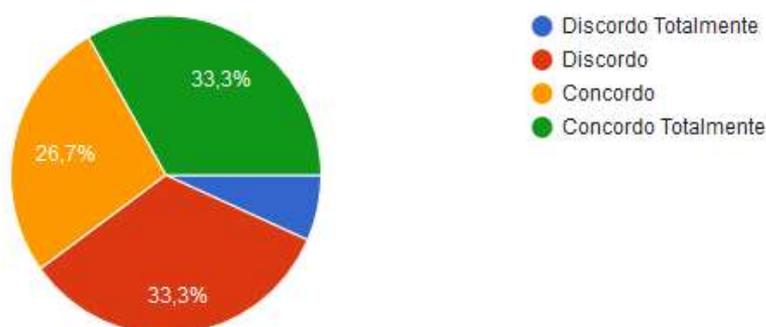


FONTE: Elaborado pelo autor

Os que concordaram foram 33,3% e os que concordaram totalmente foram 13,3%. Já os que discordaram foram bem mais representativos, com 46,7% e os que discordaram totalmente foram 6,7%. A maioria dos graduandos considera não terem tido oportunidade de elaborar atividades para a EJA tendo como base as redes sociais. Machado (2015, p. 09-10) considera necessário refletir sobre os conhecimentos que perpassam as salas de aula, consequentemente a utilização de forma didática dos recursos tecnológicos, para então, ampliar a discussão a respeito das redes sociais “e sua nova forma de comunicação e sociabilidade, é fundamental para o uso consciente e crítico desses recursos tecnológicos e comunicacionais na educação e na vida cotidiana”.

Os graduandos de Pedagogia responderam se o conteúdo trabalhado na disciplina foi realmente voltado para o público da Educação de Jovens e Adultos considerando seus modos de se relacionar em redes sociais.

15 respostas

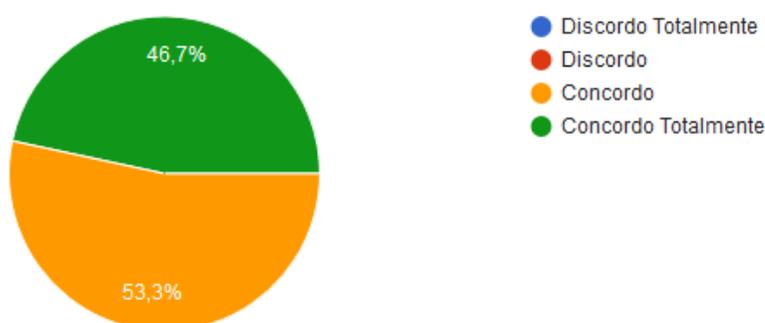


FONTE: Elaborado pelo autor

Sobre a questão nove, as respostas percebidas foram que 26,7% concordam e 33,3% concordam totalmente que a disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos trabalhou conteúdos que levassem em consideração o modo que o público dessa modalidade se relaciona nas redes sociais. Mas os que discordaram foram 33,3% e os que discordaram totalmente representou 6,7%. Levando em consideração o perfil dos discentes da EJA, deve-se refletir que existem várias formas de exclusão social, e uma delas está relacionadas ao acesso restrito de tecnologias digitais e à internet, o que “atingem diretamente a população mais pobre que depende de uma educação pública de qualidade que contemple essa realidade” (MACHADO, 2015, p. 09).

Para saber se a disciplina fazia um link entre sala de aula e realidade das escolas em geral, foi perguntado aos alunos se a disciplina faz o feedback entre a prática pedagógica utilizada na aula e a realidade das escolas.

15 respostas

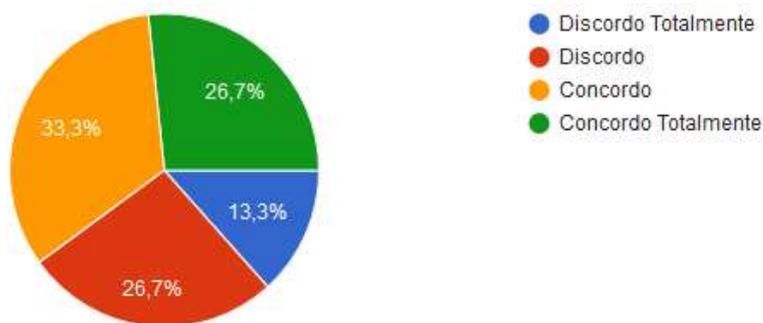


FONTE: Elaborado pelo autor

Nessa questão só tiveram duas respostas, sendo que 53,3% concordaram com a afirmativa e 46,7% concordaram totalmente, ou seja, 100% dos graduandos confirmaram que a disciplina realmente faz o feedback entre teoria e realidade social. Deve-se pensar nas práticas pedagógicas inovadoras, levando em consideração o uso das redes sociais, uma vez que ainda existem muitos equívocos sobre o uso desses recursos e tecnologias nas escolas (SILVA; SERAFIM, 2016, p. 72).

Ainda sobre o ensino, foi questionado para os graduandos se a metodologia utilizada pelo professor sensibiliza os discentes para uma prática diferenciada em sala de aula com uso de redes sociais.

15 respostas

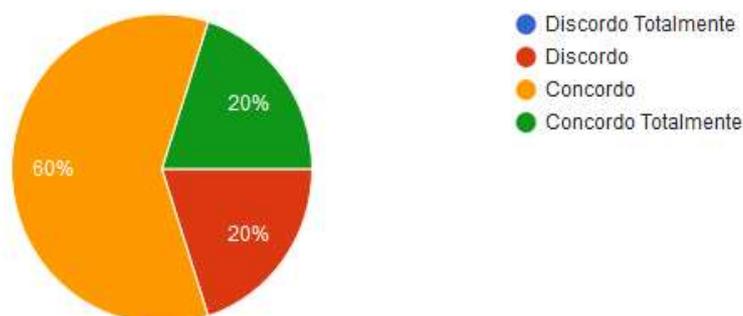


FONTE: Elaborado pelo autor

A maioria dos graduandos respondeu positivamente, onde 33,3% concordam e 26,7% concordam totalmente. Já os que discordaram ficou com 26,7% e os que discordaram totalmente representou 13,3%. Os graduandos que responderam positivamente totalizaram 60% e 40% os que discordaram ou discordaram totalmente. É relevante essa interação entre redes sociais no processo de aprendizagem de futuros profissionais da educação, uma vez que o uso desses novos meios de comunicação “podem se transformar em ambientes educativos, quando associam estratégias de aprendizado a vínculos mútuos, que desenvolvem círculos sociais motivados por um interesse em comum” (ANDRADE; BARBOSA, 2016, p. 05).

A última pergunta sobre o ensino buscou saber se na maioria das disciplinas, as aulas relacionam a Educação de Jovens e Adultos e suas formas de comunicação e relacionamento do dia-a-dia.

15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Para a afirmativa de número doze, foram respondidas três das quatro opções de respostas, ficando distribuídas da seguinte forma. 60% dos graduandos concordaram. 20% concordaram totalmente e 20% discordaram. Com isso, 80% ficaram entre os que concordam

e concordam totalmente. Se as aulas relacionam a Educação de Jovens e Adultos e suas formas de comunicação e relacionamento do dia-a-dia. Então a forma de se relacionar deve ser repensada e utilizada no processo de ensino, visto que “as tecnologias permitem um novo encantamento na escola, possibilitam que alunos conversem e pesquisem com outros alunos da mesma cidade, país ou do exterior, no seu próprio ritmo” (SILVA; SERAFIM, 2016, p. 70).

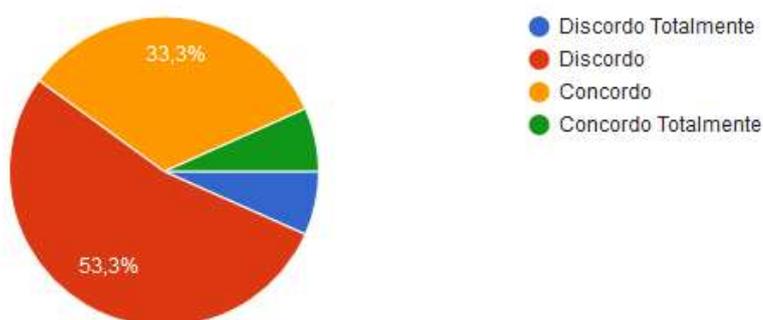
De acordo com as respostas dos graduandos, no que se refere ao ensino, à maioria sinalizam que os professores apresentam o programa, mas que a ementa da disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos não envolve as redes sociais. Consequentemente o professor não apresenta essa tecnologia da comunicação como recurso metodológico que possa ser utilizada em sala de aula.

Aprendizagem

Sobre aprendizagem foi pedido que os graduandos refletissem sobre o tema e recorressem à escala apresentada, manifestassem seus posicionamentos com base no que consideram que acontece mais frequentemente na disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”.

A priori foi perguntado aos graduandos se as avaliações para a disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos” devem focar nos conteúdos constantes nos programas, para realização de provas e/ou exames finais relacionando as redes sociais como ferramenta de aprendizagem.

15 respostas



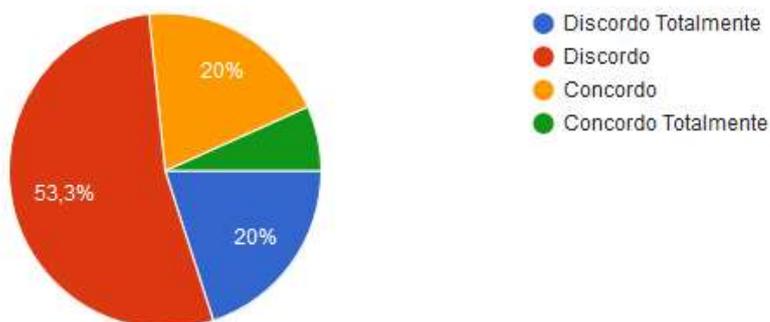
FONTE: Elaborado pelo autor

As respostas apontam que 53,3% discordaram e 6,7% discordaram totalmente. Os que concordaram foram 33,3 e os que concordaram totalmente foram 6,7%. Nesse caso 60% dos discentes discordaram que as avaliações da disciplina devem focar nos conteúdos constantes nos programas, para realização de provas e/ou exames finais relacionando as redes sociais como ferramenta de aprendizagem. Anastasiou (2003, p. 27) classifica que se o professor está ciente “dos objetivos que pretende alcançar com seus alunos, o instrumento

de avaliação será montado de maneira adequada para medir os objetivos propostos pelo/no conteúdo, respeitando a metodologia utilizada”.

Os graduandos responderam se as provas e/ou exames finais são, em geral, suficientes para saber se os estudantes aprenderam o que está previsto no programa da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”.

15 respostas

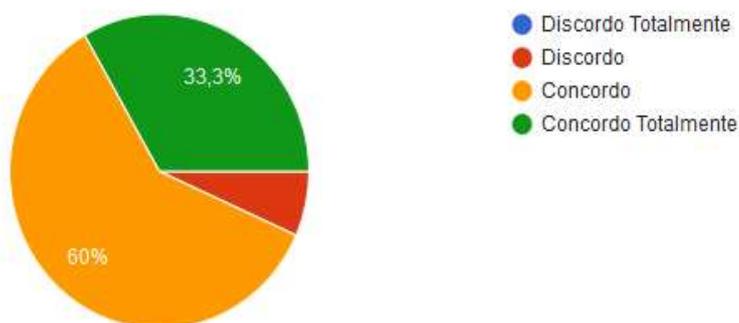


FONTE: Elaborado pelo autor

Observamos que 53,3% discordaram e 20% discordaram totalmente sobre as provas e/ou exames finais serem suficientes para saber se os estudantes aprendem o que está previsto no programa. Enquanto que 20% concordam e 6,7% concordam totalmente com esse posicionamento sobre essa forma de avaliação.

Na terceira questão buscou saber se os graduandos aprendem melhor quando os professores lhes propõem regularmente assuntos relacionados para o seu dia-a-dia, como o uso das redes sociais nas tarefas para serem realizadas ao longo do ano/semestre.

15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

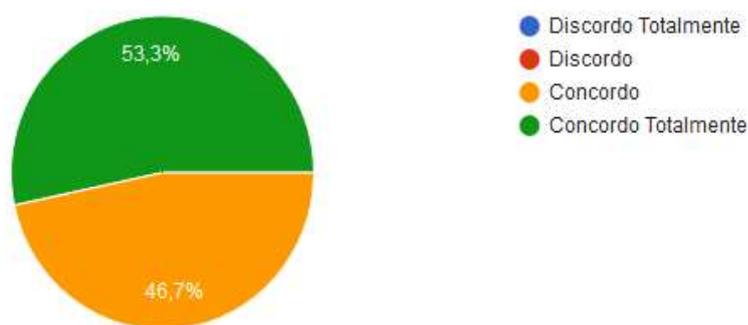
Sobre essa questão, 93,3% dos graduandos responderam de forma positiva que aprendem melhor com assuntos que estão relacionados com o seu cotidiano e principalmente quando os docentes utilizam as redes sociais nas atividades. Ficando dessa

forma representado: 60% concordam e 33,3% concordam totalmente, apenas 6,7% discordaram. Isso mostra-se relevante dentro do processo de aprendizagem, pois, “a partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos atos de criação, recriação e decisão, vai ele dinamizando o seu mundo” (FREIRE, 1967, p. 43).

Nesse viés, Lima (2016, p. 66) considera que “o avanço do conhecimento, verdadeiramente, dá-se pela interação entre saberes já existentes e saberes novos, sobretudo, pela articulação desses recursos com as demandas das comunidades”. Os saberes dos alunos devem ser validados no ambiente escolar e articulados com as tecnologias da comunicação que na atualidade perpassa todas as idades.

A partir de então, foi questionado se a disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos” deve ter relações mais estreitas entre graduandos e professores para que se estabeleçam relações que facilitam a cooperação no processo de ensino-aprendizagem.

15 respostas

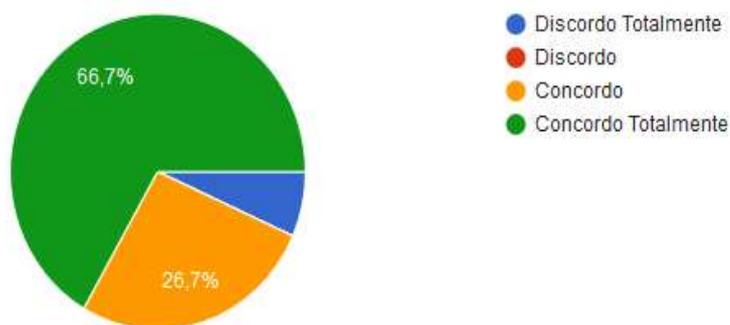


FONTE: Elaborado pelo autor

Os graduandos foram unânimes ao responder que deve-se ter relações mais estreitas entre eles e seus respectivos professores. Com 53,3% concordando totalmente e 46,7% concordando. Partindo desse viés, Anastasiou (2003) considera que os professores e alunos devem travar não uma batalha que gere ódio, muito pelo contrário, devem batalhar para construção do conhecimento, juntos, professor e aluno.

A questão quinta, perguntou se quando os professores utilizam uma diversidade de dinâmicas de sala de aula (ex. trabalho em grande grupo, trabalho em pequenos grupos, trabalho em pares, trabalho individual) facilita a aprendizagem dos graduandos.

15 respostas

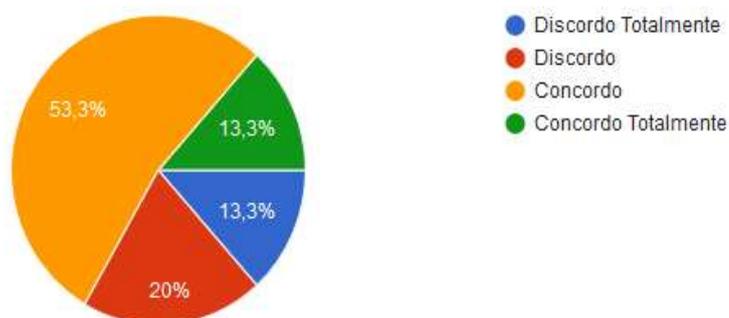


FONTE: Elaborado pelo autor

Outro caso que os graduandos confirmaram que formas diversas de metodologias são facilitadoras de aprendizagem. Dentro disso, 66,7% concordam totalmente e 26,7% concordam. Enquanto que apenas 6,7% dos graduandos discordam totalmente. Duarte (2016, p. 55) considera que a avaliação deve ter três funções: a função diagnóstica, a função formativa e a função somativa. Para isso, o professor não deve adotar apenas um modelo de avaliação, e sim, modelos de avaliação.

Foi perguntado se os graduandos são orientados e apoiados pelos professores a aprenderem de forma autônoma, para além das aulas e com o uso das redes sociais.

15 respostas

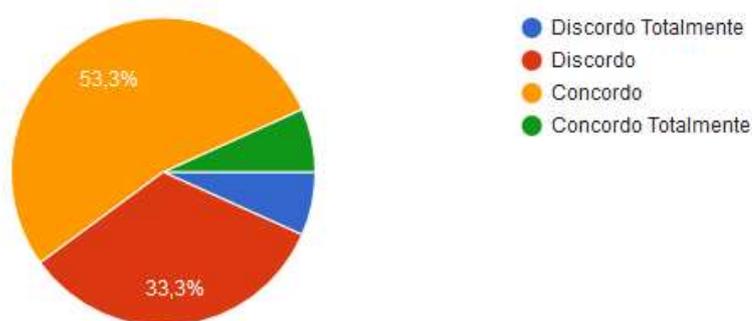


FONTE: Elaborado pelo autor

O gráfico apresenta que 53,3% dos graduandos concordam, somados com mais 13,3% que concordam totalmente que os professores orientam e apoiam para terem autonomia na aprendizagem. Em relação aos que discordam, representam 20% e 13,3% discordam totalmente. Para a extensão da sala de aula via redes sociais não depende só da tecnologia, “mas do trabalho efetuado pelo professor em sala de aula, da sua relação com os alunos, na sua competência em conduzir o processo educativo e de incorporar as novas linguagens” (COSTA; FERREIRA 2012, p. 04).

Foi perguntado se os graduandos utilizam as redes sociais como ferramenta para acompanhamento e orientação pelo professor ao longo do processo de aprendizagem.

15 respostas

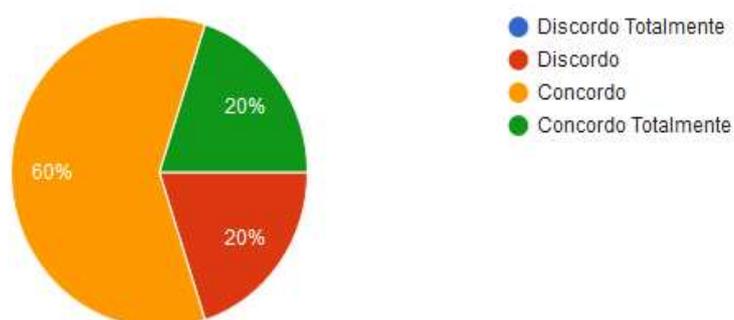


FONTE: Elaborado pelo autor

Em relação à sétima afirmativa, 53,3% concordaram e 6,7% concordaram totalmente que são orientados pelo professor por meio das redes sociais. Já 33,3% discordaram e 6,7% discordaram totalmente dos demais colegas. Para Silva e Serafim (2016, p. 74) o professor deve usar de estratégia para dar maior dinamicidade em suas aulas, “e principalmente capacitar-se, para que este possa explorar mais e com qualidade os recursos advindos das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs)”.

Sobre a aprendizagem dos graduandos, foi perguntado se os mesmos na disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos” utilizam as informações decorrentes das avaliações para a melhoria das suas aprendizagens.

15 respostas



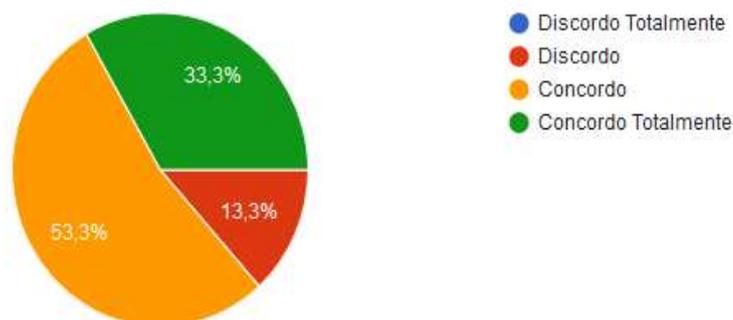
FONTE: Elaborado pelo autor

O gráfico aponta que 60% concordam e 20% concordam totalmente que fazem uso das informações das avaliações para melhoramento das aprendizagens. E apenas 20% destes discordam. O que totaliza 80% dos graduandos que concordam e concordam totalmente. A educação tem esse papel de repensar, não só o aluno, mas o professor deve repensar dentro do processo de ensino-aprendizagem, considerando que “o grande desafio para construir

novos caminhos é uma avaliação com critérios de entendimento reflexivo, conectado, compartilhado no processo ensino-aprendizagem” (DUARTE, 2016, p. 67).

A afirmativa nona colocou a seguinte questão, para os graduandos da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”, aprender significa alcançar os objetivos previstos nos programas da disciplina.

15 respostas

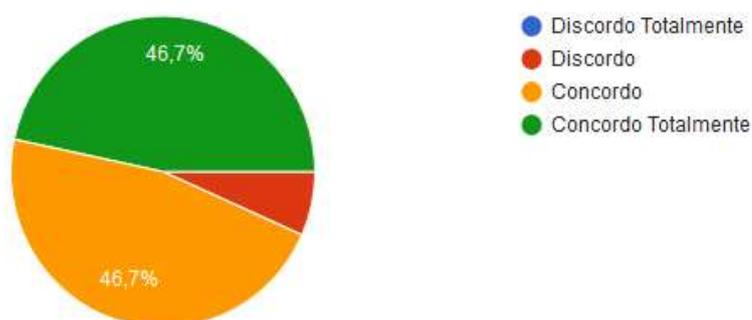


FONTE: Elaborado pelo autor

As respostas ficaram distribuídas da seguinte forma: 53,3% concordam, 33,3% concordam totalmente e 13,3% discordam que aprender significa alcançar os objetivos previstos nos programas da disciplina. Nesse sentido a avaliação culmina com a seleção de material escolhido para o professor, e esses conhecimentos devem ser selecionados “como valorosos, em seus fundamentos e com as mediações didáticas necessárias, sobretudo por se tratar de formação para o trabalho educacional com crianças e adolescentes” (GATTI, 2010, p. 1375).

Buscou-se saber se os graduandos aprendem melhor nas disciplinas em que a avaliação é um processo que se desenvolve de forma contínua ao longo do ano/semestre.

15 respostas



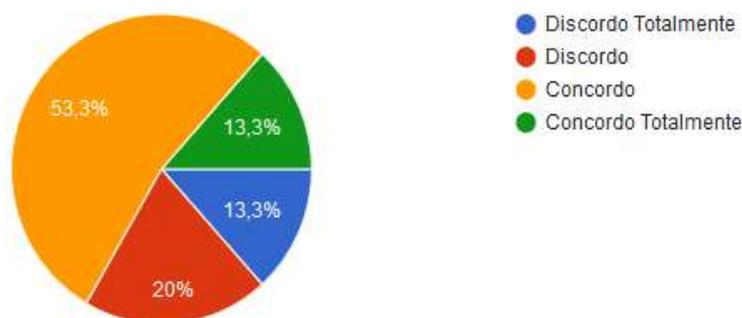
FONTE: Elaborado pelo autor

Os que concordam e concordam totalmente ficaram empatados com 46,7% que os graduandos aprendem melhor nas disciplinas em que a avaliação é um processo que se desenvolve de forma contínua ao longo do ano/semestre e apenas 6,7% discordam. Desta forma, 93,3% dos graduandos entende a partir desse pensamento, a avaliação deve servir

para a reflexão do trabalho, tanto do discente quanto do docente, ou seja, “a avaliação educacional deverá manifestar-se como um mecanismo de diagnóstico da situação, tendo em vista o avanço e o crescimento e não a estagnação disciplinadora” (LUCKESI, 2002, p. 32).

Nesta questão foi colocado se os graduandos, envolvem-se ativamente nas tarefas de aprendizagem que lhes são propostas pelos professores quando utilizam as redes sociais.

15 respostas

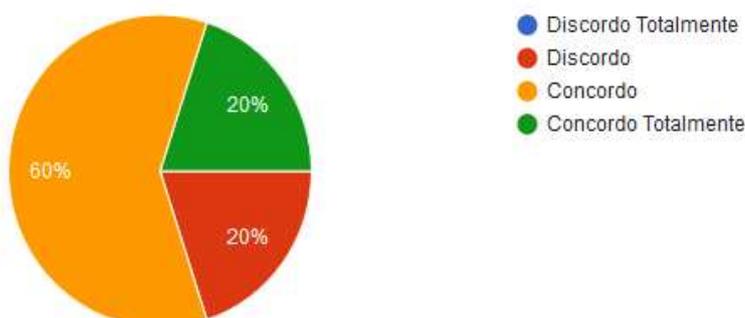


FONTE: Elaborado pelo autor

O gráfico aponta que 53,3% concordam e 13,3% concordam totalmente que quando as redes sociais são utilizadas pelo professor, os graduandos envolvem-se ativamente nas tarefas de aprendizagem. Enquanto que tanto os que discordam e os que discordam totalmente representou 13,3% cada. 66,6% dos graduandos relatam que se envolvem melhor nas atividades com o uso das redes sociais, pois, estas utilizadas de forma pedagógica podem contribuir de forma significativa, como afirmam Silva e Serafim (2016, p. 68).

Os graduandos ponderaram se na maioria das aulas da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos” são estruturadas de forma a criar oportunidades para verificar se os graduandos aprenderam os assuntos previstos no programa.

15 respostas



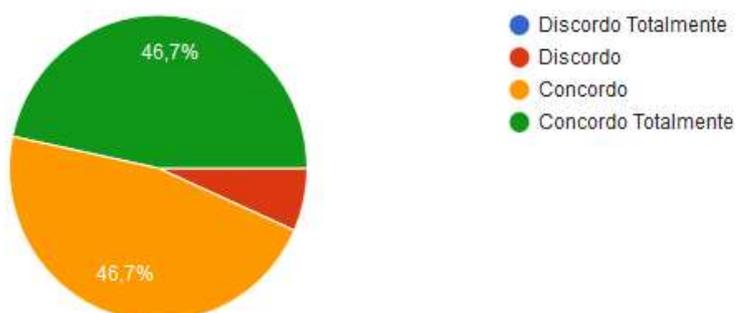
FONTE: Elaborado pelo autor

As respostas ficaram representadas da seguinte forma: 60% dos graduandos concordam e 20% concordam totalmente, somente 20% discordam. 80% dos discentes responderam positivamente que a disciplina em questão é estruturada de forma a criar oportunidades para verificar se os mesmos aprendem os assuntos previstos no programa.

Mesmo com o posicionamento dos graduandos, Gatti (2010, p. 1371) em estudo nas ementas dos cursos de Pedagogia nas Instituições de Ensino Superior no Brasil, e a autora aponta um desequilíbrio “na relação teoria-prática, em favor dos tratamentos mais teóricos, de fundamentos, política e contextualização e que a escola, como instituição social e de ensino”, considerando ainda que “é elemento quase ausente nas ementas, o que leva a pensar numa formação de caráter mais abstrato e pouco integrado ao contexto concreto onde o profissional-professor vai atuar”.

A décima terceira questão perguntou se os graduandos aprendem melhor nas disciplinas em que são, sistematicamente, incentivados pelos professores a participar em todas as atividades.

15 respostas

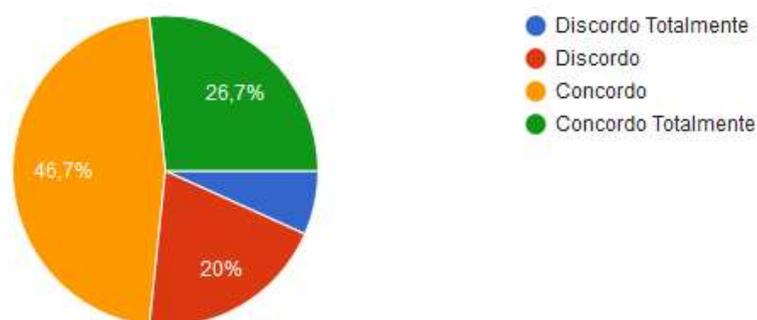


FONTE: Elaborado pelo autor

Nessa questão, apenas três respostas foram colocadas, sendo que 46,7% concordam e a mesma porcentagem de 46,7% para os concordam totalmente, restando 6,7% para os que discordam. Corroborando com essa ideia, Imbernón (2011, p. 39) ressalta que a interação entre o pessoal da escola e membros da comunidade é a chave para o sucesso acadêmico.

Foi questionado se o ambiente existente na maioria das aulas é favorável ao desenvolvimento das aprendizagens por parte dos graduandos.

15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Sobre o ambiente, 46,7% dos graduandos concordam e 26,7% concordam totalmente que o local que acontece às aulas é favorável ao desenvolvimento das aprendizagens. Restando 6,7% para os que discordam totalmente. Se o ambiente está sendo propício para o desenvolvimento da aprendizagem, leva-se a concluir que este ambiente de formação está respeitando as subjetividades e pluralidade de ideias existente no contexto de uma sala de aulas, no sentido que “a subjetividade é o termo dominante na relação sujeito/objeto, enquanto relação de conhecimento” (MARCONDES, 1999, p. 20-21).

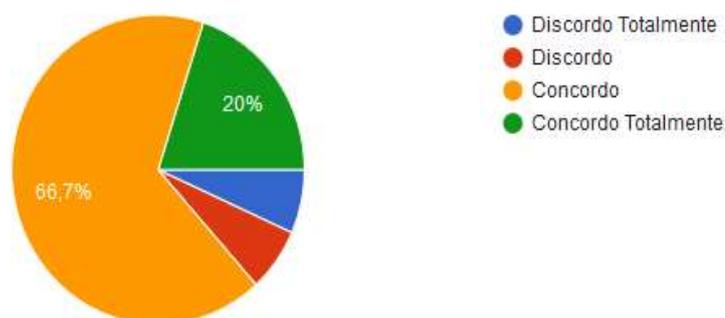
Sobre a aprendizagem, os dados apresentam que os graduandos discordam ou discordam totalmente que as provas e/ou exames finais são suficientes para saber se os estudantes aprendem o que está previsto no programa da disciplina. Mas concordam quando se trata de estreitar os laços entre professor e aluno na disciplina, com a finalidade de facilitar a cooperação no processo de ensino-aprendizagem.

Avaliação

Sobre a Avaliação, foi pedido para os graduandos refletir e recorrer à escala apresentada, e posteriormente manifestar seus posicionamentos com base no que consideram que acontece mais frequentemente na disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”.

No primeiro momento, foi perguntado se na disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos” a avaliação desenvolve-se de maneira contínua ao longo do ano/semestre.

15 respostas

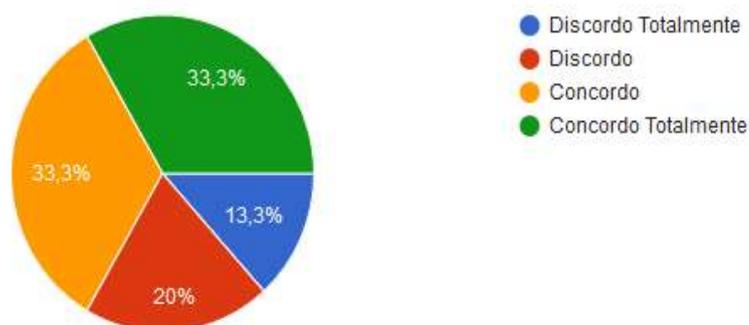


FONTE: Elaborado pelo autor

Para mais de 86,7% dos graduandos a avaliação desenvolve-se de maneira contínua. Sendo, 66,7% que concordam e 20% concordam totalmente. Os graduandos que discordaram representam 6,7% e os discordaram totalmente também ficou com 6,7%. Essa indicação dos graduandos faz concluir que as avaliações ocorrem de forma reflexiva sobre a prática realizada nas aulas, além de “oferecer informações relevantes para o próprio desenvolvimento do ensino na sala de aula em seu dia-a-dia, para o planejamento e replanejamento contínuo da atividade de professores e alunos, como para a aferição de graus” (GATTI, 2003, p. 99).

Conseqüentemente foi perguntado se o professor da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”, ao longo do ano/semestre, debate com os graduandos, frequentemente, a organização e o desenvolvimento do processo de avaliação.

15 respostas



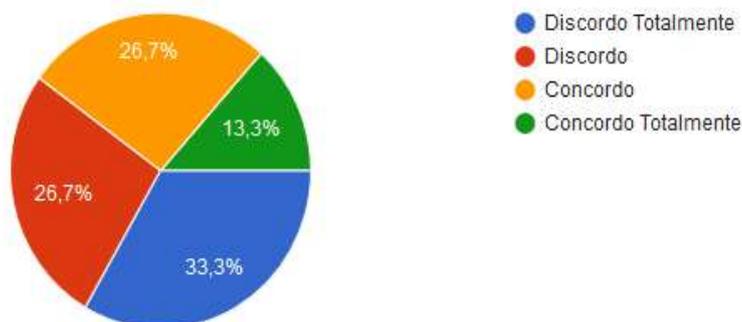
FONTE: Elaborado pelo autor

Nessa representação, evidenciou 33,3% tanto para os que concordaram quanto para os concordaram totalmente. Enquanto os que discordaram apresentou 20% e os que discordaram totalmente apresentou 13,3%. Considerando as respostas dos graduandos, esse processo de avaliação condiz com uma das funções básicas da avaliação segundo Duarte (2016, p. 55), sendo essa, a função diagnóstica, “que se refere ao conhecimento da realidade

através da observação, diálogo e do desenvolvimento de estratégias que possibilitem a caracterização dos espaços, dos sujeitos, das condições a priori”.

Perguntou-se aos graduandos se o processo de avaliação contempla o uso das redes sociais na disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”.

15 respostas



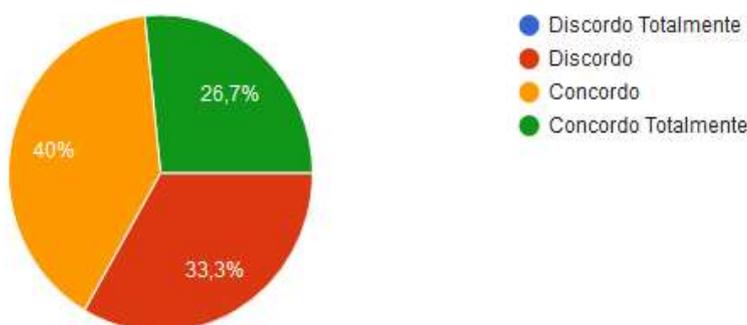
FONTE: Elaborado pelo autor

A maioria dos graduandos sinalizou negativamente, ilustrado da seguinte forma: com 26,7% para os que discordam e 33,3% os que discordam totalmente. Os que acreditam que o processo de avaliação contempla o uso das redes sociais na disciplina em questão somam 40%, sendo 26,7% para quem concorda e 13,3% os que concordam totalmente.

Machado (2015, p. 09) ao descrever uma experiência na disciplina Educação de Jovens e Adultos, utilizando o facebook, destaca que “participação ativa da professora, que posta, frequentemente, informações, vídeos e notícias sobre assuntos relacionados, possibilitaram uma maior imersão nas discussões sobre a educação brasileira e os desafios enfrentados”. Desta forma, as redes sociais se caracterizam como recurso pedagógico, além de estreitar o vínculo entre professor e aluno.

Foi perguntado se os critérios de avaliação utilizados na disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos” são conhecidos pela maioria dos graduandos.

15 respostas

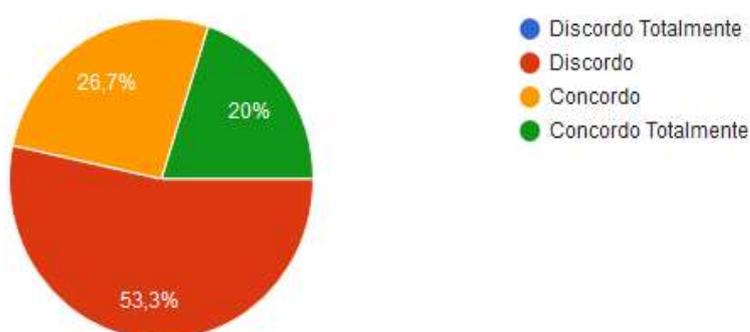


FONTE: Elaborado pelo autor

Apenas três das quatro respostas foram utilizadas pelos graduandos e estão distribuídas, a saber: 40% concordam e 26,7% concordam totalmente e com 33,3% foi à porcentagem dos que discordam. Esse fato leva em consideração o sujeito da ação, no caso, os alunos, sendo destacado por Duarte (2016, p. 56) que quando o aluno conhece os objetivos da avaliação, os mesmos se comprometem mais no processo, numa perspectiva de avaliação formativa.

Os graduandos responderam se no processo de avaliação na disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”, utiliza-se, com frequência, uma diversidade de tarefas e/ou instrumentos (ex. provas, testes, trabalhos, relatórios, apresentações, pesquisas).

15 respostas

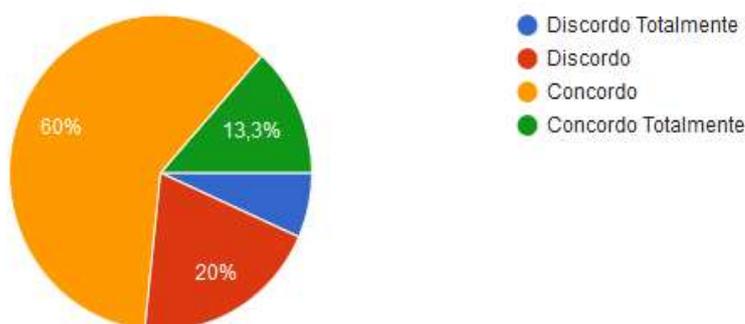


FONTE: Elaborado pelo autor

Observamos que 53,3% dos graduandos discordam que utilizam formas diversificadas nas avaliações. Mas, 26,7% concordam e 20% concordam ter utilizado várias formas de avaliação. Gatti (2003, p. 99) considera fundamental que o docente crie e verifique durante as aulas “atividades diversas que ensejem avaliação de processos de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de atitudes, de formas de estudo e trabalho, individual ou coletivamente, para utilizar no decorrer de suas aulas”.

A sexta questão sugeriu se na disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”, a avaliação é utilizada para atribuir as notas/classificações aos graduandos.

15 respostas



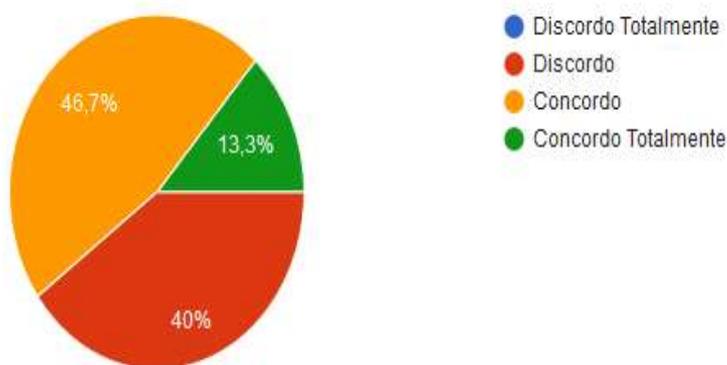
FONTE: Elaborado pelo autor

Quanto à resposta dos graduandos, 60% concordam e 13,3% concordam totalmente, significando que os mesmos consideram que a avaliação é utilizada para atribuir as

notas/classificações. Sendo que 20% discordam e 6,7% discordam totalmente. Sobre isso, Luckesi (2002, p. 34-35) chama a atenção que “o momento de avaliação deveria ser um “momento de fôlego” na escalada, para, em seguida, ocorrer a retomada da marcha de forma mais adequada”. Para esse autor, a avaliação jamais pode ser entendida como local último para chegada, levando em consideração que a aprendizagem é dinâmica.

Seguindo a mesma linha, perguntou se a avaliação é utilizada, com frequência, para orientar os graduandos da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos” a aprenderem melhor.

15 respostas

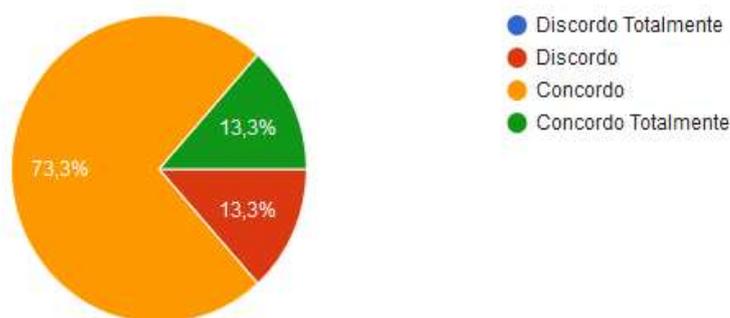


FONTE: Elaborado pelo autor

O gráfico apresenta que 46,7% dos graduandos concordam e 13,3% concordam totalmente que a avaliação é utilizada para orientá-los a aprender melhor. Mas em contrapartida 40% dos discentes discordam. É ponderado por Luckesi (2002, p. 35) que “com a função classificatória, a avaliação não auxilia em nada o avanço e o crescimento. Somente com uma função diagnóstica ela pode servir para essa finalidade”.

Aqui procurou saber se o professor da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”, utiliza, sistematicamente, a avaliação para que os graduandos se conscientizem das suas dificuldades e/ou dos seus progressos na aprendizagem.

15 respostas

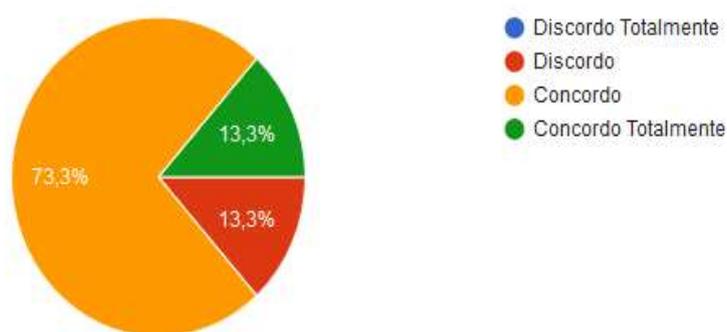


FONTE: Elaborado pelo autor

A maioria respondeu de forma positiva que a partir da avaliação os graduandos se conscientizam de suas dificuldades e/ou dos seus progressos na aprendizagem. E somente 13,3% discordaram sobre esse ponto. A avaliação deve ser reflexiva, “pois é a parte mais importante de todo o processo de ensino-aprendizagem, visto que avaliar é mediar esse processo, oferecer recuperação imediata, promover cada ser humano, acompanhar cada aluno em seus progressos” (DUARTE, 2016, p. 67).

Foi perguntado aos graduandos se em geral, a avaliação realizada na disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos” é consistente com o ensino e com as aprendizagens.

15 respostas

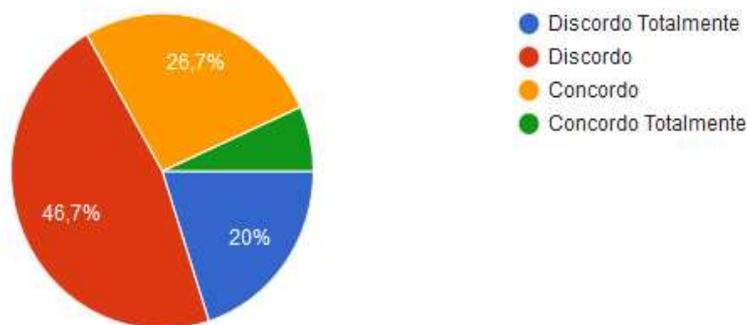


FONTE: Elaborado pelo autor

Observamos que 73,3% concordam e 13,3% concordam totalmente que a avaliação é condiz com o ensino e as aprendizagens oferecidas na disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos, apenas 13,3% discordam. 86,6% dos discentes sinalizam positivamente, então, conclui-se que a avaliação se dá de forma “continuada, variada, com instrumentos e elementos diversificados, criativos e utilizada no próprio processo de ensino, como parte deste, na direção de aprendizagens cognitivo-sociais valiosas para os participantes desse processo” (GATTI, 2003, p. 111-112).

A décima questão sugeriu se os graduandos da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”, são frequentemente, envolvidos em situações em que têm que avaliar o seu próprio trabalho e/ou o dos seus colegas envolvendo as redes sociais.

15 respostas



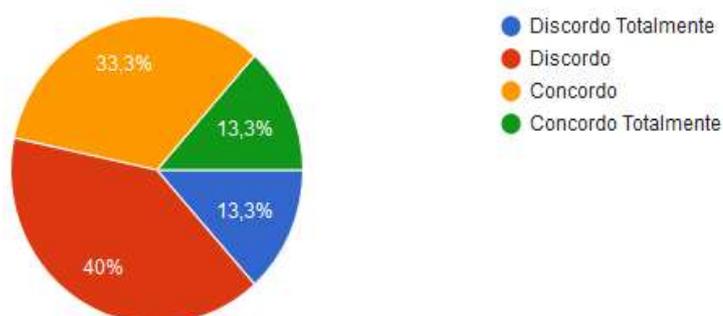
FONTE: Elaborado pelo autor

Os resultados apontam que os discentes do curso de Pedagogia não são envolvidos em situações em que têm que avaliar o seu próprio trabalho e/ou o dos seus colegas envolvendo as redes sociais. Sendo distribuído da seguinte forma: 46,7% discordam e 20% discordam totalmente. Os que concordam representam 26,7% e os que concordam totalmente sé 6,7%.

O processo de formação deve garantir que a ação docente deve ser reflexiva desde a formação, e que esta não desconsidere as tecnologias que permeiam o bojo da sociedade contemporânea. Considerando que a “avaliação se destina ao diagnóstico e, por isso mesmo, à inclusão; destina-se à melhoria do ciclo da vida” (LUCKESI, 2002, p. 180).

Os graduandos responderam se o professor da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”, cria oportunidades para que os graduandos entendam e/ou relacionem os conteúdos formulados a partir das redes sociais.

15 respostas



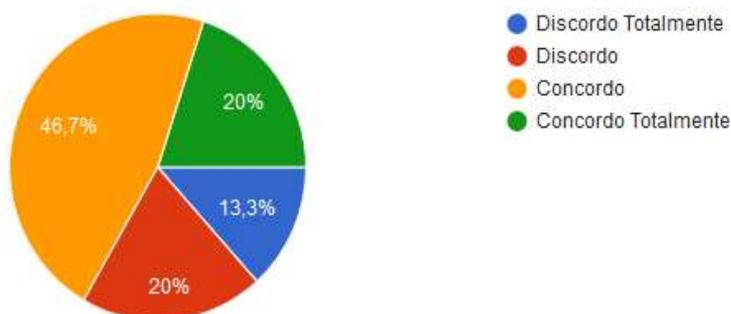
FONTE: Elaborado pelo autor

Observamos que 40% discordam e 13,3% discordam totalmente que o professor da disciplina em questão cria oportunidades para que os graduandos entendam e/ou relacionem os conteúdos formulados a partir das redes sociais. Em relação aos que concordam foram 33,3% e os que concordam totalmente também representou 13,3%. Esse

resultado talvez deva-se ao fato que ambientes como escola “não permitem o acesso a esse tipo de rede social em função do “medo” de que o aluno se interesse por assuntos que não estejam diretamente ligados aos estudos de sala de aula” (SILVA; SERAFIM, 2016, p. 68). Mantendo muitas vezes um distanciamento em relação às tecnologias da informação.

Na décima segunda questão sobre avaliação, foi perguntada se a disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”, os resultados obtidos pelos graduandos nas provas/trabalhos e/ou exames finais são os elementos mais determinantes para a atribuição das suas classificações.

15 respostas

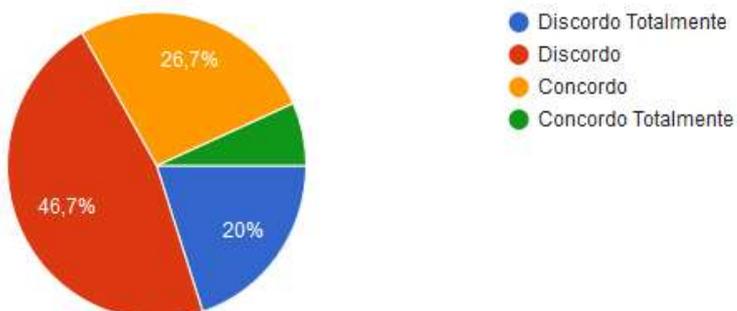


FONTE: Elaborado pelo autor

Com isso as respostas foram que 46,7% concordam, somado a 20% que concordam totalmente, perfazendo um total de 66,7%. Sendo que 20% discordam e 13,3% discordam totalmente. A avaliação não deve ser entendida apenas para classificar, como aponta Luckesi (2002, p. 35) a avaliação deve ser diagnóstica, dessa forma, “será um momento dialético de “senso” do estágio em que se está e de sua distância em relação à perspectiva que está colocada como ponto a ser atingido à frente”.

A respeito do processo avaliativo, foi perguntado se o professor da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos”, envolvem em suas avaliações o uso das redes sociais.

15 respostas



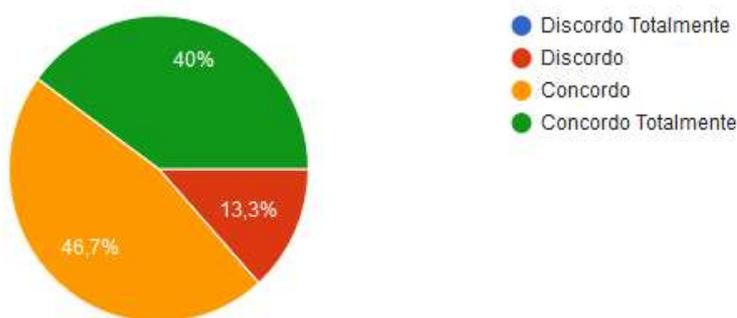
FONTE: Elaborado pelo autor

Nesse caso, 46,7% responderam que discordam e 20% discordam totalmente sobre o sugere a pergunta. Enquanto que 26,7% concordam e 6,7% concordam totalmente. Nesse item, a supremacia foi dos que discordaram. Nesse caso fica evidente o papel do professor, no sentido de oferecer ou não as redes sociais no processo de avaliação.

Na área educacional existe “a necessidade de inovar e acompanhar essas tecnologias para não ficar ultrapassado, pois a tecnologia na educação requer um olhar mais abrangente, envolvendo novas formas de ensinar e de aprender” (SILVA; SERAFIM, 2016, p. 71). Para esses autores existe uma exigência da própria sociedade à utilização das redes sociais, por apresentar uma diversidade, integração e complexidade. É nesse sentido que caminha a sociedade contemporânea.

Os graduandos responderam se o professor da disciplina “Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos” incentiva, com frequência, os estudantes a analisar e/ou refletir acerca das aprendizagens realizadas.

15 respostas

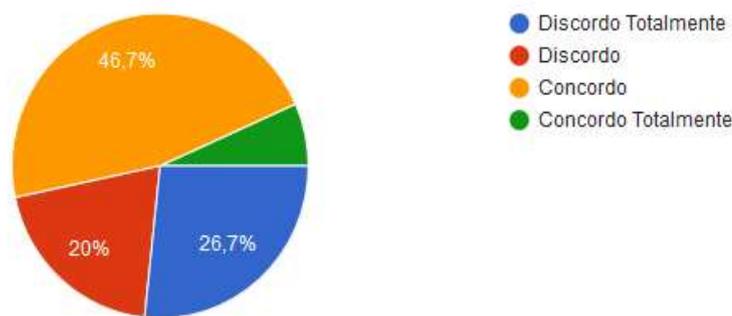


FONTE: Elaborado pelo autor

O gráfico apresenta que 86,7% foram os que concordaram e concordaram totalmente. Na distribuição por resposta, ficou desta forma ilustrada: 46,7% concordaram e 40% concordaram totalmente. Apenas 6,7% foram os que discordaram. É considerável a quantidade de graduandos que responderam positivamente, que dizer que o professor não está sendo “apenas como técnico infalível, mas como facilitador de aprendizagem, um prático reflexivo, capaz de provocar a cooperação e participação dos alunos” (IBERNÓN, 2011, p. 41).

A última questão procurou saber se as informações resultantes das avaliações são utilizadas pelos graduandos para orientar e/ou reorientar as suas formas de estudar utilizando as redes sociais.

15 respostas



FONTE: Elaborado pelo autor

Observamos que 46,7% foram os graduandos que concordaram e 6,7% os que concordaram totalmente. Os que discordaram foram 20% e os que discordaram totalmente foram 26,7%. Com uma diferença ínfima de 3,4% que sobressaiu os que concordam e concordam totalmente.

Para Duarte (2016, p. 54) a avaliação “deve ser entendida pelo professor como processo de acompanhamento e compreensão dos avanços, dos limites e das dificuldades dos alunos para atingirem os objetivos da atividade de que participam”. A partir de uma avaliação diagnóstica as informações resultantes das avaliações serão mais bem utilizadas pelos graduandos para orientar e/ou reorientar as suas formas de estudar utilizando as redes sociais.

A avaliação apresenta-se de forma contínua ao longo do semestre de acordo com 86,7% dos graduandos. Mas em contrapartida o processo de avaliação não contempla o uso das redes sociais na disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos e 73,3% dos graduandos consideram que a avaliação é utilizada apenas para atribuir notas e classificação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse trabalho teve como objetivo analisar como os graduandos de pedagogia de uma IES da região norte do país relacionam ensino, aprendizagem e avaliação com as redes sociais e EJA. Considerando que são futuros professores das séries iniciais dessa modalidade de ensino e que sua formação possivelmente lhe dará base teórica e metodológica para que seja desenvolvida em sala de aula.

As redes sociais estão no bojo da sociedade, que por sua vez está cada vez mais se relacionando por esse meio de comunicação tão eficiente, prático e rápido. A educação deve estreitar os laços com essas tecnologias da comunicação e utilizá-las no processo de ensino, aprendizagem e avaliação.

Desconsiderar as redes sociais nesses três processos de construção de conhecimento é não se situar no tempo-espaço que o mundo se encontra. As redes sociais fazem parte da vida de quase 60% dos brasileiros, como aponta estudos.

Esse “novo” conhecimento ou nova forma de se comunicar deve ser ressignificado no espaço escolar, principalmente nos cursos de formação, pois desses cursos sairão futuros professores que serão desafiados pelas tecnologias da comunicação que permeia em todos os espaços.

Ao se tratar dos graduandos do curso de pedagogia, futuros pedagogos que são os profissionais que atenderão os alunos da Educação de Jovens e Adultos nas séries iniciais, necessitam de uma formação que tenha um olhar sensível no que tange as redes sociais no processo de ensino, aprendizagem e avaliação relacionando o cotidiano do seu alunado com práticas pedagógicas diferenciadas para essa modalidade de ensino que carrega suas especificidades.

As discussões e conclusões aqui expostas, só foram possível devido às respostas dos graduandos que revelaram como o curso de pedagogia de uma Instituição de Ensino Superior - IES do norte do Brasil está relacionando o ensino, aprendizagem e avaliação com o uso das redes sociais como facilitador pedagógico na EJA, isso a partir do questionário.

Em relação ao ensino, as redes sociais não estão presentes durante esse processo, pois, o professor da disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos não utiliza esse meio de comunicação como recurso pedagógico. Talvez deva-se ao fato do currículo da disciplina não apontar a necessidade das redes sociais no contexto da EJA.

No que diz respeito à aprendizagem, os graduandos destacam que aprendem melhor quando os assuntos relacionam-se ao cotidiano. E os laços entre docente e discente devem ser mais estritos. O uso das redes sociais deve fazer parte do processo de ensino-aprendizagem, visto que é um meio de comunicação que faz parte de um número significativo de brasileiros.

Sobre a avaliação, os graduandos deixaram claro que as avaliações que eles passam, mesmo levando em consideração o cotidiano, são frequentemente usadas para classificá-los. E que as redes sociais não estão dentro do processo de avaliação.

Faz-se necessário uma revisão tanto no Projeto Político Pedagógico do Curso de Pedagogia, quanto do currículo da disciplina Fundamentos da Educação de Jovens e Adultos dessa Instituição de Ensino Superior, no sentido de ampliar a discussão sobre o uso das redes sociais não só nessa disciplina em específico, mas durante todo o curso, tendo em vista que é um curso muito amplo, que forma seus profissionais para trabalhar em ambientes diversos e distintos.

As redes sociais estão em curso de forma dinâmica, a sociedade vê a necessidade de estar sempre conectada. As IES e escolas no geral não devem ficar de fora dessa discussão, utilizando esse recurso metodológico no desenvolver das aulas e/ou disciplinas.

REFERÊNCIA

ALVES, Fábio; FERNANDES, Ana Paula; SILVA, Ademilson. **Confiabilidade e o Alfa de Cronbach**. Belém, (sem ano).

ANASTASIOU, Lea das Graças Camargos. **AVALIAÇÃO, ENSINO E APRENDIZAGEM: anotações para um começo de conversa...** (UFSC. Impresso), 2003. Disponível em: <<http://www.uel.br/graduacao/odontologia/portal/pages/arquivos/NDE/AVLIA%C3%87%C3%83O,%20ENSINO%20E%20APRENDIZAGEM.pdf>>. Acessado em: Fevereiro de 2019.

ANDRADE, Vivian Galdino de; BARBOSA, Rita Cristina. As Redes Sociais: Uma Experiência de Ensino e Aprendizagem no Curso de Pedagogia da UFPB – Campus III. **Anais...** III Congresso Nacional de Educação, 2016. p. 1-12. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD1_SA4_ID5506_08082016115238.pdf>. Acessado em: Janeiro de 2019.

BRASIL. **Lei Nº 9.394 de 1996**. Estabelece a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>. Acessado em: Janeiro de 2019.

_____. **Resolução Nº 1 de 2006**. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. CNE/CP. Brasília, 2006. Disponível em: <portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acessado em: Dezembro de 2015.

CASTRO, Janiery da Silva. **Aprendizagem pela internet na formação docente continuada para a gestão da violência na escola**. 2013, 132 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2013.

COSTA, Ana Maria Simões Netto; FERREIRA, André Luís Andrejew. Redes Sociais na Educação: aprendizagem colaborativa no ensino de Matemática. **Anais...** 1º Seminário Nacional de Inclusão Digital. Passo Fundo, 2012. Disponível em: <http://www.pucrs.br/ciencias/viali/tic_literatura/artigos/redes/Costa_Ferreira.pdf>. Acessado em: Janeiro de 2019.

COSTA, Thaís. **Quais são as redes sociais mais usadas no Brasil?** Disponível em: <<https://rockcontent.com/blog/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>>. Acessado em: Fevereiro de 2019.

CRUZ NETO, Otávio. O Trabalho de Campo como Descoberta e Criação. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 51-66.

DUARTE, Carlos Eduardo. AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM ESCOLAR: COMO OS PROFESSORES ESTÃO PRATICANDO A AVALIAÇÃO NA ESCOLA. **HOLOS**, [S.l.], v. 8, p. 53-67, jan. 2016. ISSN 1807-1600. Disponível em: <<http://www2.ifrn.edu.br/ojs/index.php/HOLOS/article/view/1660/1310>>. Acesso em: Fevereiro de 2019. doi: <https://doi.org/10.15628/holos.2015.1660>.

FERRARO, Alceu Ravanello. Quantidade e qualidade na pesquisa em educação na perspectiva da dialética marxista. **Pro-Posições**, Campinas, v. 23, n. 1 (67), p. 129-146, jan./abr. 2012. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/pp/v23n1/09.pdf>. Acesso em: Junho de 2016.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1967.

GATTI, Bernadete. Estudos quantitativos em educação. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 11-30, jan./abr. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a02v30n1.pdf>. Acesso em: Fevereiro de 2019.

_____. Formação de Professores no Brasil: características e problemas. **Educação e Sociedade**. Campinas, v. 31, n. 113, p. 1355-1379, out.-dez. 2010. Disponível em: <<http://www.cedes.unicamp.br>>. Acessado em: Junho de 2016.

_____. O Professor e a Avaliação em Sala de Aula. **Estudos em Avaliação Educacional**. São Paulo, n. 27, p. 97-114, jan-jun/2003. Disponível em: <<https://www.fcc.org.br/pesquisa/publicacoes/eae/arquivos/1150/1150.pdf>>. Acessado em: Fevereiro de 2019.

GIL, Antonio Carlos. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GOMES, Romeu. A Análise de Dados em Pesquisa Qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 67-80.

JULIANI, Douglas Paulesky et al. Utilização das redes sociais na educação: guia para o uso do *Facebook* em uma instituição de ensino superior. **Novas Tecnologias na Educação**. V.10, Nº 3, Dezembro de 2012. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/renote/article/view/36434>>. Acessado em: Fevereiro de 2019.

IBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e incerteza**. Tradução Silvana Cobucci Leite. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção questões da nossa época; v. 14).

LIMA, Jailson Silva. **As TIC no Contexto Formativo da EJA: Um Olhar Reflexivo Sobre a Vida Escolar em Redes Sociais de Estudantes do Proeja**. 2016, 181 f. Dissertação de Mestrado

(Mestrado Profissional em Educação de Jovens e Adultos) – Universidade do Estado da Bahia, Salvador, 2016.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **A avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições**. 12. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO, Bárbara Tostes. DIÁLOGO EM REDE: O USO DO FACEBOOK NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS. **Anais...** V Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos. Campinas, SP, 2015. Disponível em: <<http://sistemas3.sead.ufscar.br/snfee/index.php/snfee/article/view/87>>. Acesso em: Fevereiro de 2019.

MARCONDES, Danilo. A crise dos paradigmas e o surgimento da Modernidade. *In*: BRANDÃO, Zaia (org.). **A CRISE DOS PARADIGMAS E A EDUCAÇÃO**. São Paulo: CORTEZ, 1999. p. 14-29.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Sousa (org.). **Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade**. 21 ed. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 09-30.

NÓVOA, Antonio. Nada substitui um bom professor: propostas para uma revolução no campo da formação de professores. *In*: GATTI, Bernardete Angelina et al (Org.). **Por uma política nacional de formação de professores**. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

SILVA, Francineide Sales da; SERAFIM, Maria Lúcia. Redes Sociais no Processo de Ensino Aprendizagem: com a palavra o docente. *In*: SOUSA, Robson Pequeno et al. (orgs.). **Teorias e práticas em tecnologias educacionais** [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2016, pp. 67-98. ISBN 978-85-7879-326-5.

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES

ANA PAULA CUNHA DOS SANTOS FERNANDES



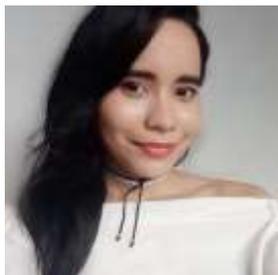
Doutora pelo Programa de Pós Graduação em Educação Especial na Universidade Federal de São Carlos - UFSCAR. Mestre em Educação pela Universidade do Estado do Pará-UEPA. Atualmente é professora na Universidade do Estado do Pará (UEPA) nas licenciaturas e no Programa de Pós-Graduação em Educação - Linha Formação de Professores e Práticas Pedagógicas. Integra a Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPED). Pesquisadora na Rede Educação Inclusiva na Amazônia Paraense e do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Direito à Educação - Educação Especial (NEPEDE-EEs). Coordena o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Especial da Amazônia - GEPEEAm. Possui experiência na área de Educação atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de Professores; Educação Especial; Educação Especial do campo.

FÁBIO JOSÉ DA COSTA ALVES



Possui Licenciatura em Matemática pela União das Escolas Superiores do Pará - UNESPa, Licenciatura em Ciências de 1º Grau pela União das Escolas Superiores do Pará - UNESPa, graduação em Engenharia Civil pela Universidade Federal do Pará, Mestrado em Geofísica pela Universidade Federal do Pará, Doutorado em Geofísica pela Universidade Federal do Pará e Pós-Doutorado pelo Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Atualmente é Professor Adjunto IV da Universidade do Estado do Pará, Docente do Mestrado em Educação/UEPA e Docente do Mestrado Profissional em Ensino de Matemática/UEPA. Líder do Grupo de Pesquisa em Ensino de Matemática e Tecnologias e Vice líder do Grupo de Pesquisa em Cognição e Educação Matemática da UEPA. Está atuando no desenvolvimento de software educativo para o ensino de matemática. Têm experiência em Educação Matemática e matemática aplicada. Tem experiência na área do ensino a distância. Tem experiência em Geociências, com ênfase em Geofísica Aplicada, nos temas: deconvolução, filtragem com Wiener, atenuação e supressão de múltiplas.

BIANCA SUELEN PANTOJA NASCIMENTO



Possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará - UEPA. Possui especialização em Gestão Educacional e Docência do Ensino Superior na Escola Superior da Amazônia - Esamaz. É pesquisadora no Grupo de Pesquisa em Ensino de Matemática e Tecnologias (GPEMT). Em participou como bolsista do Projeto de Extensão em Patrimônios Culturais na Amazônia. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em séries iniciais e em educação no ensino superior.

BIANCA CAMPOS VALENTE



Mestre em Educação pelo Programa de Pós- Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará, Especialista em Metodologia do Ensino Superior, possui graduação em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará. Atualmente pedagoga na Universidade do Estado do Pará, coordenadora de avaliação. Tem experiência na área de Educação Superior, na educação básica, atuei na modalidade EJA, e na Gestão, com ênfase em Planejamento Educacional, Avaliação Educacional/ Avaliação do Ensino Superior, Didática e formação de Professores. Atuei como secretaria escolar na empresa SESI- PA (2011-2013), diretora da Escola SESI- Belém e professora da educação básica, educação superior e tutora na modalidade EAD.

CIRA NAIÁ CAMPOS BARBOSA



Possui graduação em Licenciatura Plena em Matemática- A distância pela Universidade do Estado do Pará e especialização em Especialização em Educação Matemática pela Universidade do Estado do Pará, Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará. Atualmente é Professor da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do ARARI e Professora da Prefeitura Municipal de Paraupebas.

HADASSA QUEIROZ DE SOUZA DAMASCENO



Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação pela Universidade do Estado do Pará-UEPA, pela linha de Pesquisa Formação de Professores. Possui graduação em Bacharel em Teologia - Seminário Teológico de Fortaleza. Licenciada em Ciências da Religião pela Universidade Vale do Acaraú. É especialista pela Universidade Federal do Amazonas em Coordenação Pedagógica e Mídias na Educação e pela Universidade FAEL é especialista em Educação

Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão. Trabalhou como formadora de professores na área de Música e Movimento, Diversidade Religiosa, Diversidade Étnico Racial e como formadora em Ensino Religioso. Atualmente trabalha como professora de Ensino Religioso do 6º ao 9º ano.

IRANILDO DA SILVA OLIVEIRA



Mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED, da Universidade do Estado do Pará - UEPA, na Linha de Pesquisa Formação de Professores e Práticas Pedagógicas. Especialista em Atendimento Educacional Especializado. Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado do Pará - UEPA. Atuante no Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Especial na Amazônia - GEPEEAm.

